



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS - CECH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

IVO DI CAMARGO JUNIOR

**ENTRE ECOS E DISSONÂNCIAS: UM ENCONTRO DIALÓGICO ENTRE
VYGOTSKY (1896-1934) E O CÍRCULO DE BAKHTIN (1895-1975)**

**SÃO CARLOS-SP
2025**

IVO DI CAMARGO JUNIOR

**ENTRE ECOS E DISSONÂNCIAS: UM ENCONTRO DIALÓGICO ENTRE
VYGOTSKY (1896-1934) E O CÍRCULO DE BAKHTIN (1895-1975)**

Tese apresentada ao Programa de
[Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Federal de
São Carlos, para obtenção do título de
Doutor em Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Poliana Bruno
Zuin

SÃO CARLOS-SP

2025

Di Camargo Jr., Ivo

Entre ecos e dissonâncias: um encontro dialógico entre Vygotsky (1896-1934) e o Círculo de Bakhtin (1895-1975). / Ivo Di Camargo Jr. -- 2025. 176f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos. Orientador (a): Poliana Bruno Zuin

Banca Examinadora: Profa. Dra. Poliana Bruno Zuin, Profa. Dra. Marisa Bittar, Profa. Dra. Sandra Aparecida Riscal, Prof. Dr. Fábio Marques de Souza, Profa. Dra. Rosângela Nogarini Hilário

Bibliografia

1. Mikhail Bakhtin. 2. Lev Vygotsky. 3. Relações Dialógicas. I. Di Camargo Jr., Ivo. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática

(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado do candidato Ivo de Camargo Junior, realizada em 06/08/2025.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Poliana Bruno Zuin (UFSCar)

Profa. Dra. Marisa Bittar (UFSCar)

Profa. Dra. Sandra Aparecida Riscal (UFSCar)

Prof. Dr. Fábio Marques de Souza (UFMG)

Profa. Dra. Rosângela Nogarini Hilário (UNESP)

A Amarílio Ferreira Junior (in memoriam), cuja ausência é apenas física, pois sua presença se eternizou nos gestos, nas palavras e nos pensamentos que brotam em mim e nos tantos que com ele aprenderam a ver o mundo com mais delicadeza e profundidade.

A ele, que me ensinou muito além das páginas dos livros, ofereço este trabalho como tributo vivo da sua influência. Porque ensinar, como tão bem disse Rubem Alves, é um exercício de imortalidade: “De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra.” E assim, o professor não morre. Ele se refaz em cada semente que lança e floresce em outros.

Que esta tese carregue, em cada linha, o sopro generoso de sua voz e que sua luz siga pulsando através das ideias, da escuta, do afeto e do compromisso ético que ele semeou.

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta tese representa não apenas a finalização de um ciclo acadêmico, mas também o entrelaçamento de inúmeras vidas, gestos, ensinamentos e afetos que me acompanharam ao longo deste percurso. É com gratidão profunda que volto meu olhar para aqueles e aquelas que me sustentaram, incentivaram e iluminaram este caminho.

A Deus, fonte de sabedoria, alento e direção, agradeço por ter me capacitado nos momentos de dúvida, por ter sussurrado coragem quando tudo parecia incerto, e por ter me permitido enxergar sentido mesmo nos percursos mais sinuosos.

Aos meus pais, que me criaram com dedicação, firmeza e ternura, agradeço por acreditarem em mim muito antes que eu mesmo acreditasse. Seus exemplos de dignidade, esforço e generosidade são as raízes mais profundas da minha caminhada. Meu pai (*in memoriam*), Deus o guarde em amor.

A minha família e às pessoas que amo, meu eterno carinho. Sua presença constante, mesmo na ausência física, serviu como porto seguro e motivação. Cada palavra de incentivo, cada silêncio acolhedor, cada olhar de apoio reverberou em mim e me empurrou adiante.

Aos colegas de pesquisa e aos integrantes dos grupos de estudo e diálogo bakhtinianos, deixo meu reconhecimento pela riqueza das trocas, pela cumplicidade nas reflexões e pela construção coletiva de saberes. Com vocês, aprendi que pensar junto amplia o mundo.

Aos professores e professoras que compõem a banca examinadora, minha gratidão sincera pela generosidade em dedicar tempo e pensamento à leitura deste trabalho. Suas contribuições críticas e sensíveis ecoam nas páginas desta tese e seguirão ressoando além dela.

A minha orientadora, Prof.^a Dra. Poliana Bruno Zuin, meu mais caloroso agradecimento. Sua acolhida afetuosa e comprometida após a perda do meu querido e inesquecível orientador, Prof. Dr. Amarílio, foi decisiva. Seu cuidado ético e intelectual manteve vivo o espírito deste trabalho, transformando dor em potência criativa. Ao saudoso Prof. Dr. Amarílio, que me guiou com sabedoria e humanidade, dedico minha admiração eterna. Seu legado permanece presente em cada linha que escrevi.

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação, agradeço pelas provocações teóricas, pelo estímulo ao pensamento crítico e pela confiança depositada em meu percurso. Cada disciplina, cada encontro, cada desafio foi essencial para moldar esta travessia acadêmica.

À Universidade Federal de São Carlos, berço desta formação, agradeço não apenas pelos recursos e estrutura, mas sobretudo por cultivar um ambiente onde a pesquisa se faz com liberdade, responsabilidade e compromisso ético. É um privilégio ter caminhado por seus corredores e dialogado com suas ideias.

Este trabalho não é fruto de uma única voz. É uma polifonia de afetos, presenças e saberes. A cada um e cada uma que, de alguma forma, contribuiu para a realização desta tese, meu sincero e profundo obrigado.

A verdade não nasce, nem se encontra na cabeça de um único homem; ela nasce entre os homens, que juntos a procuram no processo de sua comunicação dialógica.

Mikhail Bakhtin

Nós nos tornamos nós mesmos através dos outros.

Lev Vygotsky

RESUMO

Esta tese propõe um diálogo crítico e interdisciplinar entre as teorias de Lev Vygotsky e do Círculo de Bakhtin, com o objetivo de evidenciar as convergências e tensões que emergem de suas abordagens sobre linguagem, consciência, subjetividade e desenvolvimento humano. Parte-se da hipótese de que, embora não haja evidência direta de um contato formal entre ambos, Vygotsky e Bakhtin tiveram conhecimento mútuo de suas obras e compartilharam círculos intelectuais na União Soviética das décadas de 1920 e 1930. Esse contexto comum teria possibilitado trocas de ideias significativas, principalmente a respeito da linguagem como fenômeno social e da formação da consciência dialógica. A análise histórico-cultural desenvolvida nesta tese destaca a participação ativa de ambos os autores nos debates sobre mediação semiótica e interações sociais, o que enriqueceu suas concepções teóricas e favoreceu um diálogo implícito entre suas perspectivas. Nesse sentido, o trabalho evidencia a centralidade do diálogo como elemento estruturante da consciência e como mediador social e psicológico na constituição do sujeito. Ainda que partam de referenciais distintos, as teorias de Vygotsky e do Círculo de Bakhtin convergem na compreensão do discurso como fenômeno polifônico e na concepção do discurso interno como um diálogo internalizado. Além disso, a tese aprofunda a análise das relações entre linguagem, cultura e identidade, situando a subjetividade como produto e, simultaneamente, produtora das relações sociais. Ao fazê-lo, reafirma a potência de um diálogo teórico entre Vygotsky e Bakhtin para a elaboração de novas reflexões sobre o humano. Por fim, enfatiza-se a relevância de expandir essa interlocução crítica entre os dois autores, como forma de impulsionar debates contemporâneos nos campos da educação, da cultura e da psicologia, contribuindo para a construção de uma pedagogia crítica e emancipatória, comprometida com a transformação social.

Palavras-chave: Arte; Bakhtin; Consciência; Cultura; Diálogo; Linguagem; Subjetividade; Vygotsky.

ABSTRACT

This dissertation proposes a critical and interdisciplinary dialogue between the theories of Lev Vygotsky and the Bakhtin Circle, aiming to highlight the convergences and tensions that emerge from their respective approaches to language, consciousness, subjectivity, and human development. It is based on the hypothesis that Vygotsky and Bakhtin were mutually acquainted with each other's works, although there is no direct evidence of formal contact between them, as well as they shared intellectual circles in the Soviet Union during the 1920s and 1930s. This shared context may have enabled a meaningful exchange of ideas, particularly regarding language as a social phenomenon and the formation of dialogical consciousness. The historical-cultural analysis developed in this thesis emphasizes the active involvement of both authors in debates on semiotic mediation and social interactions, which enriched their theoretical conceptions and fostered an implicit dialogue within their perspectives. In this regard, the study underscores the centrality of dialogue as a structuring element of consciousness and as a social and psychological mediator in the subject constitution. While grounded in distinct theoretical frameworks, the theories of Vygotsky and the Bakhtin Circle converge in their understanding of discourse as a polyphonic phenomenon and of inner speech as internalized dialogue. Moreover, the thesis deepens the analysis of the relationships among language, culture, and identity, positioning subjectivity as both a product and a producer of social relations. In doing so, it reaffirms the potential of theoretical dialogue between Vygotsky and Bakhtin to inspire renewed reflections on the human condition. Finally, the work highlights the importance of expanding this critical interlocution between the two authors as a means to stimulate contemporary debates in the fields of education, culture, and psychology, contributing to the construction of a critical and emancipatory pedagogy committed to social transformation.

Keywords: Art; Bakhtin; Consciousness; Culture; Dialogue; Language; Subjectivity; Vygotsky.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Bakhtin e Vygotsky.....	45
--	----

LISTA DE TABELAS

Quadro 1. A Construção do Sujeito: Perspectivas de Bakhtin e Vygotsky	82
Quadro 2. Análise Comparativa das Concepções de Linguagem e Internalização: Perspectivas de Bakhtin e Vygotsky	104
Quadro 3. Comparativo das ideias de Bakhtin e Vygotsky sobre linguagem, consciência e aprendizagem.....	127
Quadro 4. Comparativo das ideias de Vygotsky e Bakhtin sobre linguagem, sentidos e subjetividade	146
Quadro 5. Comparativo das ideias de Vygotsky e Bakhtin sobre linguagem, subjetividade e interação social.....	163

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: SEPARADOS PELO NASCIMENTO (por um ano).....	13
2. CAPÍTULO 1 – VYGOTSKY, LEITOR DO CÍRCULO DE BAKHTIN? VOZES EM DIÁLOGO	27
3. CAPÍTULO 2 - BAKHTIN E VYGOTSKY: BASE COMUM CULTURAL E IDEOLÓGICA	44
4. CAPÍTULO 3 – PALAVRA E CONSCIÊNCIA: BAKHTIN E VYGOTSKY NA POLIFONIA DA PSICOLOGIA	58
5. CAPÍTULO 4 – ENTRE VOZES E SILÊNCIOS: A LINGUAGEM QUE NOS HABITA EM BAKHTIN E VYGOTSKY	83
6. CAPÍTULO 5 – DO DIÁLOGO AO PENSAMENTO: A LINGUAGEM COMO TERRITÓRIO DE FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA	107
7. CAPÍTULO 6 – SENTIDOS EM CONFLITO, SUBJETIVIDADES EM DIÁLOGO: APROXIMAÇÕES ENTRE BAKHTIN E VYGOTSKY	128
8. CAPÍTULO 7 – ENTRE REFLEXOS E PROXIMIDADES: VYGOTSKY, BAKHTIN E A TRAMA SOCIOINTERACIONISTA DO HUMANO	148
9. CONCLUSÕES INCONCLUSAS: O ETERNO DEVIR DA COMPREENSÃO HUMANA EM VYGOTSKY E BAKHTIN	165
REFERÊNCIAS	171

1. INTRODUÇÃO: SEPARADOS PELO NASCIMENTO (por um ano)¹

“A vida é dialógica por natureza”
BAKHTIN

“O propósito primeiro deste livro é caracterizar os aspectos tipicamente humanos (...) e de como se desenvolvem durante a vida de um indivíduo”
VYGOTSKY

Uma tese que aproxima dois grandes pensadores russos² hoje cultuados no ambiente acadêmico ocidental é uma tarefa árdua e cautelosa. Principalmente quando se trata de Mikhail Bakhtin e Lev Vygotsky. Em se tratando de educação, o segundo é figura onipresente nas faculdades de pedagogia e diálogos educacionais, contudo, Bakhtin e seu Círculo de colegas intelectuais, a cada ano, arregimenta maior espaço com a sua proposta de “ciência outra”, promovendo liberdade de pensamento e uma busca de pensamento de alteridade para todos.

Ambos nasceram no mesmo dia, 17 de novembro, com a diferença de um ano apenas. Bakhtin, o mais velho, nasceu em 1895 e Vygotsky em 1896. A grande diferença foi o tempo de vida de ambos. Bakhtin teve longa vida, morrendo com quase 80 anos, enquanto Vygotsky teve sua vida abreviada antes de atingir 38 anos. Nosso intento é trazer observações acerca de relações dialógicas que podem ser percebidas na leitura de ambos os intelectuais, compreendendo que Vygotsky dedicou-se a um olhar psicológico da prática pedagógica e o Bakhtin e o Círculo analisaram a linguagem e suas relações com o social.

Nos primeiros anos do século XX, a União Soviética, recém-fundada, pulsava com uma energia intelectual única, alimentada pelas convulsões sociais e políticas que redesenhavam o país. A Revolução Russa de 1917 não apenas derrubou velhas

¹ Esta introdução é uma adaptação de trabalho publicado pelo autor desta tese e por Valdemir Miotello, estudioso de Mikhail Bakhtin no Brasil e conhecedor de Vygotsky, o qual iluminou por diversas vezes a escrita desta tese com suas palavras e contrapalavras dialógicas e duradouras. Para conhecer a versão integral e não adaptada, acesse MIOTELLO, Valdemir; DI CAMARGO JUNIOR, Ivo. Bakhtin e Vygotsky: relações dialógicas em torno da educação. Caderno de Ensino, Linguagens e suas Tecnologias, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 135-154, jul./dez. 2023. In: <https://revistascientificas.ifrj.edu.br/index.php/celte/article/view/2366>, acesso em 21 de fev. 2025.

² Buscamos nesse introito não ignorar a rica complexidade da identidade russa, uma nação que oscila entre atração e repulsa pelo Ocidente, com o eslavismo como âncora cultural. Essa análise não só esclarece por que a Rússia não é “naturalmente” ocidental, mas também convida a uma reflexão sobre como autores russos, formados nessa tensão, ainda moldam ideias globais. Em resumo, é uma chamada para uma abordagem mais contextualizada e menos eurocêntrica na academia, aproveitando a história para questionar rótulos simplistas.

hierarquias de poder, mas também acendeu um desejo fervoroso de reinventar o conhecimento, a educação e a própria forma de pensar. Nesse cenário vibrante e desafiador, Mikhail Bakhtin e Lev Vygotsky surgiram como vozes visionárias cujas ideias ecoam até hoje, atravessando fronteiras e moldando campos como a psicologia, a linguística e a educação.

A efervescência revolucionária trouxe consigo a ambição de romper com o passado e forjar uma ciência alinhada aos ideais de transformação social. Vygotsky, com sua teoria da “Zona de Desenvolvimento Proximal”, jogou luz sobre o papel central das interações humanas no aprendizado, mostrando como o diálogo e o convívio moldam a mente. Suas reflexões sobre a linguagem como ponte para o pensamento encontram eco nas ideias de Bakhtin, que via na comunicação um processo vivo, dialógico, onde vozes se entrelaçam e constroem sentidos coletivamente. Juntos, eles ofereceram uma visão profundamente humana do conhecimento, centrada na troca e na colaboração.

Entretanto, o caminho desses pensadores não foi fácil. O regime soviético, com sua censura e controle, frequentemente silenciou ou limitou vozes. Muitas de suas obras só ganharam o mundo após suas mortes, como sementes que esperam o momento certo para florescer. Apesar disso, o impacto de Bakhtin e Vygotsky transcendeu as barreiras de seu tempo. Em nosso país e além, suas teorias têm sido redescobertas e reinterpretadas, inspirando novas gerações de pesquisadores a explorar suas conexões e aplicá-las a questões contemporâneas, da sala de aula aos estudos sobre a mente.

O legado desses dois pesquisadores magistrais é mais do que um conjunto de ideias; é um convite a enxergar o conhecimento como um processo vivo, tecido nas relações humanas. Revisitá-los é como abrir uma janela para o passado que ilumina o presente, desafiando-nos a pensar, dialogar e construir juntos. Suas vozes, ainda hoje, nos lembram de que o aprendizado e a comunicação são, acima de tudo, atos de encontro.

Uma pesquisa por nós realizada em março de 2025 no banco de teses e dissertações da CAPES revelou que, nos últimos dez anos, não há registros de um estudo em forma de tese que busque desenvolver um diálogo mais aprofundado e sistemático entre Mikhail Bakhtin e Lev Vygotsky nos moldes da pesquisa que propomos. Embora suas contribuições sejam frequentemente abordadas em diversas

publicações científicas no Brasil, essas análises costumam focar aspectos pontuais de suas teorias, destacando uma ou outra convergência, mas sem a elaboração de uma tese ou dissertação que articule de maneira ampla e dialógica a interação entre seus pensamentos. O que se observa é uma fragmentação das abordagens, distribuídas entre diferentes periódicos acadêmicos, sem um trabalho consolidado que reúna suas perspectivas em um estudo de fôlego maior.

O levantamento identificou um total de 100 trabalhos acadêmicos registrados no banco da CAPES desde 2015, sendo 57 dissertações de mestrado e 43 teses de doutorado. Uma análise desses documentos revela um padrão significativo: a maioria das pesquisas concentra-se na aplicação das teorias de Bakhtin e Vygotsky no contexto da educação, especialmente em estudos sobre ensino e aprendizagem dentro da sala de aula. O foco recai sobre metodologias pedagógicas, desenvolvimento cognitivo e práticas discursivas no ambiente escolar. Essa tendência evidencia o interesse acadêmico por suas ideias, mas restringe as investigações a um recorte mais pragmático e instrumentalizado. Trabalhos existem, mas não como o proposto em nossa tese.

O escopo da nossa pesquisa no PPGE/UFSCar se distingue por buscar uma articulação teórica que ultrapassa o campo estritamente educacional, inserindo a relação entre Bakhtin e Vygotsky em uma perspectiva mais ampla, que envolve a história, a filosofia e a sociologia da educação. Esse direcionamento preenche uma lacuna no debate acadêmico, ao propor uma abordagem dialógica mais complexa e integradora entre os dois pensadores russos, resgatando o impacto epistemológico e social de suas contribuições em um nível mais abrangente e multidisciplinar.

Esta tese mergulha nos diálogos possíveis entre as ideias de Mikhail Bakhtin e seu Círculo, junto às de Lev Vygotsky, seus interlocutores e aqueles que seguiram seus passos. O que buscamos desenvolver é como esses pensadores, com suas vozes distintas, se encontram e se desafiam, tecendo um diálogo que pulsa com vida. No centro dessa exploração estão conceitos que nos tocam profundamente: a linguagem que nos molda, a subjetividade que nos define, a consciência que nos conecta, os signos que carregamos e a mediação cultural que nos entrelaça. Mas vamos além, abraçando também reflexões sobre como crescemos, como nossos discursos ganham forma, como interagimos, construímos quem somos e aprendemos ao longo do caminho.

Mais do que traçar linhas de convergência entre essas ideias, pretendemos de alguma forma iluminar as tensões que fazem esse diálogo vibrar. São nesses atritos - nesses pontos de encontro e desencontro - que nascem novas possibilidades de compreensão. Cada conceito, cada perspectiva, é como uma voz em um coro, às vezes harmoniosa, às vezes dissonante, mas sempre enriquecedora. Inspirada pelo espírito dialógico de Bakhtin, esta pesquisa não busca respostas prontas, mas sim um movimento vivo de reflexão, onde o choque de ideias abre portas para novos horizontes e nos convida a pensar mais fundo, juntos.

Dessa maneira, chegamos a um grande questionamento de pesquisa: até que ponto as reflexões de Lev Vygotsky e do Círculo de Bakhtin se entrelaçam, criando um diálogo sutil e profundo sobre linguagem, subjetividade e a construção social da consciência? É possível imaginar esses pensadores reunidos em uma mesa imaginária, trocando ideias que atravessam o tempo e o contexto histórico, como se suas vozes ecoassem umas nas outras? Vygotsky, ao compreender a linguagem como um instrumento que conecta mentes e transforma o pensamento, encontra ressonância na concepção bakhtiniana do discurso como um tecido vivo, formado por múltiplas vozes que se entrecruzam e constroem sentidos coletivamente?

Para ambos, a subjetividade não nasce no isolamento, mas nas trocas e interações que nos constituem como seres humanos. A mediação social, tão central na obra de Vygotsky, pulsa também nas reflexões do Círculo de Bakhtin sobre como o diálogo e a cultura moldam nossa percepção e consciência. Percorrer essa interlocução é como caminhar por um território de afinidades e tensões fecundas, onde o conhecimento se revela como um processo dinâmico, relacional e permanentemente em construção.

Assim, avançando na propedêutica a que nos propomos, Vygotsky, apesar de ter vivido uma vida curta, deu grande contribuição para o desenvolvimento da teoria da linguagem, pensamento e cognição. Em suas obras, em particular no livro “A construção do pensamento e linguagem”, Vygotsky (2001) analisou a essência do trabalho da linguagem em uma situação sociocultural (isto é, a fala propriamente dita) no processo de desenvolvimento do pensamento humano e chegou à conclusão de que uma pessoa, mesmo que seja uma criança, não fala apenas por si, pelo seu próprio Eu, mas sempre pelo outro, resultando num processo de comunicação. Quanto a Bakhtin, cuja obra foi estudada em detalhes não apenas na Rússia, mas

também em todo o Ocidente, em especial, suas ideias sobre a interação do Eu e do Outro (opcionalmente, o autor e a personagem) são reveladas, em particular, em seus conceitos de diálogo e romance polifônico.

Vygotsky e Bakhtin não tinham linhas de raciocínio semelhantes, contudo é possível observar entrecruzamentos em suas formas de pensar e desenvolvimento de teorias. Esse entrecruzamento já tinha sido tanto previsto por Bakhtin quanto por seu contemporâneo, como Vygotsky frisou

O momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática, então duas linhas completamente independentes do desenvolvimento, convergem (Vygotsky, 2007, p. 11-12).

Há pontos a serem identificados em Bakhtin e Vygotsky, em especial, uma interdisciplinaridade quando se observa a questão da psicologia em entrecruzamento fértil com o pensamento de Bakhtin. Isso se observa quando dissertam sobre semiótica, filosofia e arte, entre outros campos da atividade humana. É possível perceber as relações dialógicas presentes na obra dos dois, com uma abordagem psicológica e social. Isso faz com que o humano seja o objeto/sujeito de estudos tanto das observações psicológicas quanto pedagógicas, analisando acuradamente suas condições sociais e como isso impacta em sua vida cotidiana.

O que visamos apresentar nesta tese, em referência a texto escrito por João Wanderley Geraldi³, é que a diferença entre ambos mais identifica do que os afasta, haja vista que tentaremos oferecer pontos de coincidências e algumas divergências. A saber, ambos eram críticos de um marxismo positivista e reducionista e a partir deste pensamento construíram suas arquitetônicas teóricas, especialmente na busca para romper tanto com o objetivismo quanto com o subjetivismo, tendo Vygotsky elaborado seus estudos desenvolvendo uma psicologia histórico-social e Bakhtin aprofundou-se nos estudos da linguagem e literários.

Esta tese parte da premissa de que, mesmo sem um reconhecimento explícito nas obras de Vygotsky e do Círculo de Bakhtin, há um diálogo profundo e estruturante entre suas produções. Suas reflexões emergem de bases teóricas comuns e

³ GERALDI, J.W. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In: FREITAS, M.T. et. al. (orgs.). **Ciências humanas e pesquisas**: leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003.

convergem em conceitos centrais, como a linguagem enquanto mediação simbólica, o signo ideológico, a subjetividade moldada socialmente, a consciência histórica e o papel da cultura no desenvolvimento humano. A hipótese por nós defendida sugere que Vygotsky teve contato com textos de autores do Círculo e que o pensamento desses interlocutores, quando analisado em conjunto, revela uma constelação teórica dialógica e interdisciplinar. A riqueza dessa articulação conceitual ainda está em processo de descoberta e reelaboração, o que abre possibilidades para novas interpretações e desdobramentos no campo das ciências humanas.

Há que se frisar que há provas de que um conheceu a obra do outro e mais adiante esmiuçaremos isso em capítulo a parte. O que apresentaremos neste momento são duas situações que denotam que ambos tiveram contato com a obra um do outro ou de seus respectivos colegas dialógicos de estudo e pesquisa.

Em sua obra “O Freudismo”, Bakhtin (2007, p.18), em uma nota de rodapé da Parte I, capítulo 2, intitulada “Duas Tendências da Psicologia Atual”, abordando a questão do discurso interior e exterior, Bakhtin afirma que **“sobre as respostas verbais, cf. Watson, *Psicologia*, cap. IX; artigo de L.S. Vigotski, ‘A consciência como Problema da Psicologia do Comportamento’ (cf. col. *Psicologia e o Marxismo*, direção do prof. L. Kornílov, 1925, p.175”** (negrito nosso). Bakhtin cita este trabalho, uma conferência proferida por Vygotsky em 1924 no Instituto de Psicologia de Moscou.

Presente em Vygotsky⁴ (2024), no texto “Pensamento e palavra”, há citação poética utilizada pelo psicólogo russo. Nessa obra muito recente que compila abrangente produção intelectual de Vygotsky, os organizadores Robert Rieber e David Robinson inseriram nota explicativa n°59, proveniente de Vygotsky, que mais uma vez corrobora com nossos esforços de apresentar um conhecimento mútuo entre Vygotsky e o Círculo de Bakhtin. A nota expõe que **“A citação, retirada de uma poesia de Afanássi Fiét, é um caso de citação de segunda mão do livro de Volóchinov, *Marxismo e Filosofia da Linguagem (Moscou, 1930)*”** (Vygotsky, 2024, p.237, negrito nosso, itálico do autor)⁵

⁴ VIGOTSKI, Lev. S. **O essencial de Vigotski**. Orgs: Robert W. Rieber, David K. Robinson; tradução de Priscila Nascimento Marques e Caesar Souza. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2024.

⁵ “Nesta edição, os textos de autoria de Vigotski foram traduzidos diretamente do original russo”. As traduções tomaram por base as Obras reunidas em seis volumes, publicadas em russo entre 1982 e 1984. A fonte exata da tradução é informada em nota de rodapé a cada capítulo”. MARQUES, Priscila N. **Apresentação à edição brasileira**. In: Vigotski, Lev. S. **O essencial de Vigotski**. Orgs: Robert W.

É preciso salientar que é enorme a possibilidade de que Bakhtin tenha lido muito mais de Vygotsky do que a mera nota nos permite supor e que Vygotsky tenha lido o Círculo de Bakhtin, conforme essa nova edição compilada dos escritos da obra do psicólogo russo. Em livro de entrevistas com Duvakin, intelectual de renome na antiga URSS, que entrevistava expoentes da ciência, Bakhtin afirma em vários momentos que lia demais e lia tudo; e que tinha um método com seus amigos para que conseguissem retirar mais livros de um mesmo tema para ele. Obras que ele lia vorazmente. Inclusive, um dos citados é Kanaiev, intelectual do Círculo com quem Bakhtin tem artigo escrito em autoria conjunta. Percebam o Bakhtin leitor.

Bakhtin - O fato é que ele tinha... O diretor da Biblioteca Saltykov-Fiedrin em Leningrado (ex-Biblioteca do Estado) era um seu parente. E, em geral, a sua parentela

naquele ambiente era bem ampla.

Duvakin: E ele lhe conseguia os livros?

Bakhtin: Conseguia qualquer livro. De qualquer fundo.

Duvakin: E chegavam até o senhor, em Saransk?

Bakhtin: E chegavam até mim, em Saransk, mas depois...

Duvakin: Esse era um fato agradável. Existem pessoas humanas por tudo!

B: Sim. Além disso, a coisa era assim: em um dos lados da tampa da caixa estava escrito o meu endereço, e no outro o endereço de Kanaiev. E isso, eu virava somente a tampa. Então, ele mandava a mim, eu tirava a tampo, lia os livros, e depois lhe mandava de volta, simplesmente virando a tampa. Isso é tudo.

Duvakin: E ele pegava emprestado e devolvia? Pegava emprestado no nome dele?

Bakhtin: pegava, devolvia... Pegava no seu nome, certamente.

Duvakin: Por outro lado, ao senhor aquela literatura difícil de encontrar era necessária por...

Bakhtin: Eram livros muito raros. Mas o fato é que ele podia enviar-me até mesmo manuscritos. Bem, em poucas palavras, tinha mão forte na biblioteca. Isso, por isso podia... (Bakhtin⁶, 2008, p. 195-196)

Como informado, Bakhtin citou uma palestra proferida por Vygotsky em 1924, em sua obra publicada em 1927. Assim, é de se conceber que o esquema de empréstimo de livros que seus amigos lhe proporcionavam ajudava a ter o máximo de livros e informação possível para desenvolver seus estudos. Dessa forma, Vygotsky, já reconhecido psicólogo na época, fora lido, citado e provavelmente bem estudado também por Bakhtin e seus colegas de Círculo, já que a obra “O Freudismo” foi publicada por Volóchinov. Agora, com a comprovação de obra traduzida diretamente

Rieber, David K. Robinson; tradução de Priscila Nascimento Marques e Caesar Souza. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2024.

⁶ BAKHTIN, M.M.; DUVAKIN, V. **Mikhail Bakhtin em diálogo** – Conversas de 1973 com Viktor Duvakin. São Carlos: Pedro & Joao Editores, 2008.

do russo de compilado publicado nos anos 1980, verifica-se que Vygotsky lera a obra do Círculo de Bakhtin e dela aproveitou uma citação de um poema que lhe pareceu útil em sua pesquisa. Adiante, exporemos melhor essa aproximação e apresentação das provas de leitura dos dois em capítulo próprio para este fim.

Assim, expondo nossa ideia de objetivos para esta tese, esta pesquisa propõe uma investigação de caráter histórico-conceitual sobre as aproximações e tensões entre as produções de Vygotsky e do Círculo de Bakhtin, com especial atenção à constituição do sujeito, à linguagem como mediação e ao papel dos signos na vida psíquica e cultural. A relação entre esses pensadores, ainda que nem sempre explicitada, revela uma interlocução teórica rica e complexa, marcada por convergências e contrapontos que merecem um exame aprofundado.

Para compreender essa interação, é essencial identificar os contextos históricos, políticos e institucionais que aproximaram Bakhtin e Vygotsky na União Soviética do século XX. Suas produções teóricas emergem de um ambiente intelectual compartilhado e, ao mesmo tempo, de desafios impostos por um cenário de censura e repressão. Nesse sentido, a pesquisa buscará examinar conceitos-chave desenvolvidos por cada autor e as possíveis intersecções entre suas abordagens, especialmente no que diz respeito à linguagem, à consciência e à ideologia. O diálogo entre suas obras, ainda que indireto, se manifesta na forma como ambos tratam a subjetividade e as relações sociais como elementos constitutivos do pensamento humano.

Outro ponto relevante da investigação é o mapeamento das referências cruzadas entre os autores e seus círculos de influência, buscando identificar até que ponto as ideias de Vygotsky e do Círculo de Bakhtin foram alimentadas por interlocuções explícitas ou por afinidades conceituais. Ao contribuir para a sistematização desses diálogos teóricos em uma perspectiva dialógica, a pesquisa oferece uma análise que transcende a mera comparação, permitindo que novas leituras e interpretações possam emergir desse encontro intelectual.

Metodologicamente, trata-se de um estudo teórico-bibliográfico de caráter qualitativo e interpretativo, ancorado na análise dialógica, conforme os pressupostos do Círculo de Bakhtin, e complementado por procedimentos da história intelectual das ideias. O corpus da pesquisa abrange as obras fundamentais de Bakhtin, Volóchinov, Medviédev, Vygotsky, Leontiev e Luria, além dos comentários e interpretações de

estudiosos contemporâneos como Brandist, Faraco, Daniels, Wertsch, Ponzio, Miotello, entre outros. A análise pretende reconstruir os vínculos epistemológicos e ideológicos entre esses pensadores, considerando seus contextos de produção, suas filiações teóricas e suas estratégias de sobrevivência intelectual diante dos desafios impostos pelo regime soviético.

Ao investigar esse rico campo de interação teórica, a pesquisa não apenas ilumina aspectos já conhecidos do pensamento desses autores, mas também abre caminho para novas reflexões sobre o papel da linguagem, da subjetividade e da cultura na constituição do ser humano. Assim, busca-se oferecer uma contribuição significativa para os estudos que exploram as conexões entre essas tradições intelectuais, reafirmando o caráter dinâmico e interdisciplinar do conhecimento.

Esperando ter realizado uma propedêutica razoável para esta tese, deixaremos que o leitor conheça a partir de sua leitura os meandros e nuances da relação dialógica entre o Círculo de Bakhtin e Vygotsky que intentamos apresentar ao longo de sete capítulos estruturados como apresentamos a seguir.

No Capítulo 1, intitulado “**Vygotsky, leitor do Círculo de Bakhtin? Vozes em diálogo**”, investiga-se as interações e possíveis conhecimentos mútuos entre Bakhtin e Vygotsky, considerando as influências que ambos puderam ter um sobre o outro através de suas conexões sociais e intelectuais. Examina-se a relação entre seus círculos acadêmicos e a troca de ideias que poderia ter ocorrido, destacando a centralidade da linguagem em suas obras. A pesquisa se concentra em identificar as aproximações existentes entre os pensamentos de Bakhtin e Vygotsky, especialmente em relação à centralidade do diálogo no desenvolvimento da consciência humana. Ambos os autores enfatizam a importância da linguagem como um meio de mediação social e psicológica, ressaltando que a consciência não pode ser isolada de suas interações sociais.

São apresentadas evidências de como as teorias de Bakhtin sobre o discurso e a interação social se conectam com as ideias de Vygotsky sobre a mediação semiótica e o desenvolvimento cognitivo. A análise sugere que, apesar das diferenças de enfoque, as contribuições de ambos os pensadores oferecem um potencial rico para a compreensão das dinâmicas culturais e educativas contemporâneas. Buscamos estabelecer as bases para a discussão da relação entre Bakhtin e Vygotsky, sinalizando a relevância de suas ideias interligadas para a formação da

consciência, identidade e o papel da linguagem no processo educacional e social. Assim, a reflexão sobre suas teorias não apenas revela as semelhanças nas suas abordagens, mas também impulsiona o desejo de aprofundar o diálogo teórico entre suas contribuições.

No capítulo 2, de título **“Bakhtin e Vygotsky: base comum cultural e ideológica”**, aborda-se as raízes culturais e ideológicas que influenciaram as teorias de ambos os pensadores. Este capítulo objetiva analisar como suas vivências em um contexto histórico similar moldaram suas abordagens em relação à linguagem, cultura e consciência, enfatizando a intersecção de suas obras dentro de um panorama mais amplo. O foco recai sobre a identificação de uma base comum, tanto cultural quanto ideológica, entre Mikhail Bakhtin e Lev Vygotsky. Ambos atuaram na União Soviética na década de 1920, um período marcado por profundas transformações sociais e políticas, onde o marxismo desempenhou um papel central. O capítulo examina como essa influência marxista moldou suas abordagens teóricas em áreas como psicologia, filosofia da linguagem, semiótica e teoria literária.

A análise revela que, apesar das aproximações evidentes em diversos temas, como a importância da linguagem e as interações sociais para a formação do sujeito, também existem afastamentos significativos nas ênfases e abordagens de cada autor. Enquanto Bakhtin focaliza a linguagem como uma arena dialógica repleta de múltiplas vozes, Vygotsky a concebe como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento cognitivo e social. Também, pode-se destacar a necessidade de contextualizar as obras de Bakhtin e Vygotsky em um pano de fundo cultural compartilhado, o que oferece um panorama mais rico sobre as semelhanças e diferenças em seus pensamentos. Ao mesmo tempo, enfatiza que as suas teorias complementares oferecem uma leitura valiosa para compreender a constituição da subjetividade e a mediação da palavra nas relações sociais. Assim, o segundo capítulo não apenas aprofunda a análise das intersecções entre os dois autores, mas também inicia um diálogo essencial que fundamenta a tese como um todo. A compreensão dessa base comum torna-se fundamental para a exploração das implicações sociais e culturais de suas obras, destacando a relevância contínua de suas contribuições para a psicologia e a educação contemporâneas.

“Palavra e consciência: Bakhtin e Vygotsky na polifonia da psicologia”, terceiro capítulo da tese, discute as contribuições específicas de Vygotsky e Bakhtin

para a psicologia, ressaltando suas aproximações e as divergências em suas abordagens sobre o desenvolvimento humano e a mediação da palavra. Explora como suas teorias podem ser vistas como complementares, embora aborde questões de foco e método diferentes. Nele realizamos uma análise aprofundada das conexões e das diferenças entre os pensamentos de Bakhtin e Vygotsky, destacando o papel central da linguagem e das interações sociais na constituição do sujeito.

Nesse capítulo, buscamos explorar como ambos os pensadores abordam a mediação semiótica e o diálogo como elementos fundamentais para o desenvolvimento psicológico e social, evidenciando uma complementaridade entre suas perspectivas. A discussão destaca, ainda, que, embora não haja uma relação de influência direta comprovada, há uma forte probabilidade de contato e troca de ideias entre eles, especialmente no que diz respeito aos conceitos de contexto, sentido e construção intersubjetiva. Referenciando as contribuições de Wertsch, a tese reforçará a ideia de que ambos os autores compartilham a visão de que a linguagem é um espaço de interação dinâmica e que o sujeito se constitui nas relações sociais. Assim, o capítulo oferece uma reflexão sobre a complexa relação entre cultura, linguagem e desenvolvimento humano, consolidando a compreensão de que Bakhtin e Vygotsky, mesmo com focos distintos, convergiram na compreensão de que o sujeito é produto e produtor de uma rede de relações sociais e culturais.

No centro desta tese, o quarto capítulo **“Entre vozes e silêncios: a linguagem que nos habita em Bakhtin e Vygotsky”** desdobra-se como um encontro entre duas mentes brilhante. Aqui, não apenas se compara ideias, mas tece-se um diálogo vivo entre filosofia e psicologia, revelando como esses pensadores, cada um a seu modo, desmontaram a ilusão do sujeito solitário. O que emerge é uma visão pulsante da subjetividade: não como algo pronto, mas como um rio que se forma no fluxo das relações, das palavras trocadas, dos olhares que nos devolvem quem somos. Bakhtin e Vygotsky ousaram pensar o humano para além do indivíduo isolado. Para eles, a consciência não brota de dentro para fora, já que ela é respiro coletivo, alimentado pela linguagem e pelas trocas cotidianas. Assim, é a provocação central do capítulo: a subjetividade é um ato compartilhado. Longe de ser um refúgio interior, ela se constrói na rua, na sala de aula, nos gestos que repetimos sem saber de onde vieram. Bakhtin traz a polifonia; Vygotsky, os instrumentos culturais. Juntos, eles nos lembram que nenhum "eu" existe sem um "nós" — e que a educação, a cultura e até os silêncios

que carregamos são fios dessa mesma teia.

No capítulo **“Do diálogo ao pensamento: a linguagem como território de formação da consciência”**, quinto desta tese, esta mergulha no encontro fecundo entre Vygotsky e Bakhtin, revelando como suas ideias iluminam a formação do sujeito nas teias da linguagem e do convívio. Ambos nos apresentam um ser essencialmente dialógico, pois nossa consciência não nasce pronta, mas vai sendo tecida nas trocas cotidianas, nos fios invisíveis das palavras compartilhadas. Vygotsky nos mostra como absorvemos o mundo social através dos signos culturais, transformando o coletivo em matéria íntima. Bakhtin, por sua vez, lembra que carregamos dentro de nós um coro de vozes sociais, ecos de encontros que nos moldam. Juntos, esses pensadores apontam a linguagem como ferramenta vital - não apenas para comunicar, mas para existir e significar. Esta análise não apenas aproxima duas grandes mentes, mas oferece novas lentes para compreendermos a subjetividade como fenômeno sempre relacional, sempre em construção. Ao costurar psicologia, educação e cultura, o capítulo revela como nos tornamos humanos por meio dos outros: um convite permanente ao diálogo.

Nos capítulos 6 e 7, intitulados **“Sentidos em conflito, subjetividades em diálogo: aproximações entre Bakhtin e Vygotsky e “Entre reflexos e proximidades: Vygotsky, Bakhtin e a trama sociointeracionista do humano”**, a tese tece um rico diálogo entre Bakhtin e Vygotsky e como suas ideias iluminam a construção do sujeito na encruzilhada entre linguagem e cultura. O capítulo 6 dissolve fronteiras entre o individual e o coletivo, mostrando como nos tornamos e quem somos no calor das trocas, nos embates cotidianos onde significados nascem e se transformam. No desenvolvimento dessas ideias, a subjetividade aparece como uma sinfonia inacabada - cada encontro acrescenta novas notas à melodia de quem somos.

O capítulo 7 aprofunda esta visão, revelando como nossas identidades são tecidas na rede complexa das relações sociais. Mais do que simples influências externas, essas interações nos constituem desde dentro, num jogo contínuo entre o que herdamos e o que criamos. Ao comparar os dois pensadores, o texto não apenas destaca suas convergências, mas mostra como, juntos, eles renovam nossa compreensão da educação, da comunidade e do papel fundamental do outro em nossa própria existência.

Estes capítulos não apenas fundamentam a tese - eles abrem janelas para enxergarmos o humano em sua plena complexidade, convidando-nos a repensar a psicologia, a linguagem e a educação como territórios essencialmente dialógicos.

Tudo o que é ideológico possui um significado e remete a algo situado a fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso não se trata de ideologia. (...) Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.) Tudo que é ideológico possui um valor semiótico (Bakhtin, 2006, p. 31-33)

Dessa forma, a tese buscará desenvolver um olhar de entrecruzamento dialógico acerca de dois dos maiores pensadores das ciências humanas do século XX. Pretendemos destacar, nos conceitos que dialogam, a importância da dialogia e da alteridade na abordagem de Bakhtin e Vygotsky. Esses conceitos têm apoiado as compreensões e decisões no desenho das pesquisas, no quadro da colaboração crítica que é desenvolvida.

A dimensão da alteridade traz o foco para as diferenças existentes nas relações interpessoais, permitindo compreender o outro e a si mesmo e aprender com o contrário. A alteridade é vista como a capacidade de proporcionar um olhar interior a partir das diferenças, enfatizando a compreensão de que, em um processo colaborativo-crítico, é necessário reconhecer o outro em si mesmo, gerando responsividade e responsabilidade no compromisso de compreensão e transformação da vida que se vive.

A sociedade, com suas nuances e variações, necessita cada vez mais de interação e diálogo, conceitos que Bakhtin e Vygotsky nos apresentaram com estudos voltados para a melhoria da qualidade de vida do ser humano. Nossa intenção também é a de que o leitor que trabalha na educação ou interessado possa refletir sobre como estes conceitos estão presentes na realidade escolar, como promotores de um olhar emancipatório e transformador, seja presente nas ações ou nos discursos em contextos pedagógicos.

Uma das forças que buscamos evidenciar dentro das concepções teóricas de Bakhtin e Vygotsky é como que a palavra vai instalar-se no outro social, reconhecendo-se e dialogando, marcando sensivelmente as relações dialógicas e de alteridade. Esta tese é um espaço dialógico finito para tantas considerações a serem realizadas, contudo, tentamos oferecer ao leitor uma propositura de mostrar como dois

dos maiores pensadores do século XX se aproximam ideologicamente, ainda que por vias diversas.

Evidenciar a linguagem e concebê-la como um trabalho, como força produtiva, é o mesmo que evidenciá-la como uma mediação, uma interação entre as materialidades sociais de comunicação. Os sentidos e significados que são adquiridos por meio de reflexões dialógicas, inclusive em análises conjuntas como as que praticaremos nesta tese, serão apresentadas, dialogadas, pensadas. Eis o objetivo de um trabalho que reúne Vygotsky e Bakhtin: dialogar entre eles, dialogar com eles, dialogar com o leitor que nos acompanhará pelas páginas vindouras.

CAPÍTULO 1 – VYGOTSKY, LEITOR DO CÍRCULO DE BAKHTIN? VOZES EM DIÁLOGO

Desde o início da década de 1980, com a crescente disseminação internacional das ideias do Círculo de Bakhtin e de Lev Vygotsky, estudiosos começaram a explorar as possíveis influências mútuas entre esses dois pensadores russos, cuja relevância para os estudos culturais e da linguagem é inegável. Este trabalho de tese propõe um diálogo entre suas teorias, buscando destacar convergências e contribuições para a compreensão do desenvolvimento humano e da cultura. A riqueza de suas obras, marcadas por uma visão profundamente interdisciplinar, oferece um terreno fértil para análises que atravessam a linguística, a psicologia e a filosofia.

Pesquisas realizadas em bases acadêmicas, conforme expomos na introdução, revelam um número significativo de estudos que aplicam as ideias de Bakhtin e Vygotsky a questões culturais, especialmente no que tange à construção da subjetividade e às dinâmicas sociais. Ambos os autores, embora partindo de perspectivas distintas, convergem em pontos fundamentais. Um exemplo claro é a centralidade do diálogo no processo de formação da consciência humana, conceito que permeia suas reflexões sobre a interação entre indivíduo e sociedade. Para Vygotsky, o diálogo é um mecanismo essencial no desenvolvimento cognitivo, mediado por interações sociais que moldam o pensamento. Bakhtin, por sua vez, explora o diálogo como a essência do discurso, no qual vozes múltiplas se entrelaçam para criar significados.

Outra aproximação notável entre os dois pensadores reside na concepção do discurso interno. Vygotsky o descreve como uma forma de diálogo internalizado, um processo pelo qual o indivíduo transforma interações externas em pensamento reflexivo. De maneira complementar, Bakhtin aborda o discurso interno como um espaço de tensão e negociação entre vozes sociais, refletindo a natureza polifônica da consciência. Essa convergência sugere que ambos viam o sujeito como intrinsecamente conectado ao contexto cultural e histórico, sendo o diálogo — externo ou interno — um elemento mediador dessa relação.

Além disso, tanto Bakhtin quanto Vygotsky compartilham a ideia de que a cultura emerge de formas primitivas de pensamento, como o pensamento mítico. Para

Vygotsky, o desenvolvimento cultural do indivíduo recapitula, em certo sentido, a evolução histórica da humanidade, com o pensamento mítico representando uma etapa inicial na construção de significados. Bakhtin, por sua vez, analisa as narrativas míticas como expressões de uma consciência coletiva, que se manifesta em formas discursivas como o romance e o carnaval. Essa visão compartilhada reforça a ideia de que a cultura é um processo dinâmico, construído por meio de interações e reinterpretções contínuas.

Assim, ao colocarmos Bakhtin e Vygotsky em diálogo, percebemos que suas teorias não apenas se complementam, mas também oferecem ferramentas poderosas para compreender a complexidade do desenvolvimento humano e da produção cultural. Este estudo busca aprofundar essas conexões, explorando como suas ideias podem iluminar questões contemporâneas, como a formação da identidade em contextos multiculturais e o papel da linguagem na construção de realidades sociais.

Craig Brandist, renomado pesquisador inglês e diretor do Bakhtin Centre da Universidade de Sheffield, afirma que o intelectual russo Radzikhovski⁷ (1982, p. 489, apud Brandist⁸, 2012, p.91) foi quem alegou, de maneira contundente, que o Círculo de Bakhtin exerceu certa influência ao pensamento de Vygotsky. Essa alegação está presente nos comentários da obra "*Collected Works*", de Vygotsky, na sua edição em língua russa. Radzikhovski alega que alguns exemplos literários sublinhados por Vygotsky, no ano de 1934, já estavam presentes nos escritos de Volóchinov publicados, sensivelmente, 14 anos antes.

Ainda conforme Brandist (2012), Van der Veer e Valsiner⁹ (1991,) são outros autores que apresentam suas alegações a respeito da referida influência, fazendo saber que os exemplos salientados por Radzikhovski não derivam das obras de Bakhtin/Volóchinov, mas de Lev Iakubinski, mais propriamente de seu artigo publicado no ano de 1923 intitulado "*O dialogicheskoi rechi*" – "Sobre o discurso dialogado" (trazemos ao leitor o título conforme traduzido na obra em português de Bakhtin/Volóchinov).

⁷ RADZIKHOVSKI, L.A. Kommentarii [Comentaries]. In: L.S. Vygotskii, **Sobranie sochinenii torn 2. Problemy obshchei psilhologii** [The Collected Works os L. S. Vygotsky, v.2: Probloemas in General Psychology]. Moscow: Pedagogika, 1982, pp.480-491.

⁸ BRANDIST, Craig. **Repensando o Círculo de Bakhtin**: novas perspectivas na história intelectual. CAMPOS, Maria Inês B.; SCHETTINI, Rosemary (Org.). São Paulo: Contexto, 2012, 181 p.

⁹ VAN DER VEER, R; VALSINER, P. *Understandig Vygotsky: A Quest for Synthesis*. Oxford: Blackwell, 1991.

Volóchinov foi estudante de Iakubinskij e utiliza em citação a obra “Sobre o discurso dialogado” em notas de rodapé do livro compartilhado com Bakhtin, “Marxismo e filosofia da linguagem”¹⁰ (2006) e do artigo “A construção da enunciação”¹¹ (2012¹², p.63). Estudos mais recentes sobre o Círculo de Bakhtin, conforme explicitou Brandist (2012), fez saber que os seus membros se utilizavam de fontes alemãs ou soviéticas quando se tratasse de assuntos dialógicos.

Bakhtin e Vygotsky tiveram práticas de escrita e produção intelectual compartilhadas, conforme é o intento de explicação desta tese, mas também tiveram pensamentos entrelaçados por terem de superar problemas de saúde durante sua existência. Isso faz com que saibamos que houve problemas comuns em suas vidas e que refletiram em seus trabalhos publicados desde a suas respectivas mortes. É sabido que Bakhtin publicou apenas duas obras durante sua vida, sendo que uma delas aconteceu em duas edições separadas por mais de 30 anos (Problemas da Poética de Dostoievski); a maior parte de seu trabalho que hoje pode ser considerada relevante para o entendimento geral de sua obra aconteceu de maneira póstuma, sendo reunida por meio de manuscritos que foram encontrados e subsistiram após a sua morte. Inclusive, textos manuscritos que foram escritos por ele antes da existência do hoje denominado Círculo de Bakhtin¹³ foram encontrados após a sua partida. Sobre o Círculo, sabemos que

Constituíam [...] um grupo de amigos que gostava de encontrar-se e debater idéias e que tinham interesses filosóficos em comum. Às vezes reuniam-se todos, porém outras vezes apareciam dois ou três para discutir uma

¹⁰ Em nota de rodapé do capítulo 9 de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volóchinov (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2006: 145) escrevem: “Na literatura linguística russa, só se encontra um estudo consagrado ao problema do diálogo: L. P. Iakubinski ‘O dialoguítcheskoi rietchi’ (Sobre o Discurso Dialogado), in *Rússkaia rietch (A Fala Russa)*, Petrogrado, 1923. No livro de V. Vinogradov, *Poézia Ánni Akhmátovoi (A Poesia de Ana Akhmátova)*, Leningrado, 1925 (ver o capítulo “Os Gestos do Diálogo”) encontram-se observações interessantes de caráter semilinguístico e semi-estilístico. Os linguistas alemães da escola de Vossler trabalham ativamente na atualidade sobre o diálogo; ver, especialmente, Gertraud Lerch, ‘Die uneigentliche direkte Rede’, *Festschrift für Karl Vossler (1922)*”. A nota posterior do mesmo livro remete à primeira: “Sobre as formas imediatas e mediatizadas da interação verbal, ver o artigo já citado de Iakubinski”.

¹¹ No texto “A construção da enunciação”, a nota traz: “Ver artigo de L. P. Iakubinskij – em realidade, bastante complexo para um escritor iniciante - na antologia “*A Linguagem Russa [Rúskaia rietch, com o título “O discurso dialógico [O dialogicheskoi rechi]*”. (itálicos do autor).

¹² VOLOCHINOV, V.N. *A construção da enunciação (1930)*. In: **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013, p. 157-188.

¹³ Conforme aprendi em orientação de mestrado e doutorado com Valdemir Miotello (UFSCar), um dos maiores estudiosos de Bakhtin no Brasil, o mestre russo e seu grupo intelectual não se encaixavam no modelo convencional de uma escola acadêmica, mas sim atuavam como um coletivo de estudiosos que colaboravam de maneira próxima, integrando perspectivas e competências diversas em suas investigações compartilhadas.

determinada obra particular. Em geral, alguém do grupo preparava uma breve sinopse ou uma resenha de um texto filosófico e lia o trabalho para os outros como base das discussões. [...] De vez em quando, um dos participantes dava uma série de palestras para os demais (Clark; Holquist, 1998: 126).

Ademais, conforme explicou Brandist (2012, p.92), muitos dos trabalhos do mestre russo ainda se encontram em custódia de colegas intelectuais que conviveram com ele nos últimos anos de sua vida. Nesse ínterim, ainda precisamos considerar os escritos que foram publicados com o nome de Volóchinov e Medvedev e que apesar de já terem suas publicações e textos considerados como encerrados em termos de encontro, ainda persistem em causar a questão da paternidade da escrita, já que o próprio Bakhtin nunca questionou autoria destes trabalhos. No intrincado cenário intelectual da União Soviética a partir dos anos 1920, Mikhail Bakhtin emergiu como uma figura paradigmática de resistência e resiliência teórica, cuja trajetória, que analisada sob a perspectiva de Augusto Ponzio (2008) e Clark e Holquist (1998), revela os mecanismos profundos de perseguição e silenciamento característicos do regime stalinista.

Uma delas, que veio a ser abandonada, era a de ser membro da Irmandade de São Serafim; outra a de que uma lista de um futuro governo russo anticomunista, publicada em Paris, incluía o seu nome, juntamente com o de Tarle e Platonov. Havia ainda a acusação de que nas aulas dadas nos cursos pastorais, realizados nos arredores de Leningrado, incorrera no crime socrático de “corromper os jovens (Clark; Holquist, 1998: 167).

Bakhtin experimentou uma existência intelectual marcada por constantes deslocamentos e estratégias de sobrevivência. Suas elaborações teóricas, profundamente revolucionárias no campo da linguagem e da cultura, representavam uma ameaça substantiva aos modelos oficiais de interpretação marxista impostos pelo Estado soviético. Ponzio (2008) destaca que a perseguição a Bakhtin não se configurava apenas como uma repressão direta, mas como um sofisticado processo de marginalização sistemática. Suas ideias sobre dialogismo, polifonia e a natureza fundamentalmente relacional da linguagem questionavam os princípios de uniformização ideológica do regime, tornando-o um intelectual permanentemente suspeito. Clark e Holquist (1998) explicam que a estratégia de sobrevivência de Bakhtin passou pela resignificação constante de seus escritos e pelo recurso a abordagens que, aparentemente conformes, guardavam em si uma profunda crítica velada. Seus estudos sobre Dostoievski (2010), por exemplo, funcionavam como

elaborados dispositivos de resistência teórica, nos quais a polifonia romanesca se traduzia como metáfora de uma possibilidade de pensamento múltiplo e não autoritário.

As perseguições sofridas por Bakhtin incluíram períodos de exílio interno, cassação de direitos acadêmicos e vigilância constante. Sua obra foi sistematicamente marginalizada, com seus manuscritos frequentemente confiscados ou destruídos, numa tentativa de apagar suas contribuições intelectuais. Inclusive, Bakhtin fora preso no mesmo ano que seu livro "Problemas da Poética de Dostoievski", o que tornou impossível para ele estar presente nos diálogos a respeito da recepção e repercussão do livro, pois como afirmou Ornellas¹⁴ (1998, p.7) "de uma só vez o regime stalinista negou a Bakhtin a liberdade para discutir as críticas acerca de seu livro recém-publicado, o convívio com intelectuais e o acesso às produções científicas e literárias do período".

Sua tese de doutoramento nunca fora devidamente aprovada ou aceita, tendo sido recuperada e prestigiada a partir dos anos 1960, por um grupo de intelectuais soviéticos de renome, conforme explanaram Clark e Holquist (1998). A perspectiva de Ponzio (2008) ressalta que a perseguição a Bakhtin ultrapassava os limites da censura tradicional. Tratava-se de um processo de anulação epistemológica, no qual o regime buscava não apenas silenciar um indivíduo, mas destruir as possibilidades mesmas de um pensamento dialógico e contra hegemônico.

Paradoxalmente, essa sistemática tentativa de apagamento acabou por converter Bakhtin em um símbolo de resistência intelectual. Suas ideias, que sobreviveram aos períodos mais duros de repressão, transformaram-se em referências fundamentais para as teorias contemporâneas da linguagem e da cultura, apresentadas ao ocidente por Julia Kristeva, conforme explanaram Clark e Holquist (1998), que explicaram que "Bakhtin não se via a si mesmo como um teórico da literatura, em primeiro lugar. O termo que julgava mais próximo daquilo que estava tentando fazer era o de antropologia filosófica." (Clark; Holquist, 1998, p.37). Os estudos de Augusto Ponzio (2008) permitem compreender que a perseguição sofrida por Bakhtin representava, em última instância, o embate entre um projeto de

¹⁴ ORNELLAS, C. A. **A presença de Mikhail Bakhtin em dissertações de mestrado e teses de doutorado, em Letras, da USP e PUC/SP, no período de 1972 a 1996.** Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

conhecimento verdadeiramente dialógico e um modelo de compreensão autoritário e monológico, característico do stalinismo. A trajetória de Bakhtin se configura, assim, como uma narrativa exemplar de resistência intelectual, na qual a potência do pensamento crítico se mantém como força de transformação, mesmo diante dos mais severos mecanismos de silenciamento.

Dialogicamente aproximando, em se tratando do legado produzido por Vygotsky, que foi duramente perseguido pela política soviética de sua época, em especial por suas ideias acerca da psicologia que ele desenvolvia; imediatamente após sua morte, seus trabalhos foram cerceados e perseguidos. Seus estudos acerca da pedologia (estudo da criança) e de psicologia aplicada foram escrutinados pela política soviética da época, conforme explicou Daniels¹⁵ (2002). Este pesquisador inglês, amplamente especializado em Vygotsky e muito presente em nossa tese, explica que no contexto turbulento da União Soviética stalinista, Vygotsky experimentou uma trajetória intelectual marcada por profundas contradições e adversidades políticas. A partir das análises de Harry Daniels sobre o contexto sociopolítico da época, é possível compreender a complexa perseguição sofrida pelo renomado psicólogo russo. Vygotsky, um intelectual judeu e marxista, desenvolveu uma abordagem teórica que desafiava os modelos psicológicos tradicionais, propondo uma compreensão histórico-cultural do desenvolvimento humano. No entanto, esse horizonte revolucionário de pensamento colidiu frontalmente com o ambiente de crescente autoritarismo e controle ideológico do regime stalinista.

A perseguição a Vygotsky não foi meramente acadêmica, mas fundamentalmente política. Conforme Van der Veer (1996), seu trabalho, que promovia uma visão dialética do conhecimento e do desenvolvimento humano, foi progressivamente marginalizado e censurado. Segundo o autor, durante os últimos anos de sua vida, Vygotsky foi cada vez mais criticado por suas ideias 'idealistas' e 'burguesas'. No período stalinista, sua obra foi banida e seus livros foram removidos das bibliotecas soviéticas por quase 20 anos. As interpretações oficiais do stalinismo, cada vez mais rígidas e dogmáticas, não toleravam abordagens que pudessem questionar minimamente a ortodoxia estabelecida. Sobre isso considera-se que

Em 1931, ficou claro que Vygotsky não poderia escapar do destino de tantos de seus colegas: seus escritos seriam testados acerca de sua confiabilidade

¹⁵ DANIELS, H. **Uma Introdução a Vygotsky**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

ideológica. Sabe-se surpreendentemente pouco sobre os detalhes concretos do ataque quando este finalmente foi lançado. Não sabemos, por exemplo, se houve reuniões públicas exclusivamente dedicadas à discussão das teorias de Vygotsky. (...) (Van Der Veer, 1996, p.418-419).

Fichtner¹⁶ (2010) destaca como a trajetória de Vygotsky ilustra dramaticamente os desafios impostos aos intelectuais durante o regime stalinista. Sua morte precoce ainda jovem aos 37 anos, em 1934, foi precedida por um período de crescente isolamento acadêmico e suspeição política. Seus trabalhos foram praticamente banidos e seus seguidores foram sistematicamente perseguidos, tendo que "reescrever" constantemente suas interpretações para sobreviver no ambiente acadêmico soviético. A perseguição não se limitava apenas à censura de suas ideias, mas representava uma tentativa deliberada de apagar sua contribuição teórica. O regime via em Vygotsky não apenas um intelectual, mas um potencial dissidente intelectual, cuja abordagem dialética poderia inspirar pensamentos críticos e questionadores do status quo.

Depois, gravemente doente, Vygotsky ditou da sua cama os últimos capítulos de Pensamento e linguagem. Morreu em 11 de Junho de 1934. Após a sua morte, Vygotsky teve proibida a publicação de suas obras na União Soviética, no período de 1936 a 1956, devido à censura do regime estalinista, sendo também, por um longo período ignorado no ocidente (Fichtner, 2010, p.13).

Essa sistemática marginalização resultou em um silenciamento quase completo de sua obra original nas décadas seguintes, sendo seus textos e ideias recuperados e valorizados internacionalmente apenas décadas após sua morte, especialmente a partir dos anos 1960, tal conforme ocorrera também com Bakhtin, reencontrado por intelectuais da época no mesmo período e, com sorte, gozara de melhor sorte ao final de sua vida do que seu contemporâneo Vygotsky. A análise de Fichtner (2010) revela como Vygotsky personificou o dramático destino de muitos intelectuais soviéticos: brilhantes, inovadores, mas constantemente ameaçados por um sistema que temia o pensamento verdadeiramente crítico e transformador. Inclusive, o pensador não deixou de sofrer censura mesmo após décadas depois de sua morte. Os norte-americanos, quando da tradução de suas obras, operaram censura ao autor, como se vê abaixo:

¹⁶ FICHTNER, B. **Introdução na abordagem histórico-cultural de Vygotsky e seus Colaboradores.** Apostila para curso ministrado para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. 2010. 102 p.

Foi construída uma imagem bastante linear e unilateral de Vygotsky. Na edição russa de 1956 o texto de Vygotsky foi censurado com uma tarefa precisa: Foram eliminadas todas as referências a Freud, Sapir, aos pedólogos, a Blonskij; depois foi mudada a palavra pedologia para pedagogia, substituindo a palavra “teste” usada nas pesquisas da pedologia pela palavra “tarefa”. Foram introduzidas modificações onde Vygotsky não as tinha previsto, da mesma forma eliminando-as, onde eram previstas etc. Também no ocidente se confeccionou a tradução de um outro Vygotsky, na visão dos americanos. Vygotsky foi rigidamente censurado, com uma tarefa precisa: eliminar todas as referências a Marx, Engels e Lenin; simplificar os parágrafos filosóficos; cortar e desaparecer (seu livro que tinha aproximadamente 300 páginas foi reduzido a 150) (Fichtner, 2010, p.14).

O que procuraremos apresentar é a evidência do uso de fontes comuns, contudo, isso pode ser mais significativo do que é possível supor porque uma análise aprofundada dessa questão autoriza realizar a identificação, como mencionara Bakhtin em “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, de que tijolos foram construídos os edifícios teóricos da obra de cada um dos autores russos analisados nessa tese e seguir para contribuição de cada pensador em sua obra.

Os pensadores do Círculo de Bakhtin e Vygotsky traziam em seus pensamentos e escritos o compartilhamento de algo mais relevante: ambos promoveram e desenvolveram suas ideias e conceitos enquanto desenvolviam projetos de pesquisa coletivos. De acordo com Brandist (2012), o contexto institucional de Bakhtin e Vygotsky é marcado por suas respectivas associações com instituições educacionais e de pesquisa na Rússia, especialmente durante o início do século XX, um período de intensa atividade intelectual e social. As instituições nas quais Bakhtin e Vygotsky e seus respectivos parceiros dialógicos estavam ligados era geridos pela mesma instituição. Conforme consta

Essas instituições eram gerida pelo mesmo órgão administrativo: a Associação Russa de Institutos de Pesquisa Científica em Ciências Sociais(...) (RANION). Voloshinov trabalhou no Instituto de Estudos Comparados das Literaturas e Línguas do Ocidente e do Oriente (...), em Leningrado, de 1925 a 1932, enquanto Vygotsky trabalhou no Instituto de Psicologia Experimental (...) em Moscou (Brandist, 2012, p.93)

É plausível afirmar, segundo Faraco (2003), que Bakhtin esteve associado a várias instituições acadêmicas, mas sua obra foi desenvolvida em um contexto de marginalização e censura, como já afirmamos anteriormente e retomaremos ao longo de toda esta tese. Ele foi influenciado por um ambiente intelectual que incluía o círculo de pensadores neokantianos e outros filósofos contemporâneos. Sua obra foi muitas

vezes publicada de forma clandestina ou em revistas de difícil acesso, refletindo as tensões políticas e sociais da época, conforme consta em sua minuciosa biografia desenvolvida por Clark e Holquist (1998). Bakhtin também teve um papel importante na crítica literária e na filosofia da linguagem e suas ideias sobre o diálogo e a polifonia foram desenvolvidas em um contexto que valorizava a diversidade de vozes e a interação cultural. Isso pode ser percebido compreendendo que

Bakhtin, por sua vez, teve formação em estudos literários. Atuou como professor, embora sem vínculos institucionais (principalmente por problemas de saúde) até ser preso em 1929. Condenado a um exílio no Cazaquistão, só pode encontrar um emprego permanente depois da Segunda Guerra Mundial, tornando-se professor de literatura do Instituto Pedagógico (depois, Universidade) de Saransk (Mordóvia), donde se aposentou em 1969, passando seus últimos anos de vida na região de Moscou, onde faleceu em 1975 (Faraco, 2003, p.15).

Já Vygotsky, por outro lado, trabalhou em um contexto institucional mais formal, associado a instituições como o Instituto de Psicologia de Moscou. Ele foi parte de um movimento que buscava integrar a psicologia com a educação, enfatizando a importância do desenvolvimento social e cultural na formação da consciência. Vygotsky, conforme nos explica Wertsch¹⁷ (1988), colaborou com outros psicólogos e educadores e suas ideias foram influenciadas por correntes como o marxismo e a psicologia genética.

Desde andes de los años veinte, Vygotsky viajo ampliamente por toda la URSS dedicado a la docencia y a la ayuda en la constitución de nuevos laboratorios de investigación. En el comienzo de la primavera de 1929, viajó a Tashkent (Uzbekistán) por un período de varios meses, para impartir un curso y formar a los educadores como psicólogos para el Departamento Oriental de la Primera Universidad Estatal de Asma Central (Wertsch, 1988, p.29).

Ele também participou de grupos de pesquisa que buscavam entender a relação entre linguagem, pensamento e desenvolvimento humano, o que culminou em suas teorias sobre o discurso interno e a mediação social. Vygotsky e Bakhtin, apesar de suas diferenças, estavam inseridos em um contexto de busca por novas formas de entender a psicologia, a arte e a cultura, entre outros assuntos, refletindo as complexidades sociais e políticas de sua época.

17 WERTSCH, James V. **Vygotsky y la formación social de la mente**. Buenos Aires; Paidós, 1988. 264 p.

Como já mencionamos brevemente na introdução deste trabalho, Vygotsky e o Círculo de Bakhtin seguramente sabiam ao menos um pouco das pesquisas e publicações realizadas por ambos, conforme apresentado na introdução e aprofundaremos em capítulo posterior. Em nossa introdução apresentamos a nota de rodapé que Bakhtin/Volóchinov (2007) inserira no livro “O Freudismo”. O que nossas pesquisas nos levaram a descobrir, é que Vygotsky conheceu o trabalho de Bakhtin/Volóchinov em seus estudos, conforme exposto. Ainda que tenhamos lido em espanhol o texto citado e aqui servirá como referência, teremos de nos fiar na expertise intelectual de Craig Brandist (2012) para explicitar o aparecimento de “O Freudismo” em estudos de Vygotsky. Conforme explana o autor inglês

Vygotsky e Voloshinov certamente sabiam pelo menos um pouco do trabalho um do outro. Voloshinov refere-se ao artigo de Vygotsky de 1925, "*Consciousness as a Problem for the Psychology of Behaviour*", em seu livro de 1927 sobre Freud (...) enquanto Vygotsky refere-se a esse mesmo livro em seu artigo de 1930, "*Psyche, Consciousness, Unconscious*"¹⁸ (...). Um caso que ilustra os problemas com as recentes republicações é o fato de esta última referência estar ausente na reimpressão do artigo de Vygotsky (...). Elas nos dizem um pouco sobre a importância que esses pensadores russos tinham um para o outro, uma vez que Voloshinov está se referindo à citação que Vygotsky fez do filósofo neokantiano da Escola de Marburg, Paul Natorp (1854-1924), (...) sobre a natureza social da psique individual, e Vygotsky simplesmente está observando que Voloshinov é um dos críticos de Freud que equaciona o inconsciente com o "associal e não verbal". Entretanto, o significado da referência a Natorp é mais importante. (...) Natorp era conhecido especialmente como uma influência no antipsicologismo de Husserl e como teórico da pedagogia social que encontrou eco construtivo entre os iniciais pensadores soviéticos. Não é surpresa, portanto, encontrar o trabalho de Natorp como objeto da atenção de Bakhtin, Voloshinov e Vygotsky (Brandist, 2012, p.94).

Além disso, o pesquisador da *Seoul National University of Education*, David Kellogg, nos apresenta nova visão que explica que

Assuming that Vygotsky and Volosinov did know about each other's work, there is also a shared reluctance to mention this mutual acquaintance. Volosinov (p. 171) cites Vygotsky exactly once, the audacious 'Consciousness as a Problem in the Psychology of Behaviour' of Vygotsky One. Vygotsky's entire oeuvre never mentions Volosinov by name. In 1982, however, the Russian editors of his completed works noted that many of the literary citations in the last chapter of Vygotsky's *Thinking and Speech* had previously appeared verbatim in works by Volosinov. There is, for example, this poignant passage from the Russian poet Fet, which Volosinov and Vygotsky share, and

¹⁸ Utilizamos para busca a referência em espanhol presente na obra VYGOTSKI, L. S. (1930) *La psique, la conciencia, el inconsciente*. En: L. S. Vigotsky, *Obras Escogidas*, Tomo I, 95-110. Madrid: Aprendizaje Visor y Ministerio de Educación y Ciencia, 1991. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4283975/mod_folder/content/0/Obras_escogidas_TOMO__1.pdf?forcedownload=1 Acesso em 08 nov. 2024.

share with us:

How can the heart express itself

How can the other understand (. . .)? (cited in Vygotsky 1987: 281)

Volosinov's citation goes a little further:

Oh, if one could speak from the soul, without words! (cited in Volosinov 1973: 85)

Volosinov comments somewhat deprecatingly that this is a "romantic individualist sentiment". Vygotsky would understand. For both men it is precisely through words that the soul learns to speak precisely. For humans to make themselves understood across national boundaries, the words used must always be foreign to at least one party. The exquisite paradox is that it is through these foreign words that we come to understand our own language precisely for the first time (Kellogg¹⁹, 2009, P.95)²⁰.

Este trecho discute a relação entre os trabalhos de Vygotsky e Volóchinov, sugerindo que, embora ambos certamente possam ter estado cientes das obras um do outro, há uma relutância compartilhada em reconhecer essa influência mútua. Volóchinov menciona Vygotsky apenas uma vez em sua obra, enquanto Vygotsky nunca cita Volóchinov diretamente em seus escritos. Isso levanta questões sobre a dinâmica entre esses dois pensadores influentes.

Kellogg (2009) menciona que, em 1982, editores russos das obras completas de Vygotsky notaram que várias citações literárias no último capítulo de "Pensamento e Linguagem" já haviam aparecido anteriormente em obras de Volóchinov. Isso sugere que, apesar da falta de reconhecimento explícito, há uma interconexão nas ideias que ambos exploram. O trecho citado acima também inclui uma citação compartilhada de um poema do poeta russo Fet, que reflete sobre a dificuldade da expressão e da

¹⁹ KELLOGG, DAVID, 'Classic Book' Review. **International Journal of Applied Linguistics** Vol. 19; No. 1; 2009. Disponível em: https://lhc.ucsd.edu/mca/Mail/xmcamail.2009_03.dir/pdfECNR4O_a1nF.pdf Acesso em 10/11/2024.

²⁰ Tradução do autor da tese: "Supondo que Vygotsky e Volóchinov soubessem um do outro trabalho, existe também uma relutância partilhada em mencionar este conhecimento mútuo. Volóchinov (p. 171) cita Vygotsky exatamente uma vez, no audacioso "A Consciência como um problema na psicologia do comportamento", de Vygotsky One. Vygotsky em toda sua obra nunca menciona Volóchinov pelo nome. Em 1982, porém, os editores russos de suas obras concluídas notaram que muitos dos textos literários citações no último capítulo de "Pensamento e Linguagem", de Vygotsky, já haviam sido percebidos ou apareceram literalmente nas obras de Volóchinov. Existe, por exemplo, esta passagem comovente do poeta russo Fet, que Volóchinov e Vygotsky compartilham e compartilham conosco:

Como o coração pode se expressar

Como o outro pode entender (. . .)? (citado em Vygotsky 1987: 281)

A citação de Volóchinov vai um pouco além:

Ah, se alguém pudesse falar com a alma, sem palavras! (citado em Volosinov, 1973: 85)

Volóchinov comenta de forma um tanto depreciativa que este é um "romântico sentimento individualista". Vygotsky entenderia. Para ambos os homens é precisamente através das palavras que a alma aprende a falar com precisão. Para humanos para se fazerem entender além das fronteiras nacionais, as palavras usadas deve ser sempre estranho a pelo menos uma das partes. O extraordinário paradoxo é que é através dessas palavras estrangeiras que passamos a entender a nossa própria língua precisamente pela primeira vez. (itálicos nossos).

compreensão entre os seres humanos. Volóchinov comenta que essa busca por uma expressão "sem palavras" é um "sentimento individualista romântico", enquanto Vygotsky enfatiza que é através das palavras que a alma aprende a se expressar de forma precisa.

Em mais uma apresentação do reconhecimento mútuo de Bakhtin e seu Círculo com Vygotsky, buscamos em Van der Veer (1996) as seguintes colocações, uma delas a mesma referenciada acima por Kellog (2009)

Essas referências cruzadas confirmam que tanto Vygotsky como Bakhtin estavam próximos de uma visão behaviorista do mundo nessa época, e a referência de Bakhtin demonstra que ele conhecia pelo menos um dos trabalhos de Vygotsky. Da mesma forma, foi afirmado (ver Radzikhovsky, 1982, p. 489) que Vygotsky leu pelo menos uma das obras de Bakhtin, "Marxismo e a Filosofia da Linguagem" (1930/1972) (Van Der Veer, 1996, p.110).

Radzikhovsky também fez várias afirmações referentes aos dois fragmentos poéticos reproduzidos a seguir, citados por Vygotsky em seu sétimo capítulo (1934a, p. 314):

Como pode o coração se expressar?
 Como um outro pode te compreender?...
 e
 Ah, se a alma pudesse se expressar sem a palavra!

O primeiro fragmento foi atribuído por Radzikhovsky a Fet e ele afirmou (...), que os versos foram citados por Vygotsky via *Marxismo e a filosofia da linguagem*, de Bakhtin (...). Se for verdade, isto provaria que Vygotsky conhecia a obra de Bakhtin. (...) De qualquer forma, Radzikhovsky pode ter estado certo ao indicar Bakhtin como uma das possíveis fontes de inspiração para Vygotsky. Uma razão para supor que Vygotsky leu Bakhtin (1930/1972) é que o fragmento poético de Fet citado acima pode ser encontrado em Bakhtin (1930/1972, p. 86), além de um outro verso de "Silentium!", de Tyutchev. Esses versos foram citados por Bakhtin no contexto de uma discussão similar à de Vygotsky (Van Der Veer, 1996, p.400-401).

A ideia central é que para que as pessoas se entendam além das fronteiras nacionais, as palavras utilizadas devem ser, em algum nível, estrangeiras para pelo menos uma das partes. Essa situação paradoxal revela que, ao usar palavras estrangeiras, podemos chegar a uma compreensão mais profunda de nossa própria língua e significado. Em suma, tanto Vygotsky quanto Volóchinov e Bakhtin, segundo Kellog e Van der Veer, reconhecem a importância da linguagem na formação da consciência e na comunicação, mesmo que suas abordagens e ênfases possam diferir.

O que pretendemos demonstrar é que há evidências mais que suficientes para poder afirmar que ambos se conheceram intelectualmente por meio de suas obras e

que muito possivelmente se citaram, com a comprovação existente do lado de Bakhtin/Volóchinov. A união de ideias comprovadas por Brandist (2012) é que ambos os pensadores russos, por meio de Nartop, rechaçavam ou aceitavam os neokantianos de Marburg, que eram conhecidos na antiga Rússia e posterior União Soviética por serem idealistas que buscavam o afastamento do psicologismo, oferecendo posicionamentos quase matemáticos para os conhecimentos acadêmicos, algo que tanto o Círculo de Bakhtin quanto Vygotsky reconheceram em seus escritos. Então, conforme Brandist (2012, p.95), “não é surpresa, portanto, encontrar o trabalho de Nartop como objeto de atenção de Bakhtin, Voloshinov e Vygotsky”.

Conforme ainda explicita Brandist (2012), a forma de compreender o metodologismo da escola de Marburg varia entre os Bakhtin e Vygotsky. Essa abordagem filosófica enfatiza a distinção entre as ciências naturais e as ciências humanas, operando de acordo com diferentes princípios lógicos. Essa escola defendia que as ciências naturais funcionam sob uma "mono-lógica", enquanto as ciências humanas operam com uma "dia-lógica".

Bakhtin e, em certa medida, todo o seu Círculo, aceitavam essa noção da escola de Marburg. Brandist (2012, p.95) explica que para Bakhtin, essa distinção era importante, pois ele combinou essa ideia com uma crítica social, argumentando que a imposição dos métodos das ciências naturais sobre as ciências humanas era uma forma opressiva de poder. Essa perspectiva reflete a preocupação de Bakhtin com a pluralidade de vozes e a complexidade do diálogo humano, que não pode ser reduzido a uma lógica única.

Já Vygotsky tinha uma visão diferente em seus estudos, explica Brandist. Ele se opôs à bifurcação da ciência proposta pelos neokantianos, que era uma característica do metodologismo da escola de Marburg. Brandist explora as obras de Vygotsky e explica que, influenciado por seu entusiasmo inicial por Spinoza, o psicólogo russo acreditava na unidade do ser e na interconexão entre os fenômenos culturais e as estruturas físicas e biológicas. Para ele, os fenômenos culturais eram coerentes com as estruturas biológicas, mesmo que qualitativamente diferentes. Essa abordagem sugere que Vygotsky buscava uma síntese que integrasse diferentes domínios do conhecimento, ao contrário da divisão proposta pela escola de Marburg.

Dessa maneira, enquanto Bakhtin aceitava a distinção entre as ciências naturais e humanas, como ele e Volóchinov explicaram bem em “O Freudismo” (2007),

Vygotsky se opunha a essa separação, buscando uma abordagem mais integrada que considerasse a interdependência entre os fenômenos culturais e biológicos. Essa divergência essencial nas filosofias da ciência entre os dois pensadores é um ponto importante para entender suas respectivas contribuições e abordagens teóricas.

Como dialogaremos mais extensivamente nessa tese, o campo em que os Círculos de Bakhtin e Vygotsky mais se aproximaram foi o campo da arte. Acerca disso, Brandist (2012, p. 96) nos ensina que Vygotsky foi influenciado por figuras como Aleksandr Potebnia, Viktor Zhirmunski e Broder Christiansen, especialmente este último, da escola neokantiana de Baden. Brandist (2012) assevera que Vygotsky critica e se engaja com os argumentos de Christiansen, buscando entender as respostas psicológicas dos leitores à arte, particularmente à arte literária. Ele define a obra de arte como um sistema de estímulos que provoca reações estéticas, propondo uma metodologia que analisa a estrutura da obra para recriar essas reações e estabelecer leis gerais. Brandist explicita que Bakhtin, por sua vez, aprecia a definição de Christiansen sobre o objeto estético, mas critica a aplicação inadequada dos métodos das ciências naturais na análise da arte, defendendo que a estética deve ser separada do mundo físico, que considera impossível de conhecer. Embora ambos rejeitem o reducionismo que reduz funções da consciência a bases biológicas, Bakhtin e seu Círculo, conforme Brandist (2012), propõe uma distinção mais clara entre as ciências humanas e naturais, enquanto Volóchinov pode ter uma visão equivocada sobre essa questão.

Avançando em paralelos proximais entre Vygotsky e o Círculo de Bakhtin, a questão da dimensão histórica do desenvolvimento cultural é um ponto de convergência dialógica entre ambos. Brandist (2012, p.99) afirma que a partir de 1928, os pensadores russos começaram a abordar essa questão em seus escritos. Bakhtin inicia o desenvolvimento de estudos nessa área com o trabalho “O Discurso no romance”, findado em 1934 e ampliou essa discussão com o texto “Epos e Romance”, de 1940. Ambos os textos estão presentes no Brasil no livro “Questões de Literatura e Estética²¹” (1988). Já Vygotsky principiou estudos na forma de ensaios acerca do comportamento humano e animal, datados de 1928 e 1929, ocorrendo posteriormente livro escrito em coautoria com Aleksandr Luria (1996), intitulado “Estudos sobre a

²¹ BAKHTIN, Mikhail. M. **Questões de literatura e estética**. Trad. A.F. Fernadini et al. 1. ed. São Paulo: UNESP/Hucitec, 1988.

história do comportamento: símios, homem primitivo e criança²²”, de 1930. Vygotsky (2021) também produziu o estudo “História do desenvolvimento das funções mentais superiores”²³, seguindo essa mesma linha de estudos. O foco de Bakhtin e seu Círculo e Vygotsky e seu coautor são divergentes sobremaneira, porém há teorias, conforme explicitam Brandist (2012) e Daniels (2002), que são subjacentes desses estudos e que se tornam esclarecedoras para nosso intento de pesquisa.

Até o ponto em que desenvolvemos esta tese, os estudos interseccionais das ideias do Círculo de Bakhtin e Vygotsky e seus pesquisadores associados²⁴ ainda não se mostraram plenamente esclarecedores. São olhares em semelhanças superficiais que buscamos superar ao longo deste estudo. Fiamos-nos nas palavras de Brandist quando este afirma que

Na ausência de um trabalho mais substancial, surgiram muitas tentativas de combinar suas ideias em uma pletora de aplicações, sem qualquer consideração séria sobre as questões de princípio que tornam tais combinações problemáticas. (...) Desse modo, a investigação histórica da obra dos respectivos grupos de pensadores não é uma alternativa para o desenvolvimento das ideias, mas uma precondição para um desenvolvimento coerente (Brandist, 2012, p.104).

As ideias dos Círculos de Vygotsky e Bakhtin convergem, mas não se coincidem completamente. Ainda segundo Brandist, ambos buscavam uma teoria geral das estruturas emergentes em psicologia e cultura, utilizando um círculo semelhante de pensadores contemporâneos. No entanto, suas abordagens filosóficas diferem: Vygotsky procurava uma unidade entre fenômenos culturais e estruturas físicas, enquanto Bakhtin se baseava em uma divisão neokantiana entre causalidade e teleologia. Volóchinov, situado entre os dois, buscava uma síntese, mas sua visão

²² VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

²³ VIGOTSKI, Lev Semionovich. **História do desenvolvimento das funções mentais superiores**. São Paulo: Martins, 2021.

²⁴ Este estudo apresenta os resultados de uma pesquisa dedicada à compreensão do conceito de Círculo de Vygotsky, conforme proposto por Yasnitsky. Para isso, foram consideradas sua tese de doutorado, *"Vygotsky Circle During The Decade of 1931-1941: Toward an integrative science of mind, brain, and education"*, e o livro *"Vygotski revisitado: una historia crítica de su contexto y legado"*, além de outros artigos do autor que dialogam com o tema. As referências utilizadas foram extraídas do estudo realizado por Bovo, Kunzler e Toassa (2019). Além da investigação teórica, buscou-se compreender as configurações desse círculo dentro do contexto histórico da URSS, levando em conta os determinantes políticos e sociais da época. Por fim, a pesquisa propôs-se a explorar a ideia do Círculo de Vygotsky, conforme as referências dos intelectuais estudados. Disponível em Bovo, Kunzler e Toassa. (2019). Da “Escola” ao “Círculo” de Vigotski: uma perspectiva historiográfica crítica. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, [S. l.], v. 36, p. 1–23, 2019. DOI: 10.35699/1676-1669.2019.6842. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6842>. Acesso em: 21 maio. 2025.

era influenciada pela filosofia dualística de Bakhtin, o que o impedia de se alinhar completamente com a perspectiva de Vygotsky. Isso ainda precisa ser aprofundado, pois a questão da autoria ainda é incerta quando se trata do Círculo de Bakhtin²⁵.

Assim, buscamos explicar nesse capítulo com ampla bibliografia a comprovação de que Bakhtin e seu Círculo e Vygotsky viveram e produziram suas obras na União Soviética durante um período de intensas transformações intelectuais e sociais. Existem vários indícios que sugerem a possibilidade de um conhecimento mútuo de suas obras, já que ambos viveram e trabalharam na União Soviética durante os anos 1920-1930 e participavam ativamente dos círculos intelectuais soviéticos, estando envolvidos em debates sobre linguagem, psicologia e desenvolvimento humano.

Também, estes intelectuais russos compartilhavam interesse central pela linguagem como fenômeno social e desenvolveram teorias que enfatizavam a natureza dialógica da consciência enquanto trabalhavam com conceitos relacionados à mediação semiótica e interação social.

Sobre as evidências específicas que demonstramos ao longo do capítulo, é possível comprovar que Vygotsky possivelmente se utiliza em seus trabalhos alguns autores que faziam parte do Círculo de Bakhtin, como Volóchinov e ambos os russos foram influenciados por teorias linguísticas similares, como as demonstradas nesse capítulo, desde intelectuais a poetas.

Considerando estas evidências, podemos concluir neste capítulo que existe uma forte evidência de que Vygotsky tenha tido contato com algumas das ideias iniciais de Bakhtin, especialmente através do Círculo de Bakhtin e publicações do período. Como já mencionamos em nossa introdução, Bakhtin (2007) teve acesso direto aos trabalhos de Vygotsky durante o período mais produtivo de sua carreira. É preciso conceber também a ideia de que a complementaridade de suas teorias,

²⁵ A questão da autoria dos textos associados ao Círculo de Bakhtin é um tema complexo, marcado pela colaboração intensa entre seus membros. Muitos escritos foram publicados com diferentes assinaturas, dificultando a atribuição precisa. O grupo, que reunia intelectuais como Bakhtin, Volóchinov e Medvedev, desenvolveu pesquisas e reflexões conjuntas, resultando em obras com forte influência coletiva. A prática de publicar em outros nomes era comum no ambiente intelectual russo da época, em parte devido à censura e à necessidade de proteção. Texto como *"Marxismo e filosofia da linguagem"*, frequentemente atribuído a Volóchinov, geram debates sobre a real autoria, levantando hipóteses de que Bakhtin ou outro membro do grupo possa ter sido o autor intelectual. O mesmo ocorre com *"A palavra na vida e a palavra na poesia"*, cuja autoria também é questionada. A dinâmica colaborativa do Círculo faz com que muitas dessas obras sejam vistas como fruto de um esforço conjunto, refletindo uma perspectiva coletiva em vez de um único autor. Por isso, a discussão sobre a autoria segue aberta entre estudiosos, considerando a complexidade das relações e a interação intelectual dentro do grupo.

descoberta e explorada posteriormente por outros pesquisadores demonstrados nesse capítulo, demonstra mais uma convergência de pensamento do que necessariamente um diálogo direto entre suas obras. Contudo, as evidências de reconhecimento mútuo são constantes e não podem ser negligenciadas.

Dessa maneira, embora não possamos afirmar categoricamente que houve um conhecimento mútuo aprofundado de suas obras, existem evidências circunstanciais suficientes para sugerir que, pelo menos, Vygotsky teve algum contato com as ideias iniciais de Bakhtin. A verdadeira riqueza da relação entre seus pensamentos foi descoberta posteriormente, quando pesquisadores identificaram as profundas conexões e complementaridades entre suas teorias, contribuindo para uma compreensão mais ampla dos processos de desenvolvimento humano, linguagem e interação social.

2. CAPÍTULO 2 - BAKHTIN E VYGOTSKY: BASE COMUM CULTURAL E IDEOLÓGICA

Ao buscar, nesse capítulo, evidências na bibliografia de ambos a respeito de uma base comum, cultural e ideologicamente, percebemos campos de atuação onde os pensadores se aproximam e outros em que se afastam. Trataremos disso avançando na tese. Da psicologia à filosofia da linguagem, avançando por campos como a semiótica e até a teoria literária, há perceptíveis aproximações e visões irreconciliáveis no movimento intelectual destes autores russos contemporâneos entre si. Inicialmente, é preciso contextualizar o leitor da tese de que ambos viviam na União Soviética na década de 1920. Ambos objetivavam implantar o marxismo em diálogos com as diferentes áreas citadas. Em especial, o marxismo que fora homenageado por Lênin no artigo “Sobre o significado do materialismo militante” (Lênin, 1922)²⁶, trouxe para o cenário soviético no campo das ciências humanas, em especial psicologia, teoria literária e filosofia da linguagem, a influência do marxismo. Pensadores tão diversos quanto Bakhtin e seu Círculo e Vygotsky e seu grupo de colaboradores se debruçaram a estudar com mais afinco em suas respectivas áreas de estudo a influência do social, do histórico e do cultural nas ciências humanas. Contudo, eles também são considerados diferentes de outros pensadores marxistas de sua época, isso porque Bakhtin e Vygotsky partem das falhas do marxismo em relação aos estudos da consciência, linguagem, formação ideológica concreta, tendo como exemplo a arte.

O contexto histórico-cultural da década de vinte na União Soviética teve um impacto significativo no trabalho de Bakhtin e Vygotsky, moldando suas abordagens teóricas e metodológicas. Ambos os autores estavam inseridos em um ambiente de intensa transformação social e política, resultante da Revolução de 1917 e das subsequentes mudanças ideológicas. Amparados em Ponzio (2008)²⁷ e Daniels (2002)²⁸, para aprofundar neste contexto de época, tanto Bakhtin quanto Vygotsky se

²⁶ MARX, K.; ENGELS, F. **Obras Escolhidas**. Vol. I. Lisboa: Avante!; Moscou: Progresso, 1982. A Versão do texto utilizada foi a disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1922/03/12-1.htm> Acesso em 28 ago. 2024.

²⁷ PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. Trad. Coordenada por Vladimir Miotello. São Paulo : Contexto, 2008.

²⁸ DANIELS, H. (Org.). **Uma introdução a Vygotsky**. São Paulo: Loyola, 2002.

movimentaram dentro do marxismo, buscando desenvolver suas ideias em diferentes campos da investigação científica. O marxismo ofereceu uma base teórica que enfatizava a inter-relação entre a infraestrutura econômica e a superestrutura ideológica, o que influenciou suas reflexões sobre a linguagem, a consciência e a cultura. A Figura 1 traz, respectivamente, as imagens de Bakhtin e Vygotsky, conforme se pode ver abaixo:

Figura 1. Bakhtin e Vygotsky



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)²⁹.

Vygotsky e Bakhtin tinham também como base a rejeição ao formalismo russo, conforme se apreende em Tezza (2003) e Daniels (2002), que dominava o campo da literatura e da linguística, tendo sido criticado pelos dois pensadores. Eles argumentaram que a vida psíquica e a linguagem não poderiam ser reduzidas a

²⁹ Imagem produzida no aplicativo SORA da OpenIA no dia 05/03/2025 a partir de fotografias antigas de Mikhail Bakhtin e Lev Vygotsky.

fenômenos puramente formais ou fisiológicos, mas deveriam ser entendidas em seu contexto social e histórico. Essa crítica foi uma resposta ao ambiente intelectual que priorizava análises descontextualizadas e mecânicas.

No caso de Bakhtin (1988)³⁰, reside a maior crítica do autor ao formalismo russo a publicada no texto “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária”, de 1924. Para Bakhtin, ao valorizar excessivamente a questão do material em detrimento do conteúdo, numa concepção considerada ingênua, por considerar-se científica. Bakhtin frisa veementemente que uma obra não é apenas algo material e que este aspecto é apenas secundário. Já Vygotsky, conforme Daniels (2002), critica, entre várias outras considerações, a abordagem formalista por ignorar a dimensão social e histórica da produção artística. Ele acreditava que a vida psíquica e a consciência não são fenômenos isolados, mas estão profundamente enraizados nas interações sociais e nas condições culturais (bem como pensara Bakhtin também). Essa perspectiva contrasta com a visão formalista, que muitas vezes se concentra apenas na análise estética e estrutural das obras.

O período que ambos viveram também foi marcado por um crescente interesse em abordagens interdisciplinares, que integravam psicologia, filosofia da linguagem e semiótica, conforme já expomos. Bakhtin e Vygotsky exploraram essas conexões, reconhecendo a importância dos signos e da comunicação social na formação da consciência e do comportamento humano. Isso será demonstrado mais adiante nesta tese, onde dialogaremos sobre as aproximações e afastamentos em relação à psicologia. Nesse ponto, a psicologia soviética da época, influenciada por pensadores como Luria e Leontiev, buscava uma abordagem materialista-dialética que valorizasse a natureza histórico-social dos processos psíquicos. Vygotsky, em particular, enfatizou a necessidade de entender a psicologia em um contexto social, bem como realizou Bakhtin, rejeitando tanto o behaviorismo quanto a introspecção como métodos adequados para estudar a vida psíquica.

Essas considerações, entre outras, moldaram as contribuições de Bakhtin e Vygotsky, permitindo que suas obras se tornassem fundamentais para o desenvolvimento da teoria social, da psicologia e da crítica literária na União Soviética e no mundo, rompendo a barreira do tempo de suas vidas. Ponzio (2008) afirma que

³⁰ M. M. BAKHTIN. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Hucitec, São Paulo, 1988.

Além disso, ambos conduzem suas investigações na mesma direção, procurando determinar as características do objeto estudado, indo além de suas formas genéricas, recusando-se a aplicar superficialmente categorias como “infraestrutura”, “superestrutura” e “classe”, com a conseqüente interpretação mecânica da consciência, da linguagem e da ideologia (Ponzio, 2008, p.71-72).

Nesse contexto de vida intelectual e científica, diversos intelectuais da época tinham crença profunda de que poderiam aplicar o marxismo às suas respectivas ciências, pois conforme explica Ponzio (2008, p.72) “até mesmo Stalin, assim como todos os que acreditavam poder “aplicar” o marxismo à ciência, utilizando esquemas genéricos e reduzidos ou fórmulas simplistas”. O autor italiano citado, especializado no Círculo de Bakhtin, nos ensina que mesmo Stalin (1945)³¹, que governava a União Soviética com mãos de ferro, publicara em 1938 o texto “Sobre o materialismo histórico e o materialismo dialético”, explicando que a história da humanidade é reduzida a cinco tipos fundamentais de relações de produção, sendo que “a história conhece cinco tipos fundamentais de relações de produção: o comunismo primitivo, a escravidão, o feudalismo, o capitalismo e o socialismo (Stalin, 1945, não p.).

O stalinismo suprimiu a consciência da elaboração, na perspectiva marxista, de teorias da linguagem, teoria literária ou da psicologia que superassem e ultrapassassem a questão da língua, da consciência da arte, pois sempre recorriam à definição de superestrutura para oprimir os novos pensamentos. Bakhtin e o Círculo expuseram essa corrente na obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem” (2006), expondo o pensamento linguístico dominante da época, oriundo de Marr, pensador falecido em 1934.

A teoria de Marr tornou-se majoritária até a chegada dos anos 1950, quando o próprio Stalin produzira artigos sobre linguística publicados no jornal *Pravda*. Segundo Tchougounnikov (2015)³², Stalin faz duras críticas a Marr. Segundo Tchougounnikov (2015), Stalin contesta a ideia de que a linguagem é uma superestrutura que se desenvolve em função das condições materiais e econômicas da sociedade. Ele argumenta que a linguagem não deve ser vista como um reflexo direto das lutas de

³¹ STALIN, Josef. **Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico**. Rio de Janeiro: Edições Horizonte, 1945. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/stalin/1938/09/mat-dia-hist.htm> Acesso em 29 ago.2024

³² TCHOUGOUNNIKOV, S. O Dialogismo e a Paleontologia da Linguagem: o Círculo de Bakhtin na episteme soviética. **Revista Conexão Letras**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2015. DOI: 10.22456/2594-8962.55657. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55657>. Acesso em: 29 ago. 2024.

classes, mas sim como um fenômeno mais estável e unificado que serve a toda a sociedade.

Ainda, o governante russo criticou a noção de que a evolução da linguagem ocorre por "saltos revolucionários". Ele defende que o desenvolvimento das línguas é um processo gradual e contínuo, onde uma língua pode absorver elementos de outra, mas não resulta na criação de uma nova língua qualitativamente diferente.

Termina por propor um retorno às abordagens tradicionais da linguística, como o método histórico-comparativo, e critica a confusão e os excessos da teoria de Marr, que ele considera nociva para a linguística soviética. Essas críticas refletem a tentativa de Stalin de consolidar uma visão da linguagem que se alinha com a ideologia soviética, enfatizando a unidade e a continuidade da língua russa como um elemento central da identidade nacional.

Posto isso, contextualizamos que o fim da teoria linguística de Marr se deu por meio do descrédito plantado pelo próprio Stalin. Agora, a considerar outras bases de pensamento, questionamentos à teoria de Marr já tinham sido publicados e expressados, demonstrando a evolução do pensamento das ciências humanas no período stalinista. Tanto Vygotsky quanto Bakhtin e seu Círculo se opunham a reduzir a reação verbal a mero ato fisiológico, excluindo assim do seu elemento de caráter sociológico. O Círculo de Bakhtin, a ser especificado mais adiante nessa tese, expressa em suas pesquisas que é preciso focar de maneira materialista-dialética a psicologia para que se possa dar valor à natureza histórico-social dos processos psíquicos humanos. Em sintonia com Vygotsky, Ponzio (2008) nos explica que

Bakhtin se dá conta de que - como diriam Luria e Leontiev, referindo-se à psicologia soviética dos anos 1921-27 - "o primeiro e fundamental dever que se apresentava, era o de recusar, por um lado, o vulgar conductismo (comportamentalismo) e, por outro, a concepção dos fenômenos psíquicos como estados simplesmente subjetivos, só acessíveis à introspecção". Desta forma, evidentemente, Bakhtin teria que se confrontar também com o estudo das ideologias, da linguagem verbal e dos signos humanos em geral (Ponzio, 2008, p.73-74).

São questionamentos básicos da base comum, cultural e intelectual, entre Vygotsky e Bakhtin a questão do individual e do social, as relações de infraestrutura e superestrutura, o entendimento da consciência e da ideologia social, o signo e a ideologia, noções de relação entre a psicologia social e a individual, em suma, todos estes pontos de estudo são perpassados pelas pesquisas dos pensadores russos.

Vão ser convertidos em considerações que cada um deverá passar em estudos, analisando e aprofundando-se em problemas específicos como a questão da arte e sua originalidade, por exemplo. Como a arte e sua originalidade se caracterizam em relação às demais formas ideológicas. Como se dão as idiosincrasias dos estudos e fenômenos literários? Com que a psique individual entra nesse campo de pensamento? Como o signo verbal se relaciona com estas ciências, em especial nas relações entre pensamento e linguagem? Isso foi buscado pelo Círculo de Bakhtin na primeira parte de “Marxismo e Filosofia da Linguagem” (2006) ou em “O método formal nos estudos literários” (2012)³³, sendo percebido também nos estudos de Vygotsky na primeira parte de “Psicologia da Arte” (1999). Nesses trabalhos, especialmente, é possível perceber a busca pelas questões realizadas acima, sempre pautadas pelos estudos na teoria das ideologias.

Vygotsky principia por ocupar-se da problemática de crítica artística, teoria literária, em especial trabalhando isso na obra “Psicologia da arte” (1999). Para o autor russo, é uma psicologia que se coloca enquanto a posição à psicologia empírico-subjetiva ou a qualquer forma implícita ou explícita no campo psicológico. Vygotsky vai trabalhar em “Psicologia da arte” uma crítica ao método formal, tal como fizeram Bakhtin e o Círculo em “O Método formal nos estudos literários” (2012), expondo a visão da escola formalista que é contra o psicologismo. No prefácio da obra o autor russo explica que

Achamos que a idéia central da psicologia da arte é o reconhecimento da superação do material da forma artística ou, o que dá no mesmo, o reconhecimento da arte como técnica social do sentimento. Achamos que o método de estudo desse problema é o método analítico objetivo, que parte da análise da arte para chegar à síntese psicológica: o método de análise dos sistemas artísticos dos estímulos. Com Hennequin, consideramos a obra de arte como um “conjunto de signos estéticos, destinados a suscitar emoções nas pessoas”, e com base na análise desses signos tentamos recriar as emoções que lhes correspondem. Contudo a diferença entre o nosso método e o estopsicológico consiste em que não interpretamos esses signos como manifestação da organização espiritual do autor ou dos seus leitores⁵. Não concluímos partindo da arte para a psicologia do autor ou dos seus leitores, pois sabemos que não se pode fazê-lo com base na interpretação dos signos. Tentamos estudar a psicologia pura e impessoal da arte sem relacioná-la com o autor e o leitor, pesquisando apenas a forma e o material da arte (Vygotsky, 1999, p.04)

Os estudos do formalismo, em especial suas vertentes filosóficas e linguísticas,

³³ MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch (Círculo de Bakhtin). **O método formal nos estudos literários:** introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012. 269 p

com correlações com as correntes marxistas, não podem por si só explicar as aproximações temáticas, os pontos de contato metodológicos nos estudos de Vygotsky e o Círculo de Bakhtin, considerando que estamos analisando aqui a psicologia da arte de Vygotsky e os estudos de teoria literária de Mikhail Bakhtin e seu Círculo. Ao explanarmos sobre a base comum entre os dois pensadores russos, Vygotsky se debruça sobre os estudos comportamento humano por meio dos signos, em um estudo que analisa os sistemas semióticos da cultura humana. Quando Vygotsky passou a se ocupar mais dos problemas fundamentais da psicologia, caso este que explicaremos mais adiante, deixando de lado os estudos da psicologia da arte, ocorrida em especial de 1924 em diante, a função dos signos na regulamentação do comportamento humano foi a sua nova etapa de pesquisa. Isso também era pesquisado por Bakhtin e o Círculo. Isso porque, conforme podemos perceber na obra “Psicologia da arte” (1999), a busca de Vygotsky passa a ter relação com o que Bakhtin e o Círculo trataram em “O método formal nos estudos literários” (2012) e “Marxismo e filosofia da linguagem” (2006 e 2017). As relações entre os signos, o problema de sua função e significados desde suas origens.

Se nos aprofundarmos em duas obras citadas acima, “O método formal nos estudos literários” (Medviédev, 2012) e “Psicologia da Arte” (Vygotsky, 1999), encontraremos os estudos sobre o psicologismo e o antipsicologismo que afeta o estudo do método formal e que podem ser encontradas os posicionamentos de Bakhtin e Vygotsky acerca da problemática do signo, suas funcionalidades, significações, tudo isso desde a origem, conforme mencionamos anteriormente. Os formalistas russos tinham uma postura

Os formalistas russos adaptaram uma posição antipsicologista graças a influência que Edmundo Husserl exerceu, sobretudo através da obra de seu discípulo russo, Gustav Spet; e que incluía também o interesse husserliano pelos problemas de ordem semiótica. “Se Baudouin de Courteney e seus seguidores”, escreve Erlich, “não eram contrários a remontar os fenômenos lingüísticos à sua origem psicológica, os husserlianos se colocavam em posições de antipsicologismo extremo”, e algumas linhas antes, Erlich escreve: “a atitude de Husserl ante os problemas lingüísticos era a de um lógico, mais especificamente a de um semiólogo. Para Husserl, a linguagem era, como disse um de seus seguidores russos (G. Spet), “o sistema primordial dos signos, o protótipo natural de toda expressão dotada de significado” (Ponzio, 2008, p.76).

Assim como ocorreu com Bakhtin e o Círculo como também em Vygotsky, ambos manifestam estudos em uma psicologia que serve como pressuposto ao método formal, afirmando, inclusive, o caráter social e histórico de quaisquer que

sejam as manifestações genuinamente humanas.

Assim, o psiquismo do homem social é visto como subsolo comum de todas as ideologias de dada época, inclusive da arte. Com isto se está reconhecendo que a arte, no mais aproximado sentido, é determinada e condicionada pelo psiquismo do homem social. Deste modo, em vez da antiga hostilidade encontramos um esboço de reconciliação e concordância entre as tendências psicológica e antipsicológica na estética, uma delimitação, entre elas, do campo de estudo com base na sociologia marxista. (VYGOTSKY, 1999, p.11).

Cada produto ideológico (ideologema) é parte da realidade social e material que circunda o homem, é um momento do horizonte ideológico materializado. Não importa o que a palavra signifique, ela, antes de mais nada, está materialmente presente como palavra falada, escrita, impressa, sussurrada no ouvido, pensada no discurso interior, isto é, ela é sempre parte objetiva e presente do meio social do homem. (Bakhtin; Medviédev, 2012, p.50)³⁴

Tanto Bakhtin e o Círculo quanto Vygotsky levam em consideração que o signo é o termo responsável pela mediação na dialética entre a infraestrutura (base) e a superestrutura. O signo verbal, de maneira concreta, é o que constitui o material do qual serão feitas praticamente todas as relações sociais em qualquer nível de interação, desde as relações mais básicas de cunho laboral, voltadas especificamente para o trabalho, até aquelas artísticas e literárias, que objetivam estabelecer conexões inter-relacionadas entre o nível das ideologias, sendo essas ideologias do cotidiano ou ideologias oficiais, conforme especificou o Círculo de Bakhtin em seus estudos. Nesse ponto, podemos considerar que para os dois pensadores russos, vale o que Zandwais³⁵ (2009) afirma quando

Ao afirmar que estão interessados, notadamente, em tratar do modo como “a realidade (infraestrutura) determina o signo e como este reflete e refrata a realidade em transformação”, Bakhtin/Voloshinov estão buscando caracterizar não somente a ubiquidade da palavra, mas, principalmente as formas por meio das quais ela é apropriada, circula e significa no seio dos grupos, nas relações institucionais, formais, ou ainda nas relações informais, no cotidiano da sociedade e da vida do povo soviético. E optam por investigar a realidade da linguagem a partir da infraestrutura, já que, segundo eles, “a palavra penetra literalmente em todas as relações entre os indivíduos, nas relações de colaboração, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político” (Zandwais, 2009, p.104).

Ainda, Bakhtin e o Círculo³⁶ complementam que

O conteúdo e a composição das camadas não oficiais da ideologia do

³⁴ MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012. 269 p.

³⁵ ZANDWAIS, Ana. **Bakhtin. Voloshinov**: condições de produção de Marxismo e filosofia da linguagem. In: BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin e o Círculo. São Paulo: Contexto, 2009. p. 97-116.

³⁶ BAKHTIN, Mikhail. **O freudismo**: um esboço crítico. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

cotidiano (isto é, o conteúdo e a composição do inconsciente, segundo Freud) são condicionados pela época e por uma classe tanto quanto o são as suas camadas 'censuradas' e os sistemas da ideologia enformada (Bakhtin, 2007, p.89).

A psicologia social é para o Círculo de Bakhtin uma interação s'ignica efetivamente concreta e verbal, pois

O que chamamos de psicologia do corpo social e que constitui, segundo a teoria de Plekhánov e da maioria dos marxistas, uma espécie de elo de ligação entre a estrutura sócio-política e a ideologia no sentido estrito do termo (ciência, arte, etc.), realiza-se, materializa-se, sob a forma de interação verbal. Se considerada fora deste processo real de comunicação e de interação verbal (ou, mais genericamente, semiótica), a psicologia do corpo social se transforma num conceito metafísico ou mítico (a "alma coletiva", "o inconsciente coletivo", "o espírito do povo", etc.) (Bakhtin, 2006, p.40-41).

Já a ideologia de um determinado tempo que conforme os estudiosos de psicologia da época de Bakhtin e Vygotsky reinavam, para Vygotsky se constituía pela vida psíquica do indivíduo, que é condicionada socialmente e é iminentemente social. Vygotsky se opõe ao termo de uma psicologia social por que compreende este social como uma instância secundária, sendo o resultado do comportamento de indivíduos que são concebidos de forma abstrata, ou seja, são considerados fora do seu real condicionamento histórico e social.

De fato, uma vez que negamos a existência da alma popular, do espírito popular, etc., como podemos distinguir a psicologia social da individual? O psiquismo, estudado pela psicologia social, é precisamente a psicologia de um indivíduo particular, aquilo que ele tem na cabeça. Não existe nenhum outro psiquismo (Vygotsky, 1999, p.14).

Vygotsky (1999) trabalha em seus estudos a ideia de que a psicologia não está relacionada e nem se ocupa das ideologias concretas. Para este autor russo, o objetivo precípua da psicologia era o de analisar e estudar as ideias em estado fluido como sendo a realidade psíquica de uma sociedade, não em sua ideologia como um todo. Bakhtin/Medvedev (2012, p.60) afirmam que quando se atribui à psicologia o objetivo de avançar, afirmando que ela "é capaz de infiltrar-se no próprio laboratório social das suas formações e formulações", encontrar-se-ia o ponto interseccional entre a psicologia e a arte, entre a teoria literária e a psicologia, ressaltando a relevância e o sentido *lato* de uma psicologia da arte. Para Bakhtin/Medvedev (2012, p.89), o artista tem a capacidade de "extrair" ou captar as "vontades artísticas" que se

manifestam na "arte de outrem". Essa extração se refere à habilidade do artista de perceber e interpretar as intenções e as expressões criativas que estão presentes nas obras de outros artistas, assim como nas condições sociais e culturais que as cercam.

In statu nascendi o artista os escuta, por vezes, melhor do que o "homem da ciência", o filósofo ou o prático cautelosos. A formação do pensamento, da vontade ética e dos sentimentos, suas divagações, suas buscas pela realidade que ainda não ganharam forma, sua fermentação surda nas profundezas da assim chamada "psicologia social", todo esse fluxo ainda não articulado da ideologia em formação reflete-se e refrata-se no conteúdo das obras literárias. (Medvedev, 2012, p.60)

Tanto Vygotsky quando Bakhtin e seu Círculo tem posicionamento de compreensão de que a especificidade das funções psíquicas do ser humano estão em seu caráter de intermediação. Dentro das formas sociais concretas é que são utilizados os instrumentos desenvolvidos pela intermediação humana. São diversos desenvolvimentos, em especial os que são produzidos para mediar as necessidades comunicacionais humanas, sendo eles os signos e a linguagem verbal. Vygotsky ainda desenvolve a ideia de que estes instrumentos desenvolvidos, como meio de trabalho, fazem com que "o comportamento humano tem aquela "reação transformadora sobre a natureza" (Vygotsky, 2007, p.63). Para ele, os instrumentos devem servir para conduzir a força humana sobre qualquer que seja o objeto de sua atividade. É desta maneira que o humano utiliza sua atividade externa para subjugar a natureza. O signo como forma básica de comunicação social não promove mudanças no objeto da operação psicológica, sendo ele um caminho de influência psicológica sobre comportamentos, próprios ou de outrem.

Já Bakhtin e Volóchinov expõem tanto na obra "O Freudismo" (2007) quanto em "Marxismo e filosofia da linguagem" (2006 e 2017) que a formação da consciência individual é produzida através de processos que vão do exterior para o interior, dos signos que são empregados exteriormente na comunicação humana e social e que consistem em um determinado grupo ou sistema social/cultural no qual o indivíduo está inserido.

Quanto mais claro se torna meu pensamento tanto mais ele se aproxima dos produtos enformados da criação científica. Além do mais, meu pensamento não consegue atingir a clareza definitiva enquanto eu não lhe encontro a formulação verbal precisa e não o associo àquelas teses da ciência que dizem respeito ao mesmo objeto, ou melhor, enquanto eu não transformo o meu pensamento em uma obra científica importante. Um sentimento qualquer não pode atingir maturidade definitiva e precisão sem encontrar a sua expressão externa, sem fecundar palavras, ritmo, cores, isto é, sem tomar a

forma de obra de arte (Bakhtin, 2007, p.88).

A transformação de um processo interpessoal num processo intrapessoal é o resultado de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento. O processo, sendo transformado, continua a existir e a mudar como uma forma externa de atividade por um longo período de tempo, antes de internalizar-se definitivamente. Para muitas funções, o estágio de signos externos dura para sempre, ou seja, é o estágio final do desenvolvimento. Outras funções vão além no seu desenvolvimento, tomando-se gradualmente funções interiores. Entretanto, elas somente adquirem o caráter de processos internos como resultado de um desenvolvimento prolongado. Sua transferência para dentro está ligada a mudanças nas leis que governam sua atividade; elas são incorporadas em um novo sistema com suas próprias leis. A internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com signos. Os processos psicológicos, tal como aparecem nos animais, realmente deixam de existir, são incorporados nesse sistema de comportamento e são culturalmente reconstituídos e desenvolvidos para formar uma nova entidade psicológica. O uso de signos externos é também reconstruído radicalmente. As mudanças nas operações com signos durante o desenvolvimento são semelhantes àquelas que ocorrem na linguagem. Aspectos tanto da fala externa ou comunicativa como da fala egocêntrica "interiorizam-se", tornando-se a base da fala interior. A internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana; é a base do salto quantitativo da psicologia animal para a psicologia humana. Até agora, conhece-se apenas um esboço desse processo (Vygotsky, 2007, p.58).

Os dois pensadores russos e seus respectivos círculos de colaboradores têm em comum a linguagem e os signos para partilharem de uma base comum intelectual, cultural, psicológica e ideológica. Os signos ou a linguagem verbal, especificamente, não são apenas instrumentos que transmitem significação ou experiências pessoais já desenvolvidas ou configuradas antes de sua organização sígnica. São também instrumentos plenos de significação, de constituição das vivências pessoais dos indivíduos, marcadores dos processos interiores mentais que bem como os signos que são utilizados ou empregados, são iminentemente sociais.

A base comum entre ambos continua quando analisamos a obra "A construção do pensamento e da linguagem" (2001), quando Vygotsky estabelece suas distinções obre "sentido" e significado". Vygotsky trabalha enfatizando que o significado de uma palavra não se refere a um objeto simples, mas a um grupo ou classe de objetos, o que implica que cada palavra é uma generalização. Essa generalização é um ato verbal de pensamento que reflete a realidade de uma forma diferente da sensação e da percepção. Isso se parece muito com o que Bakhtin e o Círculo desenvolveram a respeito de "tema" e "significado". Na introdução de "Marxismo e filosofia da linguagem" (2006 e 2017), Bakhtin, ao dialogar com o livro de I. Present, "As origens

da linguagem e do pensamento”, de 1928, afirma categoricamente que é contrário à ideia de que o signo verbal seja compreendido como um mero sinal.

Ao avançar nas ideias que já havia trabalhado em “O Freudismo” (2007), em outro ponto de aproximação com Vygotsky, que trabalhara no texto “A consciência como um problema da psicologia do comportamento”, publicado em 1925. Este é uma conferência, proferida em 1924, no Instituto de Psicologia de Moscou, que abordaremos mais à frente neste trabalho. Bakhtin distingue o signo do sinal, isso porque o autor russo compreende que o signo tem por característica sua indeterminação e inflexibilidade semântica, o que lhe permite produzir adaptações a contextos diversos sempre novos e diferenciados. Já o sinal tem uma função fixada previamente, sendo unidirecional e unívoco.

Todos os atos essenciais da vida do homem são motivados por estímulos sociais nas condições do meio social. Se conhecermos apenas o componente físico do estímulo e só de forma abstrata o componente fisiológico resposta, então ainda entendemos muito pouco os atos humanos (Bakhtin, 2007, p.19).

Bem como em Vygotsky quanto em Bakhtin, é perceptível que ambos partilham a base de que muito pouco seria entendido da ação humana se apenas fossem conhecidos os elementos físicos que estimulam o indivíduo e a forma fisiológica abstrata da reação. Para Bakhtin, a reação verbal é um fenômeno que é profundamente influenciado pelo contexto social e pelas interações entre indivíduos. O autor explica que nenhuma enunciação verbal pode ser atribuída exclusivamente ao falante, pois é sempre o resultado de uma interação social e de uma situação mais ampla em que essa enunciação ocorre, isso porque “já afirmamos que nem a mais simples enunciação verbalizada do homem (sua reação verbal) se enquadra nos limites de um organismo individual.” (Bakhtin, 2007, p.104).

Na obra “Marxismo e filosofia da linguagem” (2006) é afirmado por Bakhtin/Volóchinov que os signos não devem ser confundidos com os sinais. Os signos são frequentemente associados a um sistema semiótico mais amplo, onde sua interpretação depende de um contexto social e cultural, como a Cruz de Cristo ou a Estrela de Davi ou a foice e o martelo cruzados. Por outro lado, um sinal é geralmente entendido como um indicador ou uma marca que aponta para algo específico, sem necessariamente carregar um significado mais profundo ou simbólico. Um semáforo, por exemplo.

Somente um triste mal-entendido e hábitos do pensamento mecânico profundamente arraigados resultaram no fato de que esses "sinais" por pouco não foram transformados em uma chave para a compreensão da língua e do psiquismo humano (da palavra interior). Uma forma linguística não será compreendida como tal enquanto ela for apenas um sinal para aquele que a compreende. Um sinal puro não existe nem nas fases iniciais da aprendizagem de uma língua. Mesmo nesse caso, a forma é orientada pelo contexto e se constitui em um signo, embora estejam presentes sua natureza de sinal e o momento do seu reconhecimento. Desse modo, o aspecto constitutivo da forma linguística enquanto signo não é sua identidade a si como um sinal, mas a sua mutabilidade específica. O aspecto constitutivo na compreensão da forma linguística não é o reconhecimento do "mesmo", mas a compreensão no sentido exato dessa palavra, isto é, a sua orientação em dado contexto e em dada situação, orientação dentro do processo de constituição e não "orientação" dentro de uma existência imóvel (Volóchinov, 2017, p.179).

As considerações que Vygotsky têm do signo são similarmente evidentes. Neste autor russo, é possível perceber e encontrar a distinção clara entre signo e sinal, entre significação e sinalização, entre a simples expressão de reações a sinais sonoros com a compreensão plena da linguagem. Vygotsky (2007) faz uma distinção importante entre "signo" e "sinal". Ele argumenta que o signo é um instrumento da atividade psicológica, funcionando de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho. No entanto, essa analogia não implica que os conceitos sejam idênticos. O signo, como a linguagem ou outros sistemas simbólicos, é um meio que permite a mediação e a transformação das funções psicológicas, enquanto o sinal é mais relacionado a uma resposta direta a um estímulo, sem a mesma complexidade de mediação.

Vygotsky vem enfatizar que os signos são criados socialmente e têm um papel crucial no desenvolvimento individual, pois permitem que as crianças internalizem e transformem suas experiências. Ele critica a tendência de igualar signo e instrumento, pois isso pode levar à perda das características únicas de cada tipo de atividade. A função dos signos é, portanto, fundamental para a compreensão do desenvolvimento psicológico, pois eles estabelecem conexões entre as formas iniciais e tardias do comportamento humano.

A invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher etc.) é análoga à invenção e uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho. Mas essa analogia, como qualquer outra, não implica uma identidade desses conceitos similares. Não devemos esperar encontrar *muitas* semelhanças entre os instrumentos e aqueles meios de adaptação que chamamos signos. Por outro lado, tem havido muitas tentativas de dar a tais expressões um significado literal,

igualando o signo com o instrumento. Fazendo desaparecer a distinção fundamental entre eles, essa abordagem faz com que se percam características de cada tipo de atividade, deixando-nos com uma única forma de determinação psicológica geral (Vygotsky, 2007, p.52)

Dessa maneira, pretendemos neste capítulo expor as bases comuns que tanto Bakhtin e o Círculo quanto Vygotsky compartilham, inclusive principiando a demonstrar seus pontos de divergência. Foi de nosso interesse demonstrar ao leitor que mesmo separados por distância física, ambos não deixaram de partilhar uma base intelectual comum. Eles defendem uma abordagem materialista-dialética em suas análises, enfatizando a importância do contexto histórico e social na formação dos processos psíquicos e na linguagem. Ambos rejeitam tanto o behaviorismo quanto a visão subjetiva dos fenômenos psíquicos, buscando uma compreensão mais profunda das interações sociais e culturais. Bakhtin e Vygotsky compartilham a ideia de que a linguagem desempenha um papel fundamental na formação do pensamento. Eles argumentam que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um instrumento que molda a consciência e a percepção do mundo. Esses pontos de aproximação mostram como Bakhtin e Vygotsky, apesar de suas diferentes áreas de foco, compartilham uma base comum sobre a importância das relações sociais e culturais na formação da linguagem e da consciência. Nisso avançaremos e procuraremos expor mais nos próximos capítulos.

3. CAPÍTULO 3 – PALAVRA E CONSCIÊNCIA: BAKHTIN E VYGOTSKY NA POLIFONIA DA PSICOLOGIA

Este capítulo principia com a intenção (complexa) de dialogar sobre Vygotsky e Bakhtin e a psicologia. Como perguntamos e perguntaremos muito ao longo dessa tese, o que os aproxima e o que os afasta? Principiaremos pelo que mais estudou a psicologia. A saber, Vygotsky se interessava no conhecimento psicológico em uma relação com a arte, a semiologia e aprendizagem. O pensador russo lecionava psicologia na Escola de Magistério de Gomel, na Rússia, no início dos anos 1920 e desenvolvia pesquisas e experimentos diversificados com seus estudantes. Até o ano de 1924, conforme explanou Freitas (1996), Vygotsky atuava no campo da psicologia de maneira pouco reconhecida, não tendo ainda apresentado grande pesquisa ou publicado trabalho relevante. Foi após o ano citado que ele passou a ser figura mais reconhecida no campo da psicologia, começando a figurar no campo soviético da ciência psicológica. Conforme Wertsch

Vygotsky es, por regia general, considerado como un psicólogo evolutivo o de la educacion. Sin embargo, gran parte de lo que expondré se base en la suposición de que es incorrecto categorizado directamente como psicólogo, al menos en el actual sentido estricto del término. Precisamente por el fecho de que no era se/ me fe un psicólogo es por lo que fue capaz de dotar a esta disciplina con un soplo de gire fresco, haciéndola formar parte de una ciencia social más unificada. De hecho, el filósofo y psicólogo soviético G. P. Schedrivitskii (13 de octubre de 1981, conversación) argumenta que una de las razones fundamentales del éxito de Vygotsky en la reformulación de la psicología en la URSS es que su formación no era la de un psicólogo profesional³⁷ (Wertsch, 1988, p.20).³⁸

A União Soviética, recém-fundada no início dos anos 1920, ainda tinha considerações políticas e sociais que demandariam tempo para serem sedimentadas, afetando o desenvolvimento de diversos ramos da ciência. O recém-formado país tinha, no campo da psicologia, polêmicas diversas entre posicionamentos psicológicos

³⁷ “Vygotsky é geralmente considerado um psicólogo do desenvolvimento ou educacional. No entanto, muito do que discutirei baseia-se na suposição de que é incorreto categorizá-lo diretamente como psicólogo, pelo menos no atual sentido estrito do termo. Precisamente por não ser psicólogo, conseguiu dar uma lufada de ar fresco a esta disciplina, tornando-a parte de uma ciência social mais unificada. Na verdade, o filósofo e psicólogo soviético G. P. Schedrivitskii (13 de outubro de 1981, conversa) argumenta que uma das razões fundamentais para o sucesso de Vygotsky na reformulação da psicologia na URSS é que a sua formação não foi a de um psicólogo profissional.” (tradução nossa).
³⁸ WERTSCH, James V. **Vygotsky y la formación social de la mente**. Buenos Aires; Paidós; 1988. 264 p.

subjetivistas, que trabalhavam na valorização da introspecção e na consciência e havia os psicólogos objetivistas, que rejeitavam as teses e estudos dos subjetivistas. Essa polêmica foi debatida também no mundo ocidental, mas se acentuavam na União Soviética devido ao delicado momento histórico vivido. O novo país comunista desejava uma psicologia que representasse o novo regime implementado.

Rey (2012)³⁹ explica que havia distinções nos estudos psicológicos daquela época. Chelpanov (1862-1936) era psicólogo e filósofo e representava um grupo subjetivista que pesquisava sobre a consciência como objetivo primordial da investigação psicológica. Pavlov (1849-1936) e Bekhterev (1857-1927) lideravam ideologicamente um grupo mais robusto que dominava a cena psicológica, negando o fenômeno subjetivista e defendiam uma psicologia que representasse a ciência do comportamento, dos reflexos e da reação. Já Kornilov (1879-1957) representava outro grupo que buscava sintetizar as duas perspectivas anteriores, fazendo-as dialogar.

Vygotsky até o momento desses debates ideológico-psicológicos não havia tomado lado ou partido em relação à subjetivistas ou objetivistas. Freitas (1996) afirma que quando o psicólogo russo se apresentara no II Congresso Pan-Russo de Psiconeurologia, em 1924, apresentando o trabalho “O método de investigação reflexológica e psicológica”, Vygotsky causara impacto nos estudiosos presentes, assumindo divergência em relação aos debates psicológicos de então. Ele assumia uma visão mais aproximada de uma psicologia marxista, contudo discordava com veemência dos conceitos da reflexologia. Vygotsky apresentava o potencial de mostrar algo novo aos debates por ser um estudioso de fora da psicologia tradicional de então, pois era formado em Direito inicialmente e a psicologia fora uma paixão posterior (e excepcionalmente desenvolvida).

Por ser um estudioso das ciências humanas, em especial literatura e filosofia, Vygotsky carregava esses conhecimentos para a psicologia, apresentando novas noções e ideias que eram provenientes dos campos da arte, da filosofia e da semiótica. Esses saberes eram ainda muito diferentes do que os psicólogos do período estavam relacionados ou se interessavam. Vygotsky fora um crítico da psicologia porque era uma pessoa cuja inteligência se relacionava aos estudos

³⁹ REY, Fernando Luis González. Reflexões sobre o desenvolvimento da psicologia soviética: focando algumas omissões da interpretação ocidental. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 263-271, maio/ago. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000200003>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000200003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 05 jul. 2024.

culturais e da arte, em uma perspectiva dialética e orientado a pensar os problemas de maneira semiótica.

Van der Veer (2012)⁴⁰ afirma que Vygotsky tratava a psicologia mundial de seu tempo em uma situação crítica e de crise, que se debatia em modelos que negavam a consciência e os modelos subjetivistas, considerando a psicologia de certa maneira desconectada das condições materiais que circundam as pessoas, pensando-as de maneira incapaz de relacionar com as funções superiores. No congresso de 1924, Vygotsky explicou ser central a incapacidade da reflexologia para prover explicações sobre a consciência. O psicólogo russo, então, relacionou reflexo com a questão da origem social da consciência. A biografia citada de Vygotsky relata que naquele tempo, o psicólogo russo conjecturou ser possível um estudo objetivo das funções mentais superiores, contudo, sem deixar as fronteiras da reflexologia. Vygotsky tinha ideia de que a consciência era um mecanismo sofisticado de transmissão de reflexos. Ele defendia a ideia de que a consciência deveria permanecer como estudo da psicologia, ainda que tivesse que ser estudada de maneira objetiva.

De acordo com Van der Veer (2012), esse posicionamento ideológico-científico aproximou Vygotsky dos estudiosos do Instituto de Psicologia de Moscou, sendo então convidado por Kornilov (1897-1957), um dos maiores expoentes da psicologia russa até então, a fazer parte de seu grupo de pesquisa e investigadores científicos. Foi iniciada então uma produtiva fase na vida de Vygotsky no campo psicológico, infelizmente interrompido por sua morte em 1934. Inclusive, foi alvo da censura stalinista após sua morte, sendo redescoberto duas décadas depois, em mais uma similaridade de vida com Mikhail Bakhtin, pois como afirma Rego

Após sua morte, Vygotsky teve a publicação de suas obras proibidas na União Soviética, no período de 1936 a 1956, devido à censura do totalitário regime stalinista e foi, por um longo período, ignorado no Ocidente. Começou a ser redescoberto somente a partir de 1956, data da reedição soviética do livro: *Pensamento e linguagem*. As ideias de Vygotsky puderam ser conhecidas no Ocidente a partir de 1962 [...] (Rego, 1995, p. 34).⁴¹

Van der Veer (2012) afirma que Vygotsky realizou em 1924 a conferência “A consciência como problema da Psicologia do comportamento”, demonstrando ali uma

⁴⁰ VAN DER VEER, René; VALSINER, Jaan. **Vygotsky**: Uma síntese. São Paulo: Loyola, 1996.

⁴¹ REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

concepção que seria o cerne de sua pesquisa futura: a questão da gênese social da consciência, em um novo ponto de encontro com os pensamentos de Bakhtin sobre o tema. Vygotsky trazia claramente o princípio da gênese social da consciência individual situando a ideia da palavra como proveniência da conduta social do ser humano e sua consciência. Contudo, ele não desenvolvera ainda nessa palestra proferida a questão da mediação ativa dos instrumentos e signos. Esse momento representou um avanço na separação da psicologia e suas vertentes do objetivismo e subjetivismo.

Lordelo et al (2010)⁴² explica que para Vygotsky, o comportamento do ser humano é essencialmente social e organizadamente cultural, sendo que esta ideia é basilar para o desenvolvimento de sua teoria psicológica. Newman et al. (2002)⁴³ afirmam que Vygotsky não aceitava a redefinição do objeto de estudo da psicologia como desenvolviam os behavioristas norte-americanos ou por seus colegas soviéticos da época. Os autores afirmam que Vygotsky afirmara que esses dois pontos de vista tinham mantido isolados o conceito de mente e comportamento, ampliando as limitações do conceito da psicologia subjetiva para o estudo do comportamento. Vygotsky (1979)⁴⁴ afirma que

Esta é a outra metade do mesmo dualismo. Antes tínhamos a mente sem comportamento. Agora temos o comportamento sem a mente. Em ambos os casos, nós temos mente e comportamento compreendidos como dois fenômenos distintos e separados (Vygotsky 1979 *apud* Freitas, 1996, p. 84).

Vygotsky, conforme especificou Newman *et al* (2002), bem como Kornilov, defendia que tanto a consciência quanto o comportamento eram objetos de estudo da psicologia, contudo Vygotsky inovava ao rejeitar o entendimento de que a unificação psicológica poderia ser desenvolvida por meio de integrar as teorias subjetivistas e behavioristas. Vygotsky compreendia que para se obter uma ciência psicológica real, seria preciso um novo sistema de ideias e teorias para superar os

⁴² LORDELO, L. R.; TENÓRIO, R. M. (2010). A consciência na obra de L. S. Vygotsky: análise do conceito e implicações para a Psicologia e a Educação. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, 14(1), 79-86.

⁴³ NEWMAN, F.; HOLZMAN, L. (2002). Vygotsky: **Cientista revolucionário**. São Paulo: Edições Loyola.

⁴⁴ VYGOTSKY, L. S. (1979) Consciousness as a problem in the psychology of behavior, tradução de M. Cole, *Soviet Psychology*, nº 4, p.3-35. *Apud* FREITAS, M. T. de A. Vygotsky e Bakhtin – **Psicologia e educação: Um intertexto**. São Paulo, Ática, 1996.

problemas dos estudos do comportamento e entender melhor a questão da consciência. Para ele, era basilar que se desenvolvesse uma ciência psicológica para um sujeito que permitisse a concepção da consciência e comportamento com fatores integrados em uma unidade.

Entre 1924 e 1934 (ano de sua morte), Vygotsky tivera anos extremamente produtivos. Em equipe com Luria e Leontiev, formara grupo de pesquisa e trabalho⁴⁵ que, conforme explica Toassa (2016, p.445), ficou conhecido como a “*troika*”, responsáveis por modificar muito do que se pensava até então sobre a psicologia. A tríade exerceu grande influência sobre os colegas do Instituto de Psicologia de Moscou que viam em Vygotsky, principalmente, a capacidade de promover o estabelecimento de uma psicologia de nova orientação, por ter ele formação filosófica.

Freitas (1996, p.85) afirma que eles “compreendiam que essa formação lhe dava condições de analisar, em profundidade, a raiz da crise da psicologia”. Vygotsky possui conhecimentos da filosofia e da semiótica e levava aos colegas de Instituto caminhos não reducionistas para os estudos da mente, consciência e psicologia. Contudo, conforme Freitas (idem) explica, esse trabalho era demasiado ambicioso porque compreender historicamente e de maneira crítica a psicologia soviética de seu tempo e até mesmo da mundial necessitava da propositura de novos conceitos teóricos que fossem capazes de superar a crise da psicologia e fomentar novas e concretas ideias.

Aprofundamos nossa análise agora com o estudo de Daniels (2002)⁴⁶ quando este nos explica que Vygotsky (2004)⁴⁷ aprofundou suas propostas teórico-metodológicas para o campo da psicologia quando produziu o trabalho “O sentido histórico da crise da psicologia”. A partir desse trabalho, o autor russo propôs que a pluralidade e a divisão são premissas fundamentais da psicologia e expunha que havia diversas escolas psicológicas de sua época tinham visões incompatíveis, principalmente porque essas diversas visões psicológicas não resultavam, necessariamente, em interpretações diversas dos mesmos fatos analisados. Conforme Vygotsky, essas visões teóricas e correntes surgiam conforme os fatos eram tomados e apresentados em situações de funcionamento diversas. A

⁴⁵ Vide Nota de Rodapé n°.18. Sobre um possível Círculo de Vygotsky.

⁴⁶ DANIELS, H. (Org.). **Uma introdução a Vygotsky**. São Paulo: Loyola, 2002.

⁴⁷ Vygotsky, Lev Semenovitch. **Teoria e método em psicologia** / Lev Semenovitch Vygotsky; tradução Claudia Berliner. -3u ed. -São Paulo: Martins Fontes, 2004.

divergência de análises entre os sistemas psicológicos era tão vasta e diversificada que se poderia, facilmente, compreender a existência de psicologias enquanto ciências distintas.

Psicologias, sendo exato, existem duas: dois tipos distintos, inconciliáveis de ciência; duas construções do sistema de saber radicalmente diferentes. O restante são só diferenças nas perspectivas, escolas, hipóteses; combinações parciais, tão completas, tão confusas e entremeadas, cegas e caóticas, que com frequência é muito difícil se orientar (Vygotsky, 2004, p.335, itálico do autor)

Vygotsky percebia essa diversidade como parte de um processo expansivo dos princípios de explicação que cada teoria apresentava enquanto se desenvolvia e esses princípios culminavam em se perder ou se destruir com o passar do tempo e dos estudos. Diante desse cenário, Vygotsky percebeu que

É evidente que nos encontramos diante de uma encruzilhada, tanto no que se refere ao desenvolvimento na pesquisa quanto ao acúmulo de material experimental, à sistematização dos conhecimentos e à formação de princípios e leis fundamentais (Vygotsky, 2004, p.203).

Vygotsky percebeu então a necessidade de a psicologia obter para si uma metodologia que parasse com uma expansão sem limites pautada por fenômenos diversos. Para ele, enquanto a teoria se embasasse nos fatos, haveria inúmeras teorias porque se tornaria um sistema múltiplo e eclético. Assim, a crise da psicologia para Vygotsky não era um fenômeno negativo para ele, mas que deveria haver uma nova via, onde os processos psicológicos deveriam ser observados enquanto processos naturais, verdadeiramente naturalizados na psicologia. A metodologia das ciências naturais, para ele, deveria ser incorporada à psicologia. Vygotsky propunha ser a psicologia que agiria como intermediário entre as ciências naturais e as ciências do espírito.

Vygotsky percebera que seria basilar uma nova visão para a psicologia, buscando origens, desenvolvimentos e concepções que permitissem superar reducionismos subjetivistas e objetivistas, pois ele compreendia o sujeito como não constituído apenas de fenômenos internos e nem se reduziria apenas como apassivado por fenômenos externos provenientes do meio. Aqui há nova aproximação com Bakhtin, já que para ele o sujeito se constitui na relação com o outro e seu entorno. Para ele, a consciência não seria mera fonte dos signos, mas resultado direto da interação com eles. Para Vygotsky, a crise na psicologia significa que se deve

compreender que

Por isso diremos simplesmente: psicologia. O que faremos será explicar com outros termos outras correntes e escolas e separar delas o científico do não científico. A psicologia do empirismo, da teologia, do idealismo e de tudo mais que aderiu a nossa ciência ao longo dos séculos de sua existência como ao casco de um transatlântico (Vygotsky, 2004, p.416).

Para que se reconstrua a psicologia a partir dessa perspectiva, foi necessário que Vygotsky, ao longo de sua carreira intelectual, desenvolvesse uma psicologia que mudasse conceitualmente e metodologicamente a ciência estudada. Infelizmente, com a vida abreviada com apenas 38 anos de idade, ele não conseguiu completar a tarefa, tendo deixado seus princípios metodológicos traçados para que a tarefa pudesse ser complementada por seu grupo. Conforme Daniels (2002), Vygotsky deixou as bases de uma metodologia que definiu conceitualmente a ligação entre a psicologia e o materialismo dialético, oferecendo robusta contribuição para que o campo da psicologia pudesse ser mais homogeneizado e menos fragmentado, conforme exposto anteriormente. Seus princípios básicos objetivavam evitar reducionismos e idealismos, explicando de maneira clara os fenômenos conforme o modelo das ciências naturais, sem se prender a métodos descritivos. Ele adotava uma perspectiva genérica ou dialética, objetivando encontrar explicações no estudo da história e no desenvolvimento.

Lucci (2006)⁴⁸ explica-nos que os temas fundamentais da psicologia foram dessa forma desenvolvidos por Vygotsky: as funções mentais não poderiam ser reduzidas a meros processos elementares, reconhecendo-se a existência de níveis de funcionamento psicológicos diversificados, tendo estes características próprias; outro ponto, é que o pensamento e a consciência não devem ser considerados características estruturais e funcionais internas, sendo, pelo contrário, intimamente influenciadas por fatores externos e objetivos, acontecendo eminentemente em um ambiente social (aqui reconheceremos outra grande similaridade com Bakhtin). Para ele, esta é a ideia central da gênese social do pensamento; além disso, a atividade deve ser definida enquanto uma categoria analítica, sendo integrada às características sócio-interativas e individuais-cognitivas da conduta dos sujeitos; é preciso

⁴⁸ LUCCI, Marco Antônio (2006). Proposta de Vygotsky: psicologia sócio-histórica. Profesorado. **Revista de currículum y formación del profesorado**, 10, 2 (2006) 1 , 10 (2), 11-11. Disponível em: <https://www.ugr.es/~recfpro/rev102COL2port.pdf> Acesso em 07 ago. 2024

compreender que a cooperação social na atividade acontece por meios de instrumentos ou signos, sendo estes signos verbais que desempenham um papel basilar na psicologia do sujeito.

É quando se internaliza esses instrumentos cooperativos que o sujeito desenvolve o pensamento consciente, transformador e regulador de outras funções psíquicas. Vygotsky afirma sobre a consciência que esta é uma espécie de contato social consigo mesmo. Dessas ideias, o sócio-interacionismo de Vygotsky fica demonstrado, uma vez que o autor russo compreende que é por meio dos signos e seu contato com o social, com o mundo exterior, que se dá a formação da própria consciência do sujeito. Com esse pensamento, Vygotsky buscou desenvolver a unicidade da psicologia, pois com sua metodologia, os signos são percebidos como a única forma adequada para que a consciência humana possa ser analisada e estudada.

Quando se debruça sobre o pensamento de Vygotsky, em especial na obra “A formação social da mente” (2007), percebe-se a relevância da prática da mediação e encontra-se algumas temáticas básicas sobre sua abordagem teórica. Inicialmente, Vygotsky demonstra muita confiança em um método genético ou desenvolvimental. Ele também afirma que os processos mentais superiores nos sujeitos se originam a partir de relações sociais. Há convicção de que os processos mentais superiores podem ser entendidos por meio da mediação com os signos, em mais uma correlação dialógica com o Círculo de Bakhtin. Essas temáticas são compreendidas quando são dialogicamente relacionadas.

Algo que se mostra original na abordagem psicológica de Vygotsky é como que essas temáticas são dialogicamente inter-relacionadas. Outro tema que se refere à mediação de instrumentos e signos surge com muita relevância porque permite que se compreenda com mais clareza as temáticas anteriormente citadas. Vygotsky produziu definições de desenvolvimento em relação aos termos da emergência ou mudanças nas formas de mediação, tendo a sua noção de interação social relacionada aos processos mentais intimamente relacionada à procedimentos de mediação. Os estudos de Vygotsky (2003)⁴⁹ foram determinantes para redefinir o pensamento psicológico de então e acrescentar a eles novos conceitos, ampliando as

⁴⁹ VIGOTSKI, Liev Semionovitch. **Psicologia Pedagógica** / Liev Semionovich Vigotski; trad. Claudia Schilling - Porto Alegre: Artmed, 2003.

ideias, construindo sua visão de psicologia conforme ele mesmo definira abaixo

Criar novas palavras e denominações pareceu uma pretensão falsa, porque para descrever os fenômenos seria preciso utilizar o nome antigo e também o material anterior. Por isso, consideramos mais adequado decifrar em cada caso o verdadeiro conteúdo, tanto de um termo antigo quanto do próprio material (Vygotsky, 2003, p. 35).

Vygotsky (2004) nos apresenta uma possibilidade de mudar o mundo material com a utilização de ferramentas, sendo que estas estabeleceriam as condições para que houvesse mudança da própria atividade reflexa e sua metamorfose qualitativa em consciência. Esse processo tinha sua complementação quando mediado pelo desenvolvimento especial de ferramentas, a saber: ferramentas que permitam realizar mudanças nos outros ou na realidade material por meio da alteridade. Vygotsky alcinhou essas ferramentas de signos e considerava que estes fossem dados pela cultura, pelas pessoas da realidade social, enfim, num caso pleno de alteridade. Os signos, quando se encontravam em interiorização nos sujeitos, transformavam-se em meios regulatórios internos ou de autoregulação, modificando dialeticamente a estrutura da conduta externa, não sendo mais, dessa forma, expressão de reflexos. Daniels (2002) afirma que a concepção instrumental de Vygotsky estava relacionada indissociavelmente ao conceito de gênese histórico-cultural das funções superiores, ou seja, da gênese social dos indivíduos. Segundo Daniels (idem), para Vygotsky a consciência e funções superiores tinham sua origem na realidade exterior, nas relações existentes entre objetos e pessoas, dentro das condições objetivas da vida social, sendo

um processo interpessoal é transformado em num processo intrapessoal. Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro entre as pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica) (Vygotsky, 2008, p.64).

Internalização é o nome que Vygotsky dava para a reconstrução interna da atividade externa. Para ele, com a ausência dos signos externos, em especial a linguagem, não seria possível a internalização e o desenvolvimento das funções superiores.

a) inicialmente [...] uma atividade externa é reconstruída e começa a ocorrer internamente; b) um processo interpessoal é transformado num processo

intrapessoal; c) a transformação de um processo interpessoal num processo intrapessoal é o resultado de uma longa série de eventos ocorridos no longo do desenvolvimento” (Vygotsky, 2004, P.75).

Conforme os estudos de Ivic (2004)⁵⁰, percebemos que a interação social, a questão social do humano, signos e instrumentos, história, cultura, funções mentais superiores e mediação, todas, são termos essenciais e chave para a teoria de Vygotsky.

Se houvesse que definir a especificidade da teoria de Vygotsky por uma série de palavras e de fórmulas chave, seria necessário mencionar, pelo menos, as seguintes: sociabilidade do homem, interação social, signo e instrumento, cultura, história, funções mentais superiores. E se houvesse que reunir essas palavras e essas fórmulas em uma única expressão, poder-se-ia dizer que a teoria de Vygotsky é uma “teoria socio-histórico-cultural do desenvolvimento das funções mentais superiores”, ainda que ela seja chamada mais frequentemente de “teoria histórico-cultural” (Ivic, 2010, p.15).

Essa visão integradora, social e cultural, além de psicológica e semiótica, bastante inovadora no tempo de produção dos estudos de Vygotsky hoje ressurgem como uma atividade intelectual de vanguarda. Conforme Daniels (2002), os estudos e produção teórica de Vygotsky ainda é interessante e atrativa não somente pela sua audácia intelectual de diagnosticar a crise da psicologia, mas continua válida atualmente porque os problemas basilares da psicologia continuam pouco desenvolvidos desde a intervenção de Vygotsky na psicologia.

Aprendemos com Daniels (2002) que a obra de Vygotsky em psicologia era inacabada, bem como muitos estudos de Bakhtin, em mais uma sintonia dialógica entre os russos. Ele não teve a oportunidade de refinar suas ideias e apresentá-las em qualquer forma teórica final e comprovada cientificamente entre seus pares. No entanto, nossa interpretação das leituras de Ivic (2010), sobre Vygotsky, sugere que embora sua carreira tenha tomado rumos diferentes ao longo dos anos, ela sempre foi guiada por questões gerais e fundamentais, como a estrutura e as origens da mente humana. Sustentamos que outros aspectos do trabalho de Vygotsky, como seu interesse em defectologia, psicologia anormal e trabalho experimental em psicologia comparada, essas proposições devem ser entendidas como levando a uma resposta para seu maior enigma de pesquisa: a gênese da mente humana.

⁵⁰ IVIC, Ivan. **Lev Semionovich Vygotsky** / Ivan Ivic; Edgar Pereira Coelho (org.) – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

Assim, em nossa visão, uma compreensão mais precisa de Vygotsky é impossível sem uma apreciação do contexto temporal que enquadrou o trabalho do pensador russo e os contextos sociais globais das ciências psicológicas naquela época. Em suma, ainda recordando Daniels (2002), a posição de Vygotsky sobre a psicologia pode ser resumida em vários aspectos fundamentais, iniciando-se por ser a ciência do homem histórico, já que Vygotsky defende que a psicologia deve ser entendida como uma ciência que estuda o homem em seu contexto histórico e social, bem como pensou também Bakhtin, em vez de um ser humano abstrato e universal. Ele acredita que a compreensão do comportamento humano deve levar em conta as influências culturais e sociais.

Também, é uma psicologia de desenvolvimento social dos processos psicológicos. O autor russo argumenta que os processos psicológicos superiores, como a linguagem e o pensamento, têm uma origem social. Isso significa que o desenvolvimento psicológico é mediado por interações sociais e culturais, também em consonância com Bakhtin e o Círculo, e não ocorre de forma isolada. Vygotsky percebe também a psicologia como mediadora no desenvolvimento, pois ele introduz a ideia de que existem mediadores que influenciam o desenvolvimento humano, como signos, instrumentos, atividades individuais e relações interpessoais. Esses mediadores são essenciais para a formação da consciência e do pensamento.

O autor russo também explica a integração entre teoria e prática. Ele enfatiza a importância de aplicar a psicologia a problemas práticos, especialmente no contexto educacional. Vygotsky acreditava que a psicologia deveria contribuir para a formação de um novo homem em uma sociedade em transformação, especialmente após a Revolução Russa. Concluindo, o autor russo defende a abordagem sócio-histórica, já que sua teoria é frequentemente referida como psicologia sócio-histórica ou histórico-cultural, destacando a interdependência entre o desenvolvimento psicológico e o contexto social e histórico em que o indivíduo está inserido, sempre em dialogia com o Círculo de Bakhtin nestes quesitos. Esses pontos refletem a visão de Vygotsky de que a psicologia deve ser uma disciplina que considera as dimensões sociais e históricas do desenvolvimento humano, com um foco particular na educação e na formação de indivíduos em contextos sociais específicos.

A partir de agora, adentraremos o outro lado de nossa pesquisa, dialogando com os estudos de Bakhtin e seu Círculo a respeito da psicologia. Ainda que não fosse

temática central de sua atenção intelectual, Bakhtin dedicou relevância em suas pesquisas para o assunto. Para os estudiosos do Círculo, era preciso compreender como se dá a construção da consciência e realizar apreensão de conceitos específicos da criação artística, bem como desenvolveu Vygotsky em “Psicologia da arte” (1999)⁵¹, considerado aqui um ponto de aproximação entre os pensadores.

Em seu estudo “O autor e a personagem na atividade estética” (Bakhtin, 2011), parte do livro “Estética da Criação Verbal”, Bakhtin esboçara um pensamento de preocupação com a psicologia enquanto relacionada a conceitos éticos e estéticos na análise examinadora dos processos de formação do eu. Nesse estudo, Bakhtin percebera três categorias, hoje consideradas clássicas para qualquer estudioso. A saber, o “*eu para mim*”, compreendendo a ideia de como nos percebemos, sendo a nossa própria consciência. Há o “*eu para o outro*”, definido como somos percebidos pelo olhar do outro. Enfim, há o “*outro para mim*”, que é a forma como percebemos os outros. Essa é a concepção da arquitetônica bakhtiniana.

Ao falar da arquitetônica bakhtiniana, não se trata apenas de uma estrutura rígida ou técnica, como se fosse o esboço de uma construção qualquer. Estamos, na verdade, diante de uma visão profunda sobre o que é viver, sobre como o eu se entrelaça com o outro, sobre a responsabilidade ética e estética que molda nossa existência. Para Bakhtin, o mundo não é um conjunto fixo de signos ou ideias prontas. Ele é vivo, relacional, tecido por encontros e tensões entre perspectivas únicas. É nesse cenário que nasce o conceito de arquitetônica, que ele explora em seus textos dos anos 1920, especialmente em “Para uma filosofia do ato responsável” (Bakhtin, 2010).

Minha autoimagem, o “eu para mim”, reflete a maneira como me vejo internamente, com todas as minhas intenções, dúvidas, desejos e justificativas, num diálogo íntimo e vivo com minha própria existência. Já o “eu para o outro” é a versão de mim que se manifesta no mundo, a imagem que escolho projetar — ou ocultar — na presença alheia, carregada de escolhas estéticas e éticas, entre o que revelo e o que guardo, entre a autenticidade e a performance. Por fim, o “outro para mim” é como enxergo e interpreto quem está diante de mim, uma percepção nunca isenta, mas sempre tingida por emoções, valores e contextos, marcada pela responsividade e pela afetividade que a alteridade desperta em mim.

⁵¹ VIGOTSKI, Lev S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

No desenvolvimento dessa “tríade”, Bakhtin e seu Círculo desenvolveram vários questionamentos, sendo que o “*eu para mim*” consistiu em questionar como o eu se relaciona com o mundo a sua volta. Para responder a esse questionamento, Bakhtin rejeitou a posição de sujeito-objeto porque não há um sujeito considerado estável em um mundo considerado estável ao qual este sujeito deve estar oposto. Para Bakhtin, e o mundo exterior torna-se determinado e concreto para nós, ocorrendo por meio de nossa relação com ele. Para Bakhtin

Não posso viver do meu próprio acabamento e do acabamento do acontecimento, nem agir; para viver preciso ser inacabado, aberto para mim - ao menos em todos os momentos essenciais -, preciso ainda me antepor axiologicamente a mim mesmo, não coincidir com a minha existência presente (Bakhtin, 2011, p.11)⁵²

Dessa forma, Bakhtin compreendeu a questão da estética como instância que desempenha papel relevante na ética da vida cotidiana. O pensador russo definiu isso como um projeto que interliga a unidade da arte e da vida, somente sendo garantida quando se integra as três categorias aqui explicadas do eu. Como exposto no primeiro texto de Bakhtin publicado em 1919, “Arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo em mim, na unidade da minha responsabilidade” (Bakhtin, 2011, p.34).

Essa responsabilidade é indispensável para os processos de constituição do eu. Assim, as formulações de resposta que Bakhtin ofereceu às três categorias que respondeu definem a sua base psicológica, seu pensamento inicial sobre a psicologia enquanto ciência. Conforme Miotello (2018, p.93),⁵³ a abordagem inicial de Bakhtin em relação à psicologia é marcada por uma ênfase na natureza dialógica da vida e da consciência. Ele acreditava que a vida é essencialmente dialógica, ou seja, que a interação entre indivíduos é fundamental para a constituição da vida e da consciência. Bakhtin argumentava que para que haja vida, é necessário que dois seres se encontrem e interajam, o que implica que a relação é um aspecto central da existência humana.

Contudo, foi em suas obras “O Freudismo” (2007)⁵⁴, publicada em 1925 e

⁵² BAKHTIN, Mikhail **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

⁵³ MIOTELLO, Valdemir. **Bakhtin e o lugar da linguagem na psicologia**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. 95p.

⁵⁴ BAKHTIN, M. **O freudismo: um esboço crítico**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2007.

“Marxismo e Filosofia da Linguagem” (2006)⁵⁵, publicado em 1929, ambos que saíram com o nome de Valentin Volóchinov, membro intelectual do Círculo de Bakhtin, que o tema da psicologia fora mais abordado, evidenciando críticas às tendências psicológicas subjetivistas e objetivistas. Aqui, nota-se o ponto que tanto Vygotsky quanto Bakhtin e seu Círculo criticavam e perseguiram uma nova visão de psicologia para o cenário da União Soviética dos anos 1920. Além disso, Bakhtin e Vygotsky compartilhavam a ideia de que a mediação da palavra e a constituição do sujeito são fundamentais para a compreensão da psicologia. Ambos enfatizavam a importância do contexto social e da interação na formação da consciência e do sujeito. Essa perspectiva dialógica e relacional é uma das contribuições mais significativas de Bakhtin para a psicologia, desafiando visões mais individualistas e objetivistas que predominavam em sua época.

Voltando aos livros citados, Bakhtin (Volóchinov) considerou ser uma tarefa basilar e emergencial do marxismo constituir uma psicologia realmente objetiva, contudo, atuando de maneira flexível no psiquismo subjetivo do homem. Como a base da arquitetura bakhtiniana é a linguagem, toda análise que Bakhtin realizou da psicologia está ancorada em uma perspectiva social e alteritária. Para isso, Bakhtin afirma que

“vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é a reação às palavras do outro [...], a começar pela assimilação delas [...] e terminando na assimilação das riquezas da cultura” (Bakhtin, 2017a, p. 38). Nesse universo, tudo o que me diz respeito vem a partir da boca dos outros, de suas palavras, com suas entonações e valores. Dessa forma, “tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo” (Bakhtin, 2017, p. 30)⁵⁶.

Miotello (2018) explica-nos que Bakhtin aborda a relação entre subjetivismo e objetivismo através da crítica de Bakhtin a essas duas correntes filosóficas, que ele considera extremos opostos na busca pela verdade. O objetivismo é caracterizado pela crença de que a verdade reside fora do sujeito, nos objetos e nas coisas, e que essa verdade se impõe ao indivíduo. Em contrapartida, o subjetivismo defende que a

⁵⁵ BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

⁵⁶ BAKHTIN, Mikhail. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: **Notas sobre literatura**, cultura e ciências humanas (1ª ed., pp. 21-56). São Paulo: Editora 34, 2017 .

verdade está na mente do sujeito, sendo ele quem a define e impõe ao mundo.

Bakhtin propõe que a realidade não pode ser reduzida a esses dois extremos. Ele sugere que a verdade é construída nas interações sociais e nas relações dialógicas entre os indivíduos. Essa perspectiva implica que tanto a objetividade quanto a subjetividade são importantes, mas que a compreensão da verdade deve levar em conta a dinâmica das relações humanas e a mediação da linguagem. Assim, a obra enfatiza a necessidade de uma abordagem que reconheça a complexidade da experiência humana, onde a verdade é co-construída nas interações sociais, desafiando visões simplistas que isolam o sujeito ou o objeto.

Na perspectiva do Círculo de Bakhtin (2007), o humano, fora das condições sociais, econômicas, objetivas, apartado de uma sociedade, não tem como considerar a sua existência. É apenas enquanto indivíduo pertencente a um grupo social, a uma determinada classe, é que este humano se permite ascender a uma realidade histórico-cultural. Os humanos têm um nascimento físico, contudo este não é um nascimento suficiente para que o ser humano figure na história, porque nascer fisicamente o animal irracional também nasce. Bakhtin nos ensina sobre isso que

Para entrar na história é pouco nascer fisicamente: assim nasce o animal, mas ele não entra na história. É necessário algo como um segundo nascimento, um nascimento social. O homem não nasce como um organismo biológico abstrato, mas como fazendeiro ou camponês, burguês ou proletário: isto é o principal. [...] Só essa localização social e histórica do homem o torna real e lhe determina o conteúdo da criação da vida e da cultura (Bakhtin, 2007, p. 11).

Assim, somente com esse contexto é que o humano tem uma posição determinada pela sua relação de alteridade e que é determinada pela sua localização histórica e social. São estas relações que definem esse humano em sua ligação com seu contexto cultural e à vida ética e esteticamente realizada. O nascimento social dialoga com a ideia de que a constituição do sujeito ocorre na relação com o outro. Bakhtin (2007) propõe que não nos constituímos isoladamente, mas sim através das interações sociais. Essa perspectiva sugere que a identidade e a consciência de um indivíduo são formadas em um contexto social, onde o "outro" desempenha um papel fundamental na construção do eu. Bakhtin desafia a visão cartesiana que afirma "penso, logo existo", propondo, em vez disso, que a existência e a identidade são co-construídas nas relações dialógicas. Assim, o "nascimento social" citado acima implica que a vida e a consciência não são apenas fenômenos individuais, mas emergem de

um processo relacional, onde a interação com outros seres humanos é essencial para a formação do sujeito. Essa abordagem destaca a importância das relações sociais na constituição da identidade e da experiência humana.

Assim, avançando, percebemos que Bakhtin (2006 e 2007) desenvolve sua noção de consciência a considerar que não são somente conceitos fisiológicos ou biológicos que determinam o humano, mas sim sociológicos. Bakhtin não percebia possibilidade na redução da consciência humana a meros processos internos. Para ele, a consciência não é um fenômeno isolado, mas sim um produto das interações sociais e da mediação com o outro. Bakhtin argumenta que a consciência é constituída na relação com outras pessoas e que sem essa interação, o indivíduo não poderia se "humanizar" ou desenvolver sua própria consciência. Apenas o meio ideológico e social podem explicar a consciência humana. Ela é, em si mesma, social e ideológica e, para o autor russo, enquanto isso não fosse verdadeiramente reconhecido em sua época, não poderia ser desenvolvida uma psicologia verdadeira.

Miotello (2018, p.33) nos instrui que a consciência, segundo Bakhtin, é um "presente" do outro, ou seja, é através das relações sociais que o sujeito se torna consciente de si mesmo e do mundo ao seu redor. Essa perspectiva desafia a visão tradicional que coloca o eu no centro da existência, sugerindo que a identidade e a consciência são co-construídas nas interações dialógicas. Assim, a consciência individual é vista como um fenômeno social, onde a voz e as experiências do outro são fundamentais para o desenvolvimento do eu.

Para um aprofundamento dessas ideias, é preciso esclarecimento sobre como é o conceito de ideologia empregado por Bakhtin em seus estudos. Para o mestre russo, ideologia não seria o mero falseamento da realidade ou uma falsa consciência, tampouco não se relacionada com o marxismo mecanicista dominante da época, que pregava a luta de classes e substituição da classe dominante. Ponzio, intelectual italiano, reitera que

Essa noção [ideologia] ocupa um lugar essencial em sua obra. Com o termo "ideologia" Bakhtin indica as diferentes formas de cultura, os sistemas superestruturais, como a arte, o direito, a religião, a ética, o conhecimento científico etc. (a ideologia oficial), e também os diferentes substratos da consciência individual, desde os que coincidem com a "ideologia oficial" aos da "ideologia não-oficial", aos substratos do inconsciente, do discurso censurado [...]. A ideologia é a expressão das relações histórico-materiais dos homens, mas "expressão" não significa somente interpretação ou representação, mas também significa organização, regularização dessas relações. [...] no signo ideológico está sempre presente uma "acentuação

valorativa", que faz com que o mesmo não seja simplesmente expressão de uma "ideia", mas a expressão de uma tomada de posição determinada, de uma práxis concreta (Ponzio, 2008⁵⁷, p. 112-115).

Assim compreendendo, um produto ideológico é intrinsecamente parte de uma realidade, dessa maneira, a ideologia representa o real. Bakhtin afirma no texto de 1930, "Que é a linguagem?", publicado sob o nome de Volóchinov, que "por ideologia entendemos todo o conjunto de reflexos e interpretações da realidade social e natural que se sucedem no cérebro do homem, fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas ou outras formas sígnicas." (Volóchinov, 2013⁵⁸, p.138). A procurar maior entendimento sobre essa afirmação de Bakhtin e o Círculo, compreende-se um movimento dinâmico e inter-relacional com a infraestrutura onde o humano se desenvolve. Para Bakhtin e o Círculo, tudo o que é ideológico carrega em si sentido determinado e remete diretamente a algo do mundo que está situado fora de si. Assim, tudo que é ideológico, para o Círculo de Bakhtin, é um signo, já que não existe ideologias sem signos. É preciso considerar também que todos os signos são fenômenos exteriores, desenvolvidos pelo humano. Os signos, dessa forma, somente surgem do processo da interação social humana, ocorrendo enquanto os humanos socialmente organizados desenvolvem uma unidade social que as permite viver em sociedade. Em se tratando de sociedade, é preciso compreender também que "se a língua é determinada pela ideologia, a consciência, portanto, o pensamento, a "atividade mental", que são condicionados pela linguagem, são modelados pela ideologia (Bakhtin, 2006, p. 16).

Bakhtin compreende aqui que a consciência individual humana nada explica, já que a única consciência possível é a que acontece de ordem sociológica. A atividade mental humana acontece por estar imersa na sociedade. A consciência não provém da natureza, como mencionou Bakhtin (2007) em crítica ao materialismo mecanicista ou pela psicologia objetivista. Nem também a ideologia provém da consciência como desejara a psicologia subjetivista ou o idealismo. Para o Círculo de Bakhtin, "a consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais" (Bakhtin, 2006, p.35). Sobre isso

⁵⁷ PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2008.

⁵⁸ VOLOCHÍNOV, Valentin N. **A construção da Enunciação e Outros ensaios**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013 [1930].

Faraco explicita que “a consciência individual toma forma e existência à medida que interioriza os signos sociais” (Faraco, 2013⁵⁹, p. 151).

A consciência individual é alimentada pelos signos, sendo a sua base e matéria de desenvolvimento. A consciência individual reflete a lógica comunicacional ideológica e também reflete a interação social de um grupo. Conforme o Círculo de Bakhtin, ao se privar a consciência de conteúdo semiótico e ideológico, logo, não haverá consciência nem sobrar nada. A consciência não pode existir sem a presença da ideologia. O Círculo Bakhtin (2006 e 2007) argumenta que a linguagem é sempre ideológica e que as palavras carregam significados que são moldados por contextos sociais e interações. Isso implica que a consciência, que se forma através da linguagem e das relações com os outros, é intrinsecamente ligada à ideologia. A ideia é que a consciência é construída nas interações sociais, onde as ideologias desempenham um papel fundamental. Sem a mediação ideológica, a consciência individual não teria um referencial para se desenvolver, pois é através das relações e das trocas de significados que o sujeito se torna consciente de si mesmo e do mundo ao seu redor. Portanto, a ideologia é vista como um elemento essencial para a formação da consciência, pois fornece o contexto e os valores que moldam a percepção e a identidade do indivíduo.

Bakhtin compreendia a necessidade de a Psicologia apoiar-se no estudo das ideologias, dessa forma, a palavra para o Círculo recebe relevância plena na composição da consciência. Como afirmado em Bakhtin (2006), a palavra é um fenômeno ideológico por excelência e exerce a função de signo. “A palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (...) Ela é o modo mais puro e sensível de relação social” (Bakhtin, 2006, p.36). Assim, para o Círculo, revelam-se nas palavras as formas basilares e ideológicas da comunicação semiótica. Para os pensadores do Círculo, as bases fundamentais da psicologia não deveriam ser nem fisiológicas e nem biológicas, mas sim, sociológicas.

A consciência não pode derivar diretamente da natureza, como tentaram e ainda tentam mostrar o materialismo mecanicista e ingênuo e a psicologia contemporânea (sob suas diferentes formas: biológica, behaviorista, etc.). A ideologia não pode se derivar da consciência, como pretendem o idealismo e o positivismo psicologista. A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu

⁵⁹ FARACO, Carlos Alberto. A ideologia no/do Círculo de Bakhtin. IN: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (orgs.). **Círculo de Bakhtin: pensamento interacional**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. p.167-182.

desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada (Bakhtin, 2006, p.35- 36).

Ao perceber a consciência como um fato socioideológico, Bakhtin e o Círculo definem que esta não é acessível por caminhos fisiológicos ou pelas ciências naturais, não se reduzindo o funcionamento da consciência a determinados processos que ocorrem e se desenvolvem no cerne do organismo vivo. Ainda que o organismo individual participe dos processos que determinam o conteúdo do psiquismo, estes processos ocorrem fora do organismo, mesmo que o organismo individual tenha participação processual. Assim, não sendo considerada coisa, o psiquismo não poderá ser objeto de análise por meio das ciências naturais. O psiquismo, para o Círculo de Bakhtin, só pode ser entendido e internalizado por meio do sociológico, pois “o objeto de uma análise ideológica, de onde se depreende uma interpretação socioideológica” (Bakhtin, 2009, p. 49).

Conforme Bakhtin (2007), o psiquismo é um fenômeno que se localiza na fronteira entre o organismo e o mundo exterior. Essa região limítrofe é onde ocorre o encontro entre o organismo e o ambiente e esse encontro se dá por meio do signo. O signo é descrito pelo Círculo como um "território comum" que abrange tanto o psiquismo quanto a ideologia, sendo um espaço sociológico e significativo. Além disso, é preciso compreender que o sujeito deixa de ser o centro da interlocução, passando a se concentrar no espaço criado entre os interlocutores, ou seja, no texto.

Conforme Bakhtin (2006 e 2007), quando se priva a palavra de seu sentido, esta se reduz apenas ao seu processo fisiológico de produção. A palavra deve ser compreendida como um elemento fundamental na conduta social e na consciência, enfatizando-se que o comportamento é social e culturalmente organizado. A análise do desenvolvimento do significado das palavras deve começar pela função da palavra na comunicação, onde se entrelaçam as análises do sistema social e psicológico. A pesquisa de Vygotsky, como afirmamos anteriormente, gira em torno do princípio da gênese social da consciência, refletindo sobre como a palavra pode mediar interações sociais específicas e, conseqüentemente, como isso contribui para o desenvolvimento do significado das palavras. Além disso, a palavra deve ser vista como uma forma neutra que pode ser preenchida por diversas funções ideológicas, funcionando como um elemento essencial que acompanha e comenta todo ato ideológico. O signo, por

sua vez, é um produto ideológico que reflete uma realidade exterior, sendo um elemento físico e concreto que possui uma realidade objetiva. Assim, percebemos que tanto Bakhtin e o Círculo quanto Vygotsky dão à palavra valor diferenciado e especial.

Nos estudos do Círculo de Bakhtin (2007), o objetivo da psicologia não deve ser o de apenas explicar os fenômenos psíquicos por relação de causalidade, como se houvesse analogia em relação aos processos fisiológicos ou físicos. Devem ser percebidos e descritos com atenção e discernimento, compreendendo a vida psíquica como um documento a ser analisado, tendo as palavras submetidas ao seu sentido histórico, social e ideológico. A atividade mental é centrada na vida cotidiana e é referida por Bakhtin (2006) como "ideologia do cotidiano". Essa atividade mental não é apenas uma abstração ou um conjunto de normas, mas resulta de uma reflexão sobre a língua que não provém da consciência do locutor nativo e que não serve apenas aos propósitos imediatos da comunicação. A adequação entre a forma da enunciação e o contexto é fundamental para essa atividade. A atividade mental se expressa, conforme Bakhtin (idem) sob a forma de signos, exteriormente e internamente (discurso interior). Fora desta realidade do material semiótico, a atividade interior não existe.

Já Vygotsky (2004) enfatiza que a atividade mental é influenciada por atividades externas e objetivas realizadas em um ambiente social. Ele propõe que as funções mentais superiores não podem ser reduzidas a processos elementares e que o pensamento e a consciência são fortemente moldados por interações sociais. A atividade é definida como uma unidade de análise que integra características sócio-interativas e individuais-cognitivas, destacando a importância da cooperação social na atividade, que se realiza por meio de signos, especialmente os verbais. Percebe-se, então, que os dois russos, analisados em nossa tese, mais se aproximam do que se distanciam quando o tópico é a psicologia.

Bakhtin (2007) critica a psicologia idealista e a visão psicologista que consideram a ideologia como algo que reside apenas na consciência individual. O Círculo argumenta que a consciência é um fato socioideológico, ou seja, é de ordem social e ideológica, e adquire forma e existência nos signos criados por grupos organizados ao longo de relações sociais. Para Bakhtin, a psicologia deve ir além da análise individual e considerar as interações sociais e o contexto cultural que moldam a consciência e a atividade mental. Além disso, o autor critica a abordagem que vê a

linguagem como um sistema abstrato de normas, defendendo que a linguagem deve ser entendida como um sistema semiótico que contém conteúdos ideológicos e vivenciais, inserido na esfera social. Essa crítica se estende à necessidade de uma análise que considere a dialética entre o externo e o interno, enfatizando que a psicologia deve ser compreendida em um contexto mais amplo que inclui a dinâmica social e cultural.

Bakhtin (2006 e 2007), em “O Freudismo”, rejeita veementemente as duas orientações majoritárias da psicologia de sua época, objetivismo e subjetivismo, pois crê não ser possível a redução do objeto da psicologia a termos fisiológicos e biológicos. Ainda, recusou a considerar a possibilidade de a psicologia amparar-se somente na experiência subjetiva, tratando com negligência completa os elementos que demonstram a experiência exterior.

O subjetivismo idealista, ao contrário (do objetivismo abstrato), só leva em consideração a fala. Mas ele também considera o ato da fala como individual e é por isso que tenta explicá-lo a partir das condições da vida psíquica individual do sujeito falante. E esse é o seu *proton pseudos* (Bakhtin, 2006, p. 113).

O Círculo de Bakhtin considerou que a psicologia deve centrar seus estudos em métodos objetivos que analisem o comportamento humano em expressões materiais, dentro das condições de seu contexto extraverbal, natural e social. Contudo, os estudiosos do Círculo fizeram alerta para o risco de essa propositura avançar para um materialismo simplista tal como produzem os behavioristas, que produziram esquemas em excesso para a produção de uma psicologia objetivista. Para superar e sanar esse problema, Bakhtin propõe uma psicologia dialética e sociológica, buscando meios para que a psicologia recuperasse o entendimento dialético da internalização e exteriorização por meio da interação verbal e social.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (Bakhtin, 2006, p. 127).

Aqui, relacionamos novamente os teóricos russos, pois Vygotsky foi um dos que mais realizou críticas efusivas às correntes psicológicas de sua época, que compreendiam o termo coletivo como sinônimo de social. Em seu trabalho “Psicologia da Arte”, Vygotsky (1999) faz a propositura de que a ideia e conceito de “social”

deveria ser ampliada para não só envolver os processos que ocorrem no interpessoal, como as interações grupais, mas também aquelas que se desenvolvem no intrapessoal. É o que o autor russo explica quando afirma que

A psicologia social não marxista entende o social de modo grosseiramente empírico, necessariamente como multidão, coletivo, relação com outros indivíduos. A sociedade é aí entendida como reunião de pessoas e condição suplementar da atividade de um indivíduo. Esses psicólogos não admitem a ideia de que, no movimento mais íntimo e pessoal do pensamento, do sentimento, etc..., o psiquismo de um indivíduo particular seja efetivamente social e socialmente condicionado (Vygotsky, 1999, p.14).

Conforme os estudos do Círculo de Bakhtin (2006 e 2007), enfatiza-se que a linguagem é um sistema semiótico que se realiza na interação com o Outro, sendo fundamental para estruturar o sujeito. As interações verbais são vistas como um espaço onde as vozes se entrelaçam, permitindo que as palavras e ideias de outros influenciem o discurso individual. Essa dinâmica é descrita como uma coprodução discursiva, onde as enunciações de outrem são tomadas como posições com conteúdo semântico, selecionadas no contexto sócio-histórico em que os atores sociais se encontram. Além disso, Bakhtin critica a visão monologizada do discurso, que ignora a multiplicidade de vozes e a riqueza das interações sociais. Os autores do Círculo argumentam que as interações verbais não são apenas trocas de informações, mas eventos complexos que envolvem a interpenetração de diferentes vozes e significados, refletindo a natureza social da linguagem e da consciência.

Já Vygotsky (2004) enfatiza a importância da interação social no desenvolvimento cognitivo e na aprendizagem. Ele propõe que as funções mentais superiores não podem ser compreendidas isoladamente, mas sim como produtos de interações sociais e culturais. Vygotsky argumenta que o aprendizado é um processo social, onde o aluno é visto como um sujeito ativo que coadua com o professor e outros interlocutores na construção do conhecimento. A perspectiva vygotskyana considera que a linguagem desempenha um papel central nesse processo, funcionando como uma ferramenta mediadora que facilita a interação e a construção do conhecimento. Assim, a interação social é vista como um elemento vital para o desenvolvimento individual e a formação da consciência.

Em se tratando da consciência individual, o Círculo de Bakhtin (2006 e 2007) sempre relaciona os fundamentos socioideológicos e para a discussão em psicologia, realiza isso dentro de uma visão dialética, com a propositura da dialética do interno e

do externo mediadas pela interação verbal, conforme já explanado. Aliás, convém recordar e considerar que em Bakhtin e o Círculo, a presença da perspectiva dialética é uma constante.

É dialético todo o pensamento do homem, é dialético o psiquismo subjetivo do homem, que acredita nos discursos interior e exterior, é dialético o mito, o delírio do louco. Ademais, é dialética toda tolice, é dialética a mentira; nos trilhos da dialética entram, além da vontade, a tagarelice Ociosa e a bisbilhotice (lembramos a dialética da bisbilhotice em Gógol, que determina, no fundamental, a estrutura do seu estilo grotesco e hiperbólico). É dialética a alma de qualquer movimento, mesmo o movimento das ficções no cérebro ocioso do homem. (Bakhtin, 2007, p.99-100).

Assim, consideramos que é plausível crer que a abordagem do Círculo de Bakhtin sobre a psicologia, em relação aos fenômenos psíquicos, tem como ponto inicial a dimensão interior desses mesmos fenômenos, com a metodologia da história aplicada à compreensão da atividade externa, com valor especial e principal à palavra não apenas como meio comunicacional, mas evidentemente e principalmente como conteúdo basilar da própria atividade psíquica.

A concluir este capítulo, amparados em toda a bibliografia citada até o momento, sem conclusões determinantes, pois seriam contra os ideais de ambos os pensadores, a relação entre Bakhtin e Vygotsky na psicologia é marcada por uma proximidade em suas ideias, mas também por certo afastamento em termos de foco e abordagem. Conforme procuramos demonstrar, ambos os pensadores, que viveram na mesma época e na mesma região, abordaram questões relacionadas à constituição do sujeito e à mediação da palavra, mas com ênfases diferentes.

Tanto Bakhtin quanto Vygotsky enfatizam a importância da linguagem como um meio de mediação entre o eu e o outro. Para ambos, a linguagem é fundamental para a formação da consciência e da identidade. Bakhtin e seu Círculo falam sobre a linguagem como um espaço de interação social, enquanto Vygotsky a vê como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento cognitivo e social. Também, ambos compartilham a ideia de que o sujeito é constituído nas relações sociais. A consciência, para os dois, não é um fenômeno isolado, mas é formada através das interações com os outros.

Os autores russos enfatizam o papel do diálogo nas interações humanas. Bakhtin e seu Círculo introduzem o conceito de relações dialógicas, que sugere que a linguagem é um espaço de interação entre múltiplas vozes e significados. Vygotsky,

por sua vez, destaca a mediação semiótica, onde a linguagem e a comunicação são fundamentais para o desenvolvimento psicológico e a construção de significados. Ainda, eles concordam que a subjetividade e a consciência não são fenômenos isolados, mas são moldados por contextos sociais e culturais. Vygotsky argumenta que as funções psicológicas são mediadas socialmente, enquanto Bakhtin vê a linguagem como um fenômeno social que reflete e constrói a realidade cultural. Essa perspectiva comum destaca a interdependência entre o indivíduo e o contexto social, presente em ambos os pensadores.

Aproximando-os ainda, Bakhtin e Vygotsky se opõem a visões que reduzem a experiência humana a processos puramente individuais ou biológicos. Vygotsky critica a psicologia que ignora o contexto social, enquanto Bakhtin desafia a visão monológica da linguagem. Ambos defendem uma abordagem que reconhece a complexidade das interações humanas e a multiplicidade de significados

No que os difere, precisamos compreender que enquanto Vygotsky se concentra mais na psicologia e no desenvolvimento cognitivo, Bakhtin e seu Círculo se voltam para a filosofia da linguagem e a estética. Bakhtin está mais interessado nas implicações sociais e culturais da linguagem, enquanto Vygotsky foca na relação entre linguagem e desenvolvimento psicológico.

Vygotsky concentra-se principalmente na psicologia e no desenvolvimento das funções psicológicas, enfatizando a mediação social e cultural na formação da consciência e do pensamento. Em contraste, Bakhtin e o Círculo focam na linguagem e na estética, explorando como a comunicação verbal e os enunciados funcionam em contextos sociais. Essa diferença de foco resulta em abordagens distintas sobre como a subjetividade é constituída. Vygotsky vê a linguagem como um meio de mediação que influencia o pensamento e a consciência, já Bakhtin considera a linguagem como um fenômeno dinâmico e interativo, onde o significado é construído através do diálogo e da interação social. Essa diferença implica que, para Vygotsky, a linguagem é um instrumento de pensamento, enquanto para Bakhtin, é um espaço de múltiplas vozes e significados.

Em suas abordagens metodológicas, Vygotsky adota um método genético de investigação, que se concentra na historicidade e no desenvolvimento das funções psicológicas ao longo do tempo. Bakhtin, por outro lado, enfatiza a análise do enunciado em contextos específicos, focando na interação e na situação

comunicativa. Essa diferença metodológica reflete suas respectivas preocupações teóricas e práticas.

Bakhtin critica a ideia de uma verdade única e universal, propondo que a verdade é relacional e depende das interações sociais. Vygotsky, por outro lado, embora também reconheça a importância do contexto social, pode ser visto como mais alinhado a uma abordagem que busca entender processos universais de desenvolvimento humano.

Bakhtin e Vygotsky compartilham uma base comum em suas abordagens sobre a linguagem e a constituição do sujeito, mas divergem em seus focos teóricos e nas implicações de suas ideias. Essa relação de proximidade e afastamento reflete a riqueza do pensamento social e psicológico da época. Precisamos compreender nessa busca a relevância das contribuições de Vygotsky e Bakhtin para a compreensão da subjetividade e da linguagem na psicologia contemporânea. Os pensadores russos, apesar de suas diferenças certas vezes sem aproximação em alguns pontos, oferecem perspectivas que enfatizam a mediação social e cultural na formação do indivíduo. A articulação entre suas ideias permite uma análise mais rica dos processos de significação e da constituição da subjetividade, desafiando visões reducionistas que isolam o indivíduo de seu contexto social. Buscamos sugerir nessa tese que a integração das abordagens vygotskyana e bakhtiniana pode enriquecer o debate sobre a condição humana, promovendo uma compreensão mais dinâmica e interativa das relações sociais e da linguagem. Esperamos que pesquisadores se debruçam mais acuradamente sobre essa perspectiva, inicialmente abordada neste capítulo.

Quadro 1. A Construção do Sujeito: Perspectivas de Bakhtin e Vygotsky

Dimensões / Posições	Bakhtin – Arquitetura do Sujeito	Vygotsky – Formação Sócio-Histórica do Sujeito
"Eu para mim"	O sujeito se percebe internamente, vivenciando sua singularidade em meio a vozes, tensões e valores que o atravessam.	A consciência emerge a partir da interação social, moldada pela internalização de signos, especialmente da linguagem.
"Eu para o outro"	A identidade se manifesta na relação com o outro, sendo construída na atuação, na expressão e no encontro com diferentes perspectivas.	O desenvolvimento do indivíduo se dá na troca social, onde o aprendizado ocorre com o auxílio do outro, destacando-se a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).
"Outro para mim"	O outro é essencial na constituição do sujeito. A alteridade desperta uma resposta ética e estética,	A presença do outro social, como mediador (professor, facilitador), impulsiona a aprendizagem por meio

Dimensões / Posições	Bakhtin – Arquitetura do Sujeito	Vygotsky – Formação Sócio-Histórica do Sujeito
	moldando a percepção de si mesmo.	da assimilação de práticas culturais compartilhadas.
Papel da linguagem	A linguagem é intrínseca à experiência humana, sendo carregada de valores e significados que influenciam a subjetividade.	A linguagem desempenha papel central no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, atuando como mediadora da construção do pensamento.
Sujeito	Um ser ético-estético, sempre em transformação, responsivo às interações e situado no contexto em que se insere.	Um ser histórico-social, cuja evolução ocorre por meio das relações interpessoais e da influência da cultura.
Relação com o outro	Indissociável e fundamental. O sujeito só se constitui plenamente na interação com o outro.	Essencial para o processo de aprendizado e internalização de conhecimento.
Enfoque epistemológico	Fundamentado na filosofia da linguagem, na estética e na ética da alteridade.	Baseado na psicologia histórico-cultural e no materialismo histórico dialético.

Fonte: Organizado pelo autor (2025), com base em Bakhtin (2003; 2017) e Vygotsky (2007).

4. CAPÍTULO 4 – ENTRE VOZES E SILÊNCIOS: A LINGUAGEM QUE NOS HABITA EM BAKHTIN E VYGOTSKY

O século XX testemunhou uma verdadeira revolução nos estudos da linguagem, cujo marco fundador foi a obra póstuma de Ferdinand de Saussure (2006). Ao deslocar o foco da análise diacrônica (histórica) para a sincrônica (sistêmica),

Saussure instituiu as bases para a linguística moderna. Sua proposta redefiniu a língua não mais como uma nomenclatura ou uma simples lista de nomes para as coisas, mas como um sistema de relações e diferenças. A partir de suas famosas dicotomias (sincronia/diacronia, sintagma/paradigma), uma se tornou particularmente influente e, por vezes, problemática: a distinção entre a *langue* (a língua como sistema social, abstrato e institucional) e a *parole* (a fala como ato individual de uso desse sistema).

Esse gesto saussuriano, ao eleger a *langue* como o verdadeiro objeto da ciência linguística, abriu caminho para as correntes formalistas e estruturalistas que dominaram grande parte do pensamento europeu. Nelas, a língua era frequentemente concebida como um código autônomo, cujas estruturas poderiam ser analisadas com rigor quase matemático. Em contrapartida, essa abordagem sistêmica foi desafiada por perspectivas que buscavam resgatar a dimensão do sujeito, da história e da experiência, vendo a linguagem como um produto da psique individual, atravessada por mecanismos obscuros e determinações que escapavam à lógica puramente estrutural. Esse campo de tensão entre um objetivismo abstrato e um subjetivismo idealista formou o pano de fundo intelectual para as críticas que surgiriam nas décadas seguintes. É nesse cenário que pensadores como Bakhtin e Vygotsky buscarão uma terceira via, e que filósofos como Michel Foucault, em sua arqueologia das ciências humanas, analisarão as próprias condições históricas que tornaram possível essa oposição fundamental no saber moderno.

Não se surpreendeu então quando na antiga União Soviética, ainda em seu início, nos anos 1920, essa dicotomia saussuriana gerou calorosos debates. Especialistas dos estudos da linguagem, literatura e psicólogos promoveram questionamentos sobre esse posicionamento em suas áreas de estudo e buscaram dar explicações e explanações sobre a integração do indivíduo com a sociedade de uma maneira mais acessível. Esta busca tornou-se um tópico dos mais relevantes para a psicologia clínica, em especial o ramo que se debruçava sobre a aquisição da língua. E, no intento de nossa tese, foi uma das preocupações precípuas dos estudiosos do hoje chamado Círculo de Bakhtin que se preocupavam particularmente com a linguagem, a saber, Bakhtin, Volóchinov e Medvedev.

Esses grupos de estudiosos da findada União Soviética abordavam essas perspectivas com os arcabouços existentes em suas respectivas épocas, inclusive

com a onipresença do marxismo, que impunha uma visão de ênfase no processo, na mudança e na relação da mudança e a interação entre organismo e seu ambiente. Destacamos ao escopo de nossa pesquisa dois livros que foram publicados com o nome de Volóchinov, sendo que consideramos Bakhtin coautor das obras. Trata-se dos livros “O Freudismo” e “Marxismo e Filosofia da Linguagem” (Bakhtin, 2006; 2007). Cada uma dessas obras, dentro de suas especificidades, reavaliava os estudos de Saussure e suas dicotomias e buscava uma síntese lógica para elas. A natureza dessa síntese lógica e a forma com que ela iluminou a relação entre a linguagem e a consciência é um dos esforços que envidaremos para dialogar nesse capítulo.

Os integrantes do Círculo de Bakhtin opunham-se a um aspecto basilar da dicotomia *langue/parole*, que era o seu modo de colocar em oposição o social ao individual. Ao invés de oposição, os membros do Círculo buscavam demonstrar sua oposição e alerta ao fato de que esse entendimento ocorria de maneira mecânica e completamente racionalizado. Bakhtin definira isto em “Marxismo e Filosofia da Linguagem” quando afirma que

A idéia (sic) de uma língua convencional, arbitrária, é característica de toda corrente racionalista, bem como o paralelo estabelecido entre o código lingüístico (sic) e o código matemático. Ao espírito orientado para a matemática, dos racionalistas, o que interessa não é a relação do signo com a realidade por ele refletida ou com o indivíduo que o engendra, mas a relação de signo para signo no interior de um sistema fechado, e não obstante aceito e integrado. Em outras palavras, só lhes interessa a lógica interna do próprio sistema de signos; este é considerado, assim como na lógica, independentemente por completo das significações ideológicas que a ele se ligam (Bakhtin, 2006, p.83-84).

O Círculo de Bakhtin considerava que uma insensibilidade para com as significações ideológicas seria uma questão perigosa em relação aos estudos de Saussure diante da natureza arbitrária do signo. Na visão de Bakhtin e o Círculo, a ideia de ideologia aplicada de maneira correta seria uma das formas de melhorar esse entendimento e ampliar sua compreensão. Para Bakhtin, a ideologia representava um sistema de ideias determinado socialmente, sendo algo que necessariamente significa. Nesse entendimento do termo, todos os sistemas sígnicos são ideológicos e toda forma de ideologia possui um valor semiótico. Para Bakhtin, “o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico.” (Bakhtin, 2006, p.30).

Porém, em contraposição ao pensamento saussuriano de que o signo verbal é

uma construção mental onde a imagem acústica e o conceito estão contidos e presentes em um sistema arbitrário fechado, Bakhtin e seu Círculo defendiam quatro considerações sociais que tornam plausível a compreensão da fala e da escrita. Inicialmente, o Círculo pressupõe que o signo e seus efeitos ocorrem na experiência exterior, pois “essa cadeia de criatividade e de compreensão ideológicas (...). Em nenhum ponto a cadeia se quebra, em nenhum ponto ela penetra a existência interior, de natureza não material e não corporificada em signos.” (Bakhtin, 2006, p.32). Assim, cada produto ideológico tem sua significação, é significativo, não em sua alma, mas no material ideológico que é objetivamente acessível.

Posterior a isso, a experiência externa, caso tenha de registrar significação, necessita estar organizada socialmente de alguma maneira. Segundo Bakhtin

Os signos só podem aparecer em um terreno interindividual. Ainda assim, trata-se de um terreno que não pode ser chamado de “natural” no sentido usual da palavra: não basta colocar face a face dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se (Bakhtin, 2006, p.33).

Uma unidade social é, dessa maneira, um aspecto imprescindível da atividade semiótica e, por este motivo, o estudo das ideologias, conforme o Círculo de Bakhtin, não pode estar amparado em uma psicologia individual. Em vez de requerer uma tensão saussuriana existente entre social e individual, Bakhtin e o Círculo apresentam um indivíduo que desenvolve de maneira ativa a sociedade em que o seu discurso está em ocorrência. Toda a tradição que opõe o individual ao social está equivocada, conforme explica Bakhtin (2006), pois uma pessoa individualizada é basicamente um espécime biológico dentro de um grupo que por conter outros indivíduos, torna-se social.

Um terceiro ponto é que as ideologias que são geradas e desenvolvidas pela realidade material da língua necessitam de ser analisadas inter-sistematicamente e não apenas como fenômenos isolados em si mesmos. Aprofundando isto, a ideologia é existente sempre como uma relação entre os falantes e ouvintes de uma língua e, por consequência, entre grupos sociais. Conforme explica o Círculo de Bakhtin, cada grupo social, ou seja, classe social, profissional, geracional, religiosa ou regional, por exemplo, carrega em si a sua própria forma de se expressar na língua, criando dialetos dentro da língua. Cada dialeto desses vai refletir e carregar em si mesmo uma

axiologia própria que também porta sentimentos particulares de experiência compartilhada. Como nenhuma dupla de indivíduos tem uma coincidência completa de experiências ou pertence intrinsecamente ao mesmo conjunto de relações sociais organizadas, cada forma de entendimento traz a necessidade de um ato tradutório, uma negociação axiológica. Essa relação é uma inter-relação e interação constante.

Por último, o Círculo de Bakhtin gerou uma redefinição profunda na questão da Palavra em si mesmo e promoveu tentativas de infundir nela seu sentido original proveniente do grego, o *logos*, significando “discurso”. Para Bakhtin e Volóchinov, por exemplo, as palavras não podem ser concebidas fora das vozes que as enunciam, dessa maneira, cada palavra traz em si a questão da autoridade.

A analisar a obra, mais da metade do livro “Marxismo e Filosofia da Linguagem” (Bakhtin, 2006) dedica-se à pesquisa e investigação do discurso “indireto” ou o “discurso indireto livre”, que são atos de fala multinivelados onde há mais de uma voz participante. Para Bakhtin/Volóchinov, as palavras não são provenientes dos dicionários e sim surgem nas relações humanas e nas situações de relação dialógica concreta. Os autores russos consideraram a distinção entre as palavras dialógicas, a saber, os enunciados e as palavras dicionarizadas, para delimitar uma diferenciação entre tema e significado.

A maneira mais correta de formular a inter-relação do tema e da significação é a seguinte: o tema constitui o estágio superior real da capacidade lingüística (sic) de significar. De fato, apenas o tema significa de maneira determinada. A significação é o estágio inferior da capacidade de significar. A significação não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um potencial, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto (Bakhtin, 2006, p.134).

As palavras no discurso trazem em si contextos anteriores porque, do contrário, elas não significariam coisa alguma. Dessa maneira, todo enunciado, oculto ou aberto, torna-se um ato de discurso indireto. Assim, estas são as considerações que estão presentes nas obras do Círculo de Bakhtin que seriam feitas à Saussure: o signo é externo, devidamente organizado de maneira social, concretamente histórico e, como a Palavra, ligado à voz e à autoridade do falante de maneira inseparável. Essas quatro considerações e alterações estudadas pelo Círculo de Bakhtin realizam uma guinada diferencial enorme em relação aos estudos saussurianos originais de *langue* e *parole*.

O Círculo de Bakhtin trabalhou com essa dicotomia aprofundando os seus dois

defeitos básicos: o “objetivismo abstrato” e o “subjetivismo idealista”, desenvolvidos no capítulo 4, intitulado “Das orientações do pensamento filosófico-lingüístico” (sic), do livro “Marxismo e Filosofia da Linguagem” (Bakhtin, 2006). O objetivismo abstrato é entendido pelos autores do Círculo de Bakhtin como profundamente cartesiano, com a língua sendo considerada um código independente de seus falantes. Já o subjetivismo idealista, amparado nos estudos do filósofo da linguagem Humboldt, foi encarnado, segundo Bakhtin e o Círculo, pelos seguidores do linguista alemão Vossler. Conforme essa linha de pensamento linguístico, a mensagem e a comunicação estão intimamente relacionadas à psique individual.

Bakhtin e Volóchinov (2006) não negam os dois polos acima descritos, contudo sintetiza-o afirmando que a oposição dos dois na vida cotidiana real, em qualquer momento que se analise, assemelha-se à ficção. No considerado por Bakhtin e o Círculo, cada indivíduo envolve-se na atividade de criar relações horizontais com outros indivíduos em atos de fala específicos, desenvolvendo assim relações internas entre eles, o mundo exterior e sua psique. Essas relações entre os indivíduos são constantes e essas interações vão constituindo a psique humana. A psique é não somente um fenômeno interior do indivíduo, mas sua fronteira. Dessa maneira, para utilizar as palavras do próprio Bakhtin

O psíquico goza de extraterritorialidade em relação ao organismo. É o social infiltrado no organismo do indivíduo. E tudo que é ideológico é extraterritorial no domínio sócio-econômico (sic), pois o signo ideológico, situado fora do organismo, deve penetrar no mundo interior para realizar sua natureza semiótica (Bakhtin, 2006, p. 64).

Há correntes de estudos que consideram este conceito de psique radical, pois a pressuposição de que esta é, em sua forma basilar, uma entidade social, um *lócus* a ser preenchido com signos ideológicos, insere os estudos do Círculo de Bakhtin acerca da consciência em conflito direto com os estudos que boa parte da *intelligentsia* ocidental realizou sobre o tema desde Sigmund Freud. Não nos alongaremos em juízos de valor acerca de radicalismo ou não nesta questão. O que valorizamos como saber são as excelentes análises do Círculo de Bakhtin acerca da relação de transição do “intercurso social” para o “discurso exterior” e deste para o “discurso interior” e para a consciência, sendo que Bakhtin (2006) reavalia a relação da consciência com o mundo que a rodeia e a relação do indivíduo com outros indivíduos. Na obra citada, conhecemos que

Embora a realidade da palavra, como a de qualquer signo, resulte do consenso entre os indivíduos, uma palavra é, ao mesmo tempo, produzida pelos próprios meios do organismo individual, sem nenhum recurso a uma aparelhagem qualquer ou a alguma outra espécie de material extracorporal. Isso determinou o papel da palavra como material semiótico da vida interior, da consciência (discurso interior) (Bakhtin, 2006, p.35).

Quando estiver tão firmemente presa à experiência exterior, a relação tripartite da vida interior = discurso interior = consciência é bastante audaz e inovadora. Conforme Bakhtin (2006, p.110), “Os sujeitos não “adquirem” sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência”. Quando acontece a individuação da personalidade, isso significa um processo de uma consciência trabalhando sobre os “temas ideológicos” que estão penetrando essa consciência, assumindo uma aparência de acentos individuais na língua, destacando como a pluralidade de acentos dá vida à palavra e que a diversidade de acentos é fundamental para a compreensão da significação, destacando a importância da enunciação e da fala na comunicação.

É complexo realizar uma distinção clara acerca da distinção do discurso interior e o exterior porque o ato de introspecção em si é moldado sobre o discurso social que acontece no discurso social externo. A introspecção, conforme discutida por Bakhtin (2006, p. 61), é um processo complexo que envolve a auto-observação e a compreensão dos signos interiores de um indivíduo. Este processo não é meramente um ato de olhar para dentro, mas sim uma atividade semiótica que busca esclarecer e expressar a atividade mental por meio de signos. A introspecção é caracterizada por uma tendência expressiva, onde o signo interior é gradualmente exteriorizado, permitindo que o indivíduo compreenda sua própria experiência psíquica em um contexto mais amplo.

A introspecção não é um ato isolado; ela se dá em relação a outros signos, formando uma rede de significações que ajuda a construir a identidade e a consciência do sujeito. Por meio da introspecção, o indivíduo não apenas reconhece seus próprios pensamentos e sentimentos, mas também os relaciona com normas éticas e sociais, integrando-os em um sistema de apreciações que molda sua compreensão de si mesmo. Além disso, a introspecção deve ser compreendida como um ato que pode ser influenciado por fatores ideológicos, uma vez que a maneira como um indivíduo compreende seus signos interiores pode ser afetada por contextos culturais e sociais.

Assim, a introspecção se torna um meio não apenas de autoconhecimento, mas também de construção de significado dentro de um quadro ideológico mais amplo, refletindo a intersecção entre a subjetividade e a objetividade na formação da consciência. Conforme o Círculo de Bakhtin

É preciso insistir sobre o fato de que não somente a atividade mental é expressa exteriormente com a ajuda do signo (assim como nos expressamos para os outros por palavras, mímica ou qualquer outro meio), mas ainda que para o próprio indivíduo, ela só existe sob a forma de signos. Fora deste material semiótico, a atividade interior, enquanto tal, não existe. Nesse sentido:

[...] toda atividade mental é exprimível, isto é, constitui uma expressão potencial. Todo pensamento, toda emoção todo movimento voluntário são exprimíveis. A função expressiva não pode ser separada da atividade mental sem que se altere a própria natureza desta (Bakhtin, 2006, p.50-51).

A consciência individual é um fato socioideológico e se um indivíduo não pode falar de sua própria experiência, ao menos consigo mesmo, ele não teve essa experiência de fato. As experiências de um indivíduo existem codificadas em seu discurso interior. Quando se fala que as experiências estão "codificadas", estamos nos referindo ao fato de que elas são transformadas em signos e símbolos que podem ser acessados e utilizados pelo indivíduo em momentos de reflexão ou comunicação. Esse processo de codificação é fundamental para a construção da identidade e da consciência, pois permite que o sujeito não apenas recorde suas vivências, mas também as relacione a contextos sociais, culturais e ideológicos.

Dessa forma, conforme Bakhtin, “a palavra se apresenta como o fundamento, a base da vida interior”. A exclusão da palavra reduziria o psiquismo a quase nada” (2006, p.51). Bakhtin afirma que o humano desenvolve os mecanismos necessários para expressar aquilo que o ambiente está nos disponibilizando para a experiência. Em qualquer que seja o momento, a conexão entre o indivíduo e a sociedade pode não ser plenamente adequado, não sendo possível tratar de conexão perfeita, contudo, os mecanismos sempre estão presentes para o engajamento entre o indivíduo e a sociedade no diálogo. Não há, segundo essa perspectiva bakhtiniana, espaço para uma inconsciência independente.

Essa argumentação vai ser desenvolvida em outro livro da dupla Volóchinov/Bakhtin, “O Freudismo” (2007). Conforme explana a obra, os conhecimentos produzidos por Freud representavam uma degradação do já

desacreditado subjetivismo idealista. Contudo, é sabido que os saberes produzidos por Freud se ampliaram em reconhecimento e valor no mundo ocidental. O que Bakhtin/Volóchinov fazem ao analisar é promover o seu “esboço crítico” e afirmar que o freudismo é analisado em sua obra como um sintoma social. Conforme os autores russos, a psicanálise salva o homem burguês ao trazê-lo para fora da história, dando uma explicação para ele mesmo não como entidade social concreta e sim como um organismo biológico abstrato. A expressão "organismo biológico abstrato" aparece na obra em uma crítica de Bakhtin ao biologismo presente na psicanálise freudiana. Bakhtin argumenta que a psicanálise tende a tratar o indivíduo como um organismo biológico isolado, o que, segundo ele, é uma simplificação inadequada. Bakhtin enfatiza que o indivíduo humano só se torna "historicamente real e cultura/mente produtivo como parte do todo social, na classe e através da classe".

Conforme Bakhtin (2007) explica, Freud induz em sua pesquisa, a todo o momento, que as respostas devem ser buscadas dentro do próprio indivíduo. O motivo ideológico do freudismo é uma ênfase no sexo e na idade, que segundo Bakhtin são motivos comuns em tempos de crise e declínio, quando a realidade natural, em especial a natureza humana amparada especialmente em impulsos biológicos, é percebida como uma força poderosa e a história percebida como impotente. Porém, a captar durante a leitura da obra de Bakhtin, entendemos que ele foi seletivo em suas leituras de Freud. Nas obras não analisadas por Bakhtin, ele poderia ter encontrado um oponente mais desafiador ou até mesmo um aliado para suas análises a respeito da psicologia. Bakhtin não considera os vários momentos da obra de Freud, o que resulta em uma visão reduzida da teoria psicanalítica. É possível inferir que obras fundamentais como "A Interpretação dos Sonhos", "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade" e "Além do Princípio do Prazer" podem não ter sido abordadas em profundidade por Bakhtin, dado seu foco em criticar a abordagem freudiana de maneira mais geral e ideológica.

Bakhtin (2007) enfatiza a importância do mundo material externo na constituição da consciência e na formação do sujeito. Ele argumenta que a linguagem e a expressão verbal não são apenas produtos de um indivíduo isolado, mas sim resultantes de interações sociais e contextos materiais. Para os autores, a expressão exterior organiza e regula a expressão interior, sugerindo que a consciência é moldada pelas condições sociais e materiais em que o sujeito se encontra.

É possível captar no livro que Bakhtin critica a psicanálise por ignorar a luta ideológica e os fatores materiais que influenciam o comportamento humano. Ele propõe que, para entender completamente o comportamento verbal e a consciência, é necessário considerar os aspectos socioeconômicos e as inter-relações sociais que permeiam a enunciação. Assim, Bakhtin vê a linguagem como um meio objetivo através do qual o psiquismo humano pode ser analisado, destacando que a consciência reflete a dialética histórica e não apenas a dialética da natureza. Essa perspectiva bakhtiniana contrasta com a abordagem freudiana, que tende a focar mais na introspecção e nos processos internos do sujeito, sem dar a devida atenção ao contexto material e social que molda a experiência humana. Freud aborda a introspecção como um método fundamental para a compreensão do inconsciente e dos fenômenos psíquicos. De acordo com Bakhtin, o pensador austríaco acredita que a introspecção permite que o indivíduo explore suas próprias experiências internas, revelando conteúdos que muitas vezes estão ocultos ou reprimidos.

Aprofundando na obra de Bakhtin (2007), o modelo proposto pelo russo deveria dar conta dos fenômenos analisados por Freud de uma maneira diferente. Um sistema explicativo deveria fornecer por meio de experimentações e documentação clínica respostas específicas à questão psicológica mais relevante ao diálogo proposto: de que maneira especificamente o ambiente molda uma personalidade? De que modo as palavras exteriores se transformam em discurso interior? Em continuidade à propositura de nossa tese, outro grande pesquisador do século XX, contemporâneo de Bakhtin e seu Círculo, se empenhou em dialogar com esse projeto e estas respostas.

Vygotsky, como será mencionado durante todo este trabalho, foi um homem comparável a Bakhtin em rigor científico, produtividade intelectual e valor interdisciplinar. A obra final de Vygotsky (2001), “A Construção do Pensamento e da Linguagem”, de 1934, pode ser estudada como um importante trabalho predecessor e até mesmo visto como ponto dialógico relevante à pesquisa sobre filosofia da linguagem de Bakhtin e o Círculo, corroborando mais uma vez com nosso intento de tese.

Conforme já expomos em nosso trabalho, não há relação comprovada de interação entre os dois pensadores, considerando que isso não diminua a importância da possível relação e interação entre ambos. Há prova direta de que Vygotsky

conhecera Bakhtin, como apresentamos anteriormente, e há a prova de que Bakhtin lera o Círculo de Vygotsky. O interesse mútuo nas relações dialógicas na linguagem, em consonância com o seu contexto social, estava presente e difundido no ambiente intelectual dos anos 1920. Os dois pensadores russos atraíram, sem sombra de dúvida, tendo sido inclusive atraídos, por diversas tendências sociais e científicas similares. Onde Vygotsky e Bakhtin tem uma interseção bem fundamentada não está no plano de seus escritos publicados, concretos, ou seja, não quando são citados um pelo outro, mas ocorrem nas implicações finais de suas linhas de pensamento.

Na análise da relação entre significado e sentido da palavra, encontramos notáveis convergências entre o pensamento de Vygotsky e Mikhail Bakhtin e seu Círculo. Bakhtin (2006) demonstrava clara preferência pelo sentido, considerando-o um domínio mais abrangente para a expressão e vivência da palavra. Vygotsky (2001)⁶⁰, por sua vez, enfatizava que a relação entre sentido e palavra possui muito mais autonomia do que aquela entre significado e palavra.

De acordo com Vygotsky, existe uma flexibilidade inerente na relação entre palavras e sentidos: as palavras podem se desassociar dos sentidos que expressam, assim como os sentidos podem transformar as palavras. Um mesmo sentido pode se desprender de uma palavra específica e encontrar expressão em outra, mantendo-se preservado mesmo quando separado de seu veículo verbal original.

Ao reconhecer a natureza mutável do significado das palavras, a mobilidade do sentido e sua maior amplitude e riqueza em comparação ao significado, bem como a mediação semiótica do comportamento humano, Vygotsky alinha-se ao pensamento de Bakhtin e antecipa importantes desenvolvimentos da linguística contemporânea.

As pesquisas iniciais de Vygotsky foram bem semelhantes às do Círculo de Bakhtin. Ambos consideraram que não seria possível resolver a insatisfatória questão do impasse entre o objetivismo abstrato e o subjetivismo idealista ou, como explanou em sua própria expressão de área, a oposição entre a psicologia idealista e a behaviorista, sem questionar como isso se concentrava no próprio ato de fala concreto. Para Vygotsky, o problema maior seria o viés anti-histórico presente nessas teorias de sua época. Conforme o autor

Tomadas em conjunto, todas essas teorias revelam um ponto em comum,

⁶⁰ ViGOTSKY, Lev Semenovich; **A construção do pensamento e da linguagem** / L. S. Vigotski ; tradução Paulo Bezerra. - São Paulo : Martins Fontes, 2001.

inerente a quase todas as teorias do pensamento e da linguagem: um anti-historicismo sumamente profundo e de princípio. Todas elas oscilam entre os pólos do naturalismo puro e do espiritualismo puro. Todas elas abordam igualmente o pensamento e a linguagem fora da sua história (Vygotsky, 2001, p.484)

O tempo, conforme a obra de Vygotsky (2001), fora mal compreendido e mal utilizado no campo da ciência psicológica. O desenvolvimento infantil fora descrito utilizando-se termos provenientes da botânica, tais como “amadurecimento”, por exemplo. Também, foram utilizados termos zoológicos, como no uso em condições de animais em laboratório, contudo, na visão de pesquisa de Vygotsky, o que os profissionais da psicologia deveriam analisar é exatamente aquilo que não pode ser captado, apreendido com termos provenientes de fauna ou flora, ou seja, deve-se analisar, precisamente e exclusivamente, a assimilação da linguagem pela raça humana, característica que somente nossa raça possui.

A linguagem é a maior ferramenta humana e deve ser percebida assim, como ferramenta, ou seja, um meio para promover comunicação com o mundo exterior e extrair sentido deste mundo por meio dela. Observada dessa forma, a linguagem oferece problemas específicos para os profissionais da psicologia. Isso porque se a linguagem é sempre um meio interacional com o mundo em que vivemos, é demasiado imprudente analisá-la em ambientes isolados ou em experimentos controlados. Vygotsky (2001) substituiu esses lugares convencionais de ciência por situações de trabalho bem mais flexíveis que implicavam por os sujeitos em desafios com o contexto social real.

Neste ponto, a desconfiança que Vygotsky (2007) apresenta a respeito de experimentos psicológicos clássicos, que ele mencionava, até sarcasticamente, na obra de esquemas baseados em estímulo e resposta, trazendo à recordação a mesma desconfiança que Bakhtin (2006) possui do modelo linguístico clássico, com a presença de um falante ideal e um ouvinte ideal.

Todos os métodos do tipo estímulo-resposta partilham da inadequabilidade que Engels atribui à abordagem naturalística da história. Nota-se em ambos que a relação entre comportamento e natureza é unidirecionalmente reativa. Entretanto, eu e meus colaboradores acreditamos que o comportamento humano tem aquela "reação transformadora sobre a natureza" que Engels atribui aos instrumentos. Portanto, temos de procurar métodos adequados à nossa concepção. Conjuntamente com os novos métodos, necessitamos também de uma nova estrutura analítica. (Vygotsky, 2007, p.63).

Esses dois pensadores russos observavam, com reticências, a simulação, isso porque os dois insistiam que somente um evento histórico concreto tem a capacidade de validar um comunicador humano ou promover um ato de aprendizagem. Vygotsky desenvolveu para seus próprios intentos uma ferramenta clínica embasada em duas convicções: a de que os eventos psicológicos necessitam ser analisados historicamente e de que a sociedade externa é o ponto de partida da consciência. Essas duas premissas de análise são relacionadas intimamente, pois o que quer que se objetive perceber na realidade exterior, há a possibilidade de modificá-lo ou tentar muda-lo com o passar do tempo. Vygotsky (2007) não tinha simpatia com o pensamento de que um indivíduo reluta em promover ajustes para situar-se em seu ambiente, de que a realidade, o trabalho e a interação social, são, de alguma maneira, não prazerosos. Para compor ideias e testar essa suposição, Vygotsky (2001) realizou experimentos que estão descritos na obra mencionada e desenvolveu um roteiro particular para a hipótese de aquisição da língua.

A aquisição da língua é um processo complexo que envolve diferentes etapas e modos de interação com o ambiente. Vygotsky (2001) destaca que a criança não aprende a língua materna através de métodos formais, como o estudo do alfabeto ou a gramática, mas sim por meio de uma imersão natural no contexto social e cultural em que está inserida. Esse aprendizado ocorre de forma orgânica, onde a criança internaliza a língua através da comunicação cotidiana, imitando e interagindo com os adultos e outras crianças.

Ainda na obra citada e analisando por outro prisma, a aprendizagem de uma língua estrangeira é caracterizada por um processo oposto. Neste caso, a criança inicia o aprendizado com uma abordagem mais analítica e consciente, envolvendo a construção de frases, a definição de palavras e o estudo da gramática. Essa diferença fundamental implica que, enquanto a língua materna é adquirida de baixo para cima, a língua estrangeira é aprendida de cima para baixo, começando por conceitos e regras que são posteriormente aplicados na prática.

A criança nunca aprende uma língua materna começando pelo estudo do alfabeto, pela leitura e a escrita, pela construção consciente intencional de frases, pela definição verbal do significado da palavra, pelo estudo da gramática, mas tudo isso faz parte do início do aprendizado de uma língua estrangeira. A criança aprende a língua materna de forma inconsciente e não intencional, ao passo que começa a

estudar a língua estrangeira pela tomada de consciência e a intenção. Daí ser possível dizer que o desenvolvimento da língua materna transcorre de baixo para cima, ao passo que o da língua estrangeira transcorre de cima para baixo. No primeiro caso, surgem antes as propriedades elementares inferiores da fala, e só mais tarde se desenvolvem as suas formas complexas, vinculadas à tomada de consciência da estrutura fonética da língua, das suas formas gramaticais e da construção arbitrária da linguagem. No segundo caso, desenvolvem-se antes as propriedades superiores e complexas da fala, vinculadas à tomada de consciência e à intenção, e só mais tarde surgem as propriedades elementares vinculadas ao emprego livre e espontâneo da linguagem alheia (Vygotsky, 2001, p.352-353).

Vygotsky enfatiza que essa distinção é crucial para entender como as crianças desenvolvem suas habilidades linguísticas e cognitivas. A aquisição da língua materna, sendo um processo mais intuitivo e natural, permite que a criança desenvolva uma base sólida de comunicação antes de se engajar em aprendizagens mais formais, como a escrita e a gramática. Essa base é essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de abstração, que são fundamentais para a aprendizagem de conteúdos mais complexos.

Dessa maneira, o roteiro de aquisição da língua, conforme discutido por Vygotsky na obra mencionada, revela a importância do contexto social e da interação na formação das habilidades linguísticas, destacando as diferenças entre a aquisição da língua materna e o aprendizado de línguas estrangeiras. Para esse entendimento, Vygotsky explica que:

Podemos formular brevemente as nossas conclusões:

1. No seu desenvolvimento ontogenético, o pensamento e a fala têm raízes diferentes.
2. Podemos, com certeza, constatar no desenvolvimento da fala da criança um “estágio pré-intelectual” e, no desenvolvimento de seu pensamento, um “estágio pré-verbal”.
3. Até certa altura, as duas modalidades de desenvolvimento seguem diferentes linhas, independentes uma da outra.
4. Em um determinado ponto, ambas as linhas se cruzam, após o que o pensamento se torna verbal e a fala se torna intelectual. (Vygotsky, 2001, p.133).

Vygotsky também em seus estudos realizou o isolamento de quatro estágios de internalização, sendo eles descritos pelo tradutor de sua obra diretamente do russo para o português;

Podemos resumir a novidade da nossa pesquisa aos seguintes pontos: 1) estabelecimento experimental do fato de que os significados das palavras se desenvolvem na idade infantil, e definição dos estágios básicos de desenvolvimento desses significados; 2) descoberta da via original de desenvolvimento dos conceitos científicos na criança em comparação com os seus conceitos espontâneos e elucidação das leis básicas desse desenvolvimento; 3) descoberta da natureza psicológica da escrita como função autônoma da linguagem e da sua relação com o pensamento; 4) descoberta experimental da natureza psicológica da linguagem interior e da sua relação com o pensamento. (Bezerra⁶¹, 2001, p.17 - 18).

Bem como realizou Bakhtin, Vygotsky também nos ofereceu uma revisão da prática dicotômica de Saussure. No modelo vygotskyano de aquisição da língua, a primeira expressão de fala de uma criança é social; as palavras carregam e evocam respostas específicas e precisam ser, necessariamente, reforçadas pelos adultos. Só gradativamente é que a língua assume um papel de segundo sistema de sinais que se torna para a criança uma maneira indireta de promover alterações e afetar o seu meio ambiente. Vygotsky (2001, p.94) explica que “se a criança fala de modo mais egocêntrico ou social é fato que depende não só da idade, mas também das condições que a rodeiam, nas quais ela vive. Aqui são determinantes as condições da vida familiar e as condições da educação”. A fala egocêntrica, diferentemente da interpretação piagetiana, presente na obra citada, que a considerava apenas um reflexo do egocentrismo infantil, é compreendida por Vygotsky como um fenômeno crucial no desenvolvimento cognitivo. Representa um estágio intermediário entre a fala social externa e a fala interior, funcionando como uma ferramenta de organização do pensamento e autorregulação do comportamento.

Quando uma criança fala consigo mesma durante uma atividade, não está simplesmente verbalizando seus pensamentos de forma improdutivo. Esta fala tem uma função psicológica específica: auxilia no planejamento, na resolução de problemas e na regulação do comportamento. À medida que a criança se desenvolve, esta fala gradualmente se interioriza, transformando-se em pensamento verbal.

Quando isso acontece, a fala da criança se diferencia em dois sistemas de pensamento separados, mas devidamente engrenados, sendo que um continua se

⁶¹ BEZERRA, P. Prólogo do tradutor. In: VIGOTSKY, L. **A construção do Pensamento e da Linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ajustando ao mundo externo e vai se desenvolver até emergir como uma fala social adulta enquanto outro sistema começa a ter internalização e se torna, de maneira gradual, uma linguagem pessoal, abreviada e predicativa. Nessa forma de discurso interior, o sentido da palavra, que é um todo dinâmico, complexo e fluido, ganha maior predominância sobre o significado da palavra.

Segundo Vygotsky (2001), o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata. Como se sabe, em contextos diferentes a palavra muda facilmente de sentido. O significado, ao contrário, é um ponto imóvel e imutável que permanece estável em todas as mudanças de sentido da palavra em diferentes contextos. Foi essa mudança de sentido que conseguimos estabelecer como fato fundamental na análise semântica da linguagem.

O sentido real de uma palavra é inconstante. Em uma operação ela aparece com um sentido, em outra, adquire outro. (...). Tomada isoladamente no léxico, a palavra tem apenas um significado. Mas este não é mais que uma potência que se realiza no discurso vivo, no qual o significado é apenas uma pedra no edifício do sentido (Vygotsky, 2001, p.465).

Ao acontecer o princípio da internalização, a fala egocêntrica desaparece. A criança se torna o seu próprio e melhor interlocutor. Para que isso aconteça, é preciso ocorrer, como citamos anteriormente, um ambiente desafiador. O monólogo interior da criança só pode ser internalizado e superado em uma fala social se houver ambiente desafiador composto por vozes externas. É somente dessa maneira que a inteligência vai se manifestar, não sendo concebida como um acúmulo de habilidades já adquiridas e sim uma relação dialógica com seu próprio futuro em direta conexão com o mundo exterior.

É preciso compreender que a linguagem e o comportamento interagem de maneira dinâmica no desenvolvimento infantil. Inicialmente, a linguagem acompanha as ações e, posteriormente, a linguagem assume o trabalho de planejar, algo basilar para os processos mentais. Tal como as crianças têm necessidade de contar com os dedos ou de promover a memorização por meio de processos mnemônicos, elas também desenvolvem a necessidade precípua de vocalizar suas ações e atividades. O estágio final do desenvolvimento da linguagem, o estágio de crescimento interior, é

coincidente com o desenvolvimento maior da memória lógica, da formação de hipóteses e outros processos mentais mais estabilizados e amadurecidos.

Um dos aspectos mais instigantes da teoria de Vygotsky (2001) reside em sua análise da complexa relação entre pensamento e linguagem. Para o psicólogo russo, não existe uma correspondência exata entre estas duas dimensões da cognição humana, pois o processo de transformar um pensamento em palavras envolve uma série de decomposições e reconstruções que nem sempre capturam a totalidade da ideia original. O pensamento, em sua forma pura, representa uma totalidade simultânea, enquanto a linguagem se desenvolve de maneira sucessiva e linear.

Esta desconexão parcial entre pensamento e linguagem se manifesta claramente quando tentamos expressar uma ideia complexa ou uma emoção profunda. Frequentemente, nos encontramos lutando para encontrar as palavras adequadas ou percebemos que nossa explicação verbal não consegue transmitir completamente o que pensamos ou sentimos. Vygotsky (2001, p.17) argumenta que isso ocorre porque o pensamento não se divide naturalmente em unidades separadas como a fala - ele existe como uma totalidade integrada que precisa ser fragmentada e reorganizada para se adequar às estruturas linguísticas, pois “para a psicologia atual, estudar uma questão como pensamento e linguagem significa, ao mesmo tempo, desenvolver uma luta ideológica com as concepções teóricas opostas”.

No entanto, é precisamente esta tensão entre pensamento e linguagem que impulsiona o desenvolvimento cognitivo humano. Ao nos esforçarmos para expressar nossos pensamentos através da linguagem, desenvolvemos novas formas de organizar e compreender nossas próprias ideias. Este processo dialético de transformação mútua entre pensamento e linguagem está no cerne do desenvolvimento das funções psicológicas superiores, demonstrando como a imperfeição desta relação serve como catalisadora para o desenvolvimento intelectual. Vygotsky explica que

A relação entre pensamento e linguagem modifica-se no processo de desenvolvimento tanto no sentido quantitativo quanto qualitativo. Noutros termos, o desenvolvimento da linguagem e do pensamento realiza-se de forma não paralela e desigual. As curvas desse desenvolvimento convergem e divergem constantemente, cruzam-se, nivelam-se em determinados períodos e seguem paralelamente, chegam a confluir em algumas de suas partes para depois tornar a bifurcar-se (Vygotsky, 2001,

p.111)

Para Vygotsky, a palavra é uma combinação poderosa que traz em si parte signo e uma parte instrumento. Ela é um evento humano poderoso e significativo. Os indivíduos constroem sua individualidade por meio das palavras que foram aprendendo e acumulando desde a mais tenra infância, moldando a sua voz e seu discurso interior, ocorrendo por meio de uma apropriação e acumulação de vozes dos outros.

Nesse ponto, podemos promover um cruzamento com Bakhtin (1988, p.142)⁶², mais especificamente em seu trabalho “O discurso no romance”, ensaio dos anos 1930, totalmente contemporâneo à Vygotsky. Neste ensaio de Bakhtin, o pensador russo traz duas maneiras de assimilar as palavras dos outros. Os indivíduos podem assimilar “de cor”: Esta modalidade refere-se à memorização e reprodução exata das palavras de outrem, sem alterações. Também, podem assimilar “com suas próprias palavras”: Nesta abordagem, o indivíduo relata o conteúdo utilizando sua própria linguagem, mas deve manter a originalidade das palavras alheias em certos pontos, resultando em um relato bivocal que mistura as expressões do texto original com a interpretação pessoal do falante.

O ensino de disciplinas verbais conhece duas modalidades básicas escolares da transmissão que assimila o de outrem (do texto, das regras, dos exemplos): “de cor” e “com suas próprias palavras”. Esta última modalidade coloca em pequena escala um problema puramente estilístico para a prosa literária: relatar um texto com nossas próprias palavras é, até um certo ponto, fazer um relato bivocal das palavras de outrem; pois as “nossas palavras” não devem dissolver completamente a originalidade das palavras alheias, o relato com nossas próprias palavras deve trazer um caráter misto, reproduzir nos lugares necessários o estilo e as expressões do texto transmitido. Esta segunda modalidade de transmissão escolar da palavra de outrem “com nossas próprias palavras” inclui toda uma série de variantes da transmissão que assimila a palavra de outrem em relação ao caráter do texto assimilado e dos objetivos pedagógicos de sua compreensão e apreciação (Bakhtin, 1988, p.142)

A primeira modalidade, “de cor”, envolve a memorização e a reprodução exata das palavras de outrem. Essa forma de assimilação é frequentemente utilizada em

⁶² BAKHTIN, Mikhail. O discurso no romance. In: **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1998.

contextos educacionais, onde a precisão e a fidelidade ao texto original são valorizadas. A principal vantagem dessa abordagem é a preservação da originalidade e da intenção do autor original, permitindo que o falante mantenha a integridade do discurso. No entanto, essa modalidade pode limitar a capacidade do indivíduo de se apropriar da linguagem de maneira criativa, tornando-o um mero repetidor de palavras alheias, sem a possibilidade de desenvolver uma voz própria.

Por outro lado, a modalidade "com suas próprias palavras" permite uma maior liberdade criativa. Ao relatar um conteúdo utilizando a própria linguagem, o falante não apenas se apropria das ideias de outrem, mas também as reinterpreta e as insere em um novo contexto. Essa abordagem é vantajosa porque promove a individualidade e a expressão pessoal, permitindo que o falante dialogue com as ideias de outros de maneira mais dinâmica. Contudo, essa liberdade também traz riscos; a originalidade do discurso pode ser diluída, e a essência das palavras de outrem pode ser distorcida ou mal interpretada, levando a uma perda de significado.

Bakhtin (idem) enfatiza que a linguagem não é um meio neutro, mas um espaço repleto de intenções e significados que pertencem a diferentes vozes. A escolha entre as duas modalidades de assimilação reflete não apenas uma estratégia linguística, mas também uma posição ideológica e uma relação com o conhecimento. Enquanto "de cor" pode ser visto como uma forma de respeito à autoridade do discurso original, "com suas próprias palavras" representa uma forma de resistência e reinterpretação.

Ambos os pensadores russos, Vygotsky e Bakhtin, a palavra é concebida como um instrumento, não somente no mundo externo quanto no mundo interno individual. A palavra que emerge dos indivíduos, desde seu desenvolvimento infantil, surge como reinterpretação dos diálogos em que se participou sendo parte preponderante do desenvolvimento das pessoas. Para Vygotsky, o fato de uma criança se dar conta de sua separação da sociedade não configura uma crise, pois seu ambiente está fornecendo-lhe tanto a forma quanto o conteúdo de sua personalidade em formação. A criança, enquanto indivíduo em formação, somente será paulatinamente aliviada de sua imagem alienante quando perceber a si mesma enquanto um Sujeito, o que acontecerá por meio da linguagem e sua interação com o mundo. Contudo, essa linguagem inevitavelmente tem sua origem no outro, em uma relação de alteridade. Dessa maneira, a fala tem sua base na ideia de falta e o diálogo tem sua base na ideia de diferença.

Quanto mais amplo e mais profundo é o divórcio entre a consciência oficial e a não-oficial tanto mais dificuldade têm os motivos do discurso interior para passar ao discurso exterior (falado, escrito, impresso; no círculo social estreito e no amplo) e aí ganhar forma, clareza e força (Bakhtin, 2007, p.90).

As perspectivas teóricas de Mikhail Bakhtin e Lev Vygotsky, embora desenvolvidas em contextos e com objetivos distintos, apresentam notáveis convergências em sua compreensão da língua e da linguagem como fenômenos fundamentalmente sociais e constitutivos da consciência humana. Para Bakhtin⁶³, "a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua" (Bakhtin, 2003, p. 282). Esta visão dialógica encontra eco na perspectiva vygotskiana, que entende a linguagem como um instrumento mediador essencial no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, como as que desejamos demonstrar nesse capítulo.

A internalização da língua, conceito central na teoria de Vygotsky, ocorre através de um processo que é simultaneamente individual e social. Como ele próprio afirma, "a tomada de consciência não surge como um degrau superior e necessário no desenvolvimento a partir de conceitos não-conscientizados, mas é trazida de fora. Um modo de agir simplesmente desloca outro. " (VIGOTSKY, 2001, p. 282). Esta compreensão dialoga diretamente com a concepção bakhtiniana de que todo enunciado é essencialmente dialógico, pois "cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados" (Bakhtin, 2003, p. 272). Assim, o processo de internalização não é uma simples cópia do exterior para o interior, mas uma reconstrução interna de uma operação externa, mediada pelos signos linguísticos e pelo contexto social.

A síntese destas perspectivas nos permite compreender que a consciência individual se constitui na e pela linguagem, através de um processo dialético que envolve tanto a internalização das vozes sociais quanto sua reelaboração singular pelo sujeito. Como argumenta Bakhtin, "a consciência individual é um fato socioideológico" (Bakhtin, 2006, p. 35), enquanto Vygotsky complementa esta visão ao demonstrar como "o desenvolvimento do pensamento e da linguagem depende dos instrumentos de pensamento e da experiência sociocultural da criança" (Vygotsky, 2001, p. 148-149).

⁶³ BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Esta confluência teórica nos permite concluir que o desenvolvimento linguístico e cognitivo humano é fundamentalmente um processo social, dialógico e histórico. A internalização da língua, longe de ser um processo mecânico ou puramente individual, representa a apropriação ativa e criativa dos recursos semióticos disponíveis na cultura, ocorrendo por meio de interações significativas com outros sujeitos. Tanto Bakhtin quanto Vygotsky nos ajudam a compreender que a constituição do sujeito através da linguagem é um processo que nunca se completa, permanecendo sempre aberto a novas interações, significações e transformações.

Para aprofundar esta finalização de capítulo, não podemos deixar de recordar a questão de grande tempo pensada por Bakhtin e que encontra eco no pensamento Vygotskyano. O conceito de “grande tempo”, explorado por Bakhtin em obras como “Estética da Criação Verbal” e em suas análises sobre o discurso polifônico em Dostoiévski, sugere que cada enunciado, cada voz, não existe isoladamente. Em vez disso, toda expressão está imersa em um diálogo contínuo, conectada a vozes do passado, do presente e até mesmo do futuro. Para Bakhtin, o tempo histórico da linguagem é dinâmico, sempre aberto e em construção, caracterizado por uma interação incessante entre diferentes momentos e perspectivas.

Essa ideia do “grande tempo” permeia as reflexões aqui propostas. Bakhtin entende que cada palavra pronunciada carrega consigo um contexto cultural e histórico muito mais amplo do que o instante de sua emissão. O significado de um enunciado só se completa plenamente em um horizonte temporal expandido, onde ele ressoa com ecos de falas anteriores e se mantém receptivo a novas interpretações. Nesse fluxo temporal, que vai além da experiência individual, o sujeito se forma por meio da linguagem, entrelaçado às memórias do passado, às exigências do presente e às possibilidades de diálogo com o futuro. Assim, a palavra se transforma em um espaço vivo, onde se cruzam memória, conflitos e criação, refletindo a interação constante entre indivíduo, cultura e história.

Essa visão encontra eco nas ideias de Vygotsky, que também via a linguagem como um instrumento essencialmente histórico e cultural, capaz de moldar e transformar o pensamento. Para Vygotsky, a consciência humana emerge da internalização de signos compartilhados socialmente, situando o desenvolvimento psicológico no âmbito da cultura e da história. Tanto ele quanto Bakhtin rejeitam interpretações que separam a subjetividade de seu contexto social, enfatizando a

conexão inseparável entre linguagem, experiência e a presença do outro.

Ao final, fica claro que, para ambos os pensadores, a linguagem não é apenas um reflexo do mundo, mas um elemento ativo na construção da consciência, da identidade e da própria historicidade. Nesse sentido, a palavra se revela como um terreno onde o passado ecoa, o presente se concretiza e o futuro começa a se desenhar, sendo ao mesmo tempo um espaço de memória, de embates e de invenção.

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Mesmo os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, jamais podem ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre hão de mudar (renovando-se) no processo do futuro desenvolvimento do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em um novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo (Bakhtin⁶⁴, 2017, p.79).

Encontramos no significado da palavra essa unidade que reflete da forma mais simples a unidade do pensamento e da linguagem. O significado da palavra, como tentamos elucidar anteriormente, é uma unidade indecomponível de ambos os processos e não podemos dizer que ele seja um fenômeno da linguagem ou um fenômeno do pensamento. A palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio. Logo, o significado é um traço constitutivo indispensável da palavra. É a própria palavra vista no seu aspecto interior. (...) O significado da palavra só é um fenômeno de pensamento na medida em que o pensamento está relacionado à palavra e nela materializado, e vice-versa: é um fenômeno de discurso apenas na medida em que o discurso está vinculado ao pensamento e focalizado por sua luz. É um fenômeno do pensamento discursivo ou da palavra consciente, é a unidade da palavra com o pensamento (Vygotsky, 2001, p.398).

Quadro 2. Análise Comparativa das Concepções de Linguagem e Internalização: Perspectivas de Bakhtin e Vygotsky

Dimensões Analíticas	Círculo de Bakhtin	Vygotsky
Fundamentos da Linguagem	A linguagem constitui fenômeno essencialmente dialógico, emergindo das relações sociais concretas e carregando múltiplas vozes e posicionamentos ideológicos. Cada enunciado representa um elo na cadeia infinita da comunicação discursiva (Bakhtin, 2003).	A linguagem nasce da necessidade comunicativa nas atividades coletivas, funcionando como sistema de signos culturalmente construído que medeia a relação entre indivíduo e mundo social através de processos de mediação simbólica (Vygotsky, 2001).
Natureza da Consciência	A consciência humana é intrinsecamente semiótica,	A consciência emerge como resultado da internalização de formas sociais de

⁶⁴ BAKHTIN, M. (2017b). Por uma metodologia das ciências humanas. In **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas** (pp. 57-79). São Paulo: Editora 34.

Dimensões Analíticas	Círculo de Bakhtin	Vygotsky
	constituindo-se através da apropriação ativa dos signos sociais. Todo ato de consciência representa um "fato ideológico" permeado por valorações e posicionamentos sociais (BAKHTIN, 2006).	atividade mediadas por signos. A linguagem transforma-se de meio de comunicação social em instrumento de organização psicológica interna (Vygotsky, 2007).
Dinâmicas de Internalização	O processo constitui apropriação responsiva da palavra alheia, na qual o sujeito reelabora ativamente os discursos externos através de sua própria perspectiva valorativa. Cada ato de compreensão implica contrapalavra e posicionamento ético-estético.	A internalização representa transformação qualitativa de processos interpsicológicos em intrapsicológicos. A fala egocêntrica constitui momento de transição crucial da função comunicativa para a função reguladora do pensamento (VYGOTSKY, 2001).
Constituição Subjetiva	O sujeito constitui-se como ser responsivo na fronteira dialógica com a alteridade. A identidade subjetiva emerge das relações dialógicas contínuas: o "eu-para-mim" só existe em tensão com o "eu-para-o-outro" (Bakhtin, 2003).	A individualidade psicológica forma-se através da apropriação de instrumentos culturais fornecidos pela sociedade. O desenvolvimento das funções superiores segue trajetória do social para o individual, transformando capacidades intermentais em intramentais (Vygotsky, 2007).
Características do Discurso Interior	Caracteriza-se pela condensação semântica e pela presença de múltiplas vozes sociais em tensão. Constitui espaço de luta ideológica onde diferentes acentos valorativos competem pela hegemonia na organização da consciência individual.	Apresenta estrutura predicativa e elíptica, derivada da transformação da fala egocêntrica. Funciona como instrumento de autorregulação cognitiva, permitindo o planejamento e controle consciente da atividade mental (Vygotsky, 2001).
Temporalidade Cultural	A linguagem participa do "grande tempo" da cultura, estabelecendo diálogos com tradições passadas e antecipando desenvolvimentos futuros. Cada enunciado carrega memória discursiva e projeta horizontes de sentido (Bakhtin, 2003).	Enfatiza a natureza histórica do desenvolvimento psicológico, rejeitando concepções naturalistas que ignoram a dimensão cultural da formação humana. As funções superiores emergem historicamente através da mediação simbólica (Vygotsky, 2007).
Relação Indivíduo-Sociedade	O individual e o social constituem unidade dialógica indissociável. O sujeito existe na fronteira com o outro, sendo simultaneamente produto e produtor das relações sociais através da responsividade ética e estética.	A sociedade fornece os instrumentos semióticos que constituem a consciência individual. O desenvolvimento segue a lei genética geral: toda função psicológica superior aparece primeiro no plano social, depois no individual (Vygotsky, 2007).
Superação de Dicotomias	Supera oposições clássicas entre individual/social e objetivo/subjetivo através de uma síntese dialógica que reconhece a interdependência constitutiva desses polos aparentemente contraditórios.	Critica dualismos reducionistas (naturalismo/idealismo) propondo uma psicologia histórico-cultural que integra dimensões biológicas e culturais do desenvolvimento humano em unidade dialética.

Fonte: Elaboração própria com base em Bakhtin (2006; 2011), Bakhtin/Volochinov (2007) e Vygotsky (2001; 2007).

5. CAPÍTULO 5 – DO DIÁLOGO AO PENSAMENTO: A LINGUAGEM COMO TERRITÓRIO DE FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

No capítulo anterior buscamos demonstrar como que Vygotsky e Bakhtin expuseram suas visões acerca da internalização da língua. Neste capítulo proporemos uma reflexão sobre os significados e a relação de convergência e divergência entre os autores russos em relação à linguagem em sentido lato, dialogando sobre como a relação entre o pensamento e a linguagem se dão na estruturação sociocultural dos sujeitos. Isso porque, procuraremos demonstrar que há uma convergência no pensamento de ambos em relação ao discurso interior enquanto um produto de processos de socialização.

Vejamos como podemos começar esse desenvolvimento com um pensamento de Bakhtin

"No início do trabalho heurístico, não é tanto a inteligência que procura, construindo fórmulas e definições, mas os olhos e as mãos, esforçando-se por captar a natureza real do objeto; acontece que, em nosso caso, os olhos e as mãos se encontram numa posição difícil: os olhos nada vêem, as mãos nada podem tocar, é o ouvido que, aparentemente mais bem situado, tem a pretensão de escutar a palavra, de ouvir a linguagem" (Bakhtin, 2006, p.68).

Nesta passagem, Bakhtin discute a natureza do trabalho heurístico na linguística, enfatizando a dificuldade de captar a essência da linguagem e a importância de uma abordagem sensorial para a compreensão do objeto de estudo. Dessa maneira, para iniciarmos uma proposição dialógica no estudo entre a linguagem e o pensamento a partir do entendimento da linguagem verbal, é preciso realizar reflexão acerca do conceito de signo, mais precisamente do signo ideológico, ainda que para esse trabalho necessitemos realizar recorte detalhado e específico. Para isso, neste capítulo que é parte de um todo de entendimento entre as convergências e divergências entre Bakhtin e Vygotsky, restringimos nossas considerações a algumas reflexões sobre o conceito de signo provenientes dos estudos do Círculo de Bakhtin e Vygotsky.

Nosso objetivo precípuo é destacar que dentro do pensamento dos estudiosos do Círculo de Bakhtin, a questão do signo sempre está relacionada à de ideologia. Em livros da obra do Círculo, a saber "Marxismo e Filosofia da Linguagem", "O Freudismo"

e “O método formal nos estudos literários”, publicados pelo nome de Volóchinov e Medvièdev, a questão do signo está associada à ideia de ideologia. Nesses trabalhos, estão caracterizadas uma relação recíproca bem próxima de interdependência entre a teoria dos signos e a teoria da ideologia. Assim, para o Círculo de Bakhtin, ideologia define-se por

Por ideologia entendemos todo o conjunto de reflexos e interpretações da realidade social e natural que se sucedem no cérebro do homem, fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas e outras formas signíficas” (Volochninov⁶⁵, 2013 [1930], p. 138, grifo do autor).

Podemos considerar também que o pensamento do Círculo de Bakhtin, em suas considerações, o signo ideológico carrega sempre uma acentuação valorativa, axiológica, fazendo com que ele não seja somente uma expressão de uma ideia em um senso cognitivo, de um conceito ou de um significado. Para Bakhtin e o Círculo, um signo é um objeto material, um fenômeno da realidade objetiva, um produto que adquiriu uma função ideológica. Enquanto especialistas que somos no Círculo de Bakhtin, precisamos lembrar para o mestre russo a reflexão sobre a natureza do signo ultrapassa a mera compreensão de sua materialidade ou sua destinação comunicativa. Ao introduzir a noção de “ponto de vista”, Bakhtin (2006) revela a complexidade semiótica: um signo não é apenas um objeto ou uma ponte entre sujeitos, mas uma construção profundamente enraizada em valorações sociais específicas. Para Bakhtin, “entretanto, nem todos os julgamentos de valor são como esses. Em qualquer enunciação, por maior que seja amplitude do seu espectro semântico e da audiência social de que goza, uma enorme importância pertence à apreciação” (Bakhtin, 2006, p.138).

Cada signo emerge como uma perspectiva singular, inscrita em um contexto social particular, carregando em si uma teia de significações que transcendem sua aparência imediata. Ele não representa passivamente a realidade, mas a interpreta ativamente, mobilizando um sistema de valores, posicionamentos e intencionalidades que o configuram como um elemento dinâmico e dialógico.

Nessa concepção, o signo se apresenta como um território de disputas simbólicas, onde diferentes visões de mundo se encontram, se confrontam e se

⁶⁵ VOLOCHÍNOV, V. N. Que é linguagem? In: VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1930].

ressignificam continuamente, evidenciando seu caráter fundamentalmente ideológico e dialético. Bakhtin (idem) nos convida a uma reflexão provocativa sobre a gênese dos signos ideológicos, desafiando nossa percepção ingênua da realidade material.

Inicialmente, objetos, instrumentos e produtos existem em seu estado funcional bruto - uma foice é apenas uma ferramenta agrícola, o pão um alimento, o vinho uma bebida. Porém, esses elementos podem transcender sua materialidade original, adquirindo densidades simbólicas específicas quando inseridos em contextos históricos e culturais determinados.

O exemplo paradigmático da foice e do martelo ilustra essa metamorfose semiótica: de instrumentos de trabalho, transformam-se em ícones de uma ideologia revolucionária, condensando em si um universo de significações políticas. De modo similar, elementos como o pão e o vinho extrapolam sua condição nutricional no universo cristão, convertendo-se em signos de comunhão espiritual. Conforme Bakhtin

O mesmo se dá com um instrumento de produção. Em si mesmo, um instrumento não possui um sentido preciso, mas apenas uma função: desempenhar este ou aquele papel na produção. E ele desempenha essa função sem refletir ou representar alguma outra coisa. Todavia, um instrumento pode ser convertido em signo ideológico: é o caso, por exemplo, da foice e do martelo como emblema da União Soviética. A foice e o martelo possuem, aqui, um sentido puramente ideológico. Todo instrumento de produção pode, da mesma forma, se revestir de um sentido ideológico: os instrumentos utilizados pelo homem pré-histórico eram cobertos de representações simbólicas e de ornamentos, isto é, de signos. Nem por isso o instrumento, assim tratado, torna-se ele próprio um signo (Bakhtin, 2006, p.29-30).

Essa transformação sígnica, contudo, não anula a função original do objeto, mas sobrepõe a ela uma camada de significação ideológica. E é justamente nesse processo que a palavra se distingue radicalmente: diferentemente dos objetos, ela já nasce essencialmente como fenômeno ideológico, portadora intrínseca de sentidos, valores e disputas simbólicas. No Círculo de Bakhtin, o signo linguístico transcende sua materialidade acústica, configurando-se como um território de significações ideológicas intensamente dinâmicas. Sua existência não se reduz à mera representação fotográfica da realidade, mas se constitui como um campo de forças onde diferentes perspectivas sociais se entrecruzam e se confrontam.

A palavra, nessa perspectiva, não é um elemento neutro ou passivo. Ela emerge como um acontecimento vivo, pronunciada por um sujeito histórico concreto,

carregando em si uma multiplicidade de sentidos que extrapolam sua dimensão puramente referencial. Sua potência reside justamente na capacidade de condensar experiências coletivas, tensões de classe e visões de mundo. Conforme Bakhtin,

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social (Bakhtin, 2006, p.34, grifos do autor).

Fora do contexto enunciativo, a palavra se petrifica nos dicionários - um repositório estéril de significados cristalizados. Sua verdadeira existência só se realiza no momento de sua enunciação, quando se torna parte de um fluxo dialógico complexo, revelando as múltiplas camadas ideológicas que a constituem como signo.

Considerando que precisamos avançar para a busca de um entendimento da implicação da linguagem na constituição da consciência e do pensamento, para elucidar o conceito de consciência, Bakhtin (2006) propõe que fechemos os olhos e comecemos a refletir sobre essa questão. Segundo o autor russo, a primeira coisa que notaremos será um fluxo constante de palavras, às vezes conectadas por frases distintas, mas na maioria das vezes, formando uma mistura de pensamentos, imagens e sons evocadas por objetos ou fenômenos da vida cotidiana.

De outro modo, seríamos obrigados ou a ignorar as contradições, a fechar os olhos, ou a transformá-las em antinomias sem saída, em impasses trágicos¹⁸. Em suma, em toda enunciação, por mais insignificante que seja, renova-se sem cessar essa síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre a vida interior e a vida exterior. Em todo ato de fala, a atividade mental subjetiva se dissolve no fato objetivo da enunciação realizada, enquanto que a palavra enunciada se subjetiva no ato de decodificação que deve, cedo ou tarde, provocar uma codificação em forma de réplica. Sabemos que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais (Bakhtin, 2006, p. 66).

Se realizarmos um esforço para abstrair as palavras, podem restar fragmentos de imagens e sons. Tentando abstrair também esses fragmentos, Bakhtin sugere que possamos ouvir as batidas do coração ou o murmúrio do sangue em nossos ouvidos ou ainda, o trabalho dos músculos. Com um esforço excepcional de abstração de todo esse entendimento, nada restará de nossa consciência. Sobre essa explanação, O Círculo de Bakhtin explica que

A completa falta de ser, similar ao estado de inconsciência, ou ao sono sem sonhos. Para voltar ao estado normal “consciente” deveremos romper esse

muro do não-ser, regressar à confusão viva das palavras e das imagens com que tomam corpo nossos pensamentos, desejos e sentimentos; deveremos pronunciar palavras para nós mesmos, ainda que seja somente uma pequena palavra, “eu”. (Volóchinov, 2013, p.146).

O fluxo de palavras que conseguiríamos perceber e observar com o fechar dos olhos é denominado pelos autores russos de “linguagem interior”. Essa linguagem é a que formata os nossos atos de consciência. Seja uma necessidade fisiológica, sensação ou emoção, estas tomam forma quando incorporadas ao definido como “linguagem interior”. O Círculo de Bakhtin explicita melhor essas ideias na obra quando afirmam que “Sem a linguagem, sem uma enunciação bem definida, verbal ou gestual, não existe expressão; assim como não existe expressão sem uma real situação social com participantes reais” (Volóchinov, 2013, p. 149).

No intrincado diálogo entre consciência, linguagem e pensamento, Bakhtin e Vygotsky tecem uma complexa compreensão sobre a gênese dos processos psíquicos. A linguagem não se configura como um mero instrumento comunicativo, mas como um território existencial onde o pensamento se constitui e se transforma. Vygotsky revela a complexidade desse processo ao identificar, no desenvolvimento infantil, momentos de autonomia entre pensamento e fala. Inicialmente, esses dois universos se desenvolvem em paralelo - há um período pré-linguístico do pensamento e um estágio pré-intelectual da fala. A convergência entre esses campos não é imediata, mas resulta de uma progressiva e intrincada evolução.

A interiorização do diálogo exterior emerge como um mecanismo fundamental nessa transformação, onde a linguagem não apenas comunica, mas literalmente escava e modela os contornos do pensamento. Nesse processo, a palavra se constitui como mais do que um veículo de expressão: ela é o próprio território de construção da consciência, um espaço dinâmico onde significados são permanentemente negociados e ressignificados. Contudo, Vygotsky nos adverte que

[...] seria errado considerar o pensamento e a fala como dois processos independentes, paralelos, que se cruzam em determinados momentos e influenciam mecanicamente um ao outro. A ausência de um elo primário não significa que uma conexão entre eles só possa estabelecer-se de uma forma mecânica. [...] Encontramos essa unidade do pensamento verbal no significado das palavras [...]. (VYGOTSKI⁶⁶ et. al, 2005, p. 150).

Dentro da concepção de Vygotsky, o “significado das palavras é um fenômeno

⁶⁶ VIGOTSKY, L. S; LEONTIEV, A.; LURIA, A. R. ET AL. **Psicologia e Pedagogia**: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. Trad. Rubens Eduardo frias. São Paulo: Centauro, 2005 b.

do pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele” (Vygotsky, 2005, p.151). Ainda, outra consideração relevante realizada por Vygotsky reside no fato de que os significados das palavras se desenvolvem, evoluem. Isso ocorre porque são processos dinâmicos.

A linguagem se revela como um território dinâmico onde pensamento e significado se entrelaçam em uma dança constante de transformação. Vygotsky e Bakhtin desvelam que as palavras não são meros recipientes passivos de ideias, mas verdadeiros espaços de construção e reconstrução da consciência.

O significado não é estático, mas um processo em permanente evolução. As palavras não apenas expressam o pensamento, mas o constituem - é por meio delas que o pensamento ganha existência, materialidade e potência comunicativa. Essa compreensão rompe com visões mecanicistas da linguagem, revelando-a como um campo de forças onde subjetividades se entrecruzam.

O diálogo entre as perspectivas de Vygotsky e o Círculo de Bakhtin amplia nossa compreensão sobre os mecanismos de formação da consciência. Ao articularem as dimensões internas e externas da linguagem, esses pensadores nos convidam a compreender a linguagem não como um instrumento, mas como um território existencial onde sujeitos e sociedades se constituem mutuamente.

Dentro do escopo de pesquisa desta tese, aproximando os pontos convergentes entre os dois pensadores russos, compreendemos com Wertsch⁶⁷ (2008) explicita novamente que Vygotsky não tem uma referência comprovada de conhecimento de Bakhtin, conforme já explicamos anteriormente, contudo é grande a probabilidade, segundo o autor, que ambos tenham tido contatos pessoais ou que os estudos e ideias de um tenham sido conhecidas e influenciado as do outro. Wertsch explica que as noções de contexto e sentido aproximam os dois pensadores russos.

De acordo com o pesquisador acima citado, na maior parte dos pontos a respeito do predomínio do sentido em relação ao significado na linguagem interior, Vygotsky busca tratar do contexto linguístico mais imediato da palavra. Wertsch explica que apesar de não ter se aprimorado na análise, Vygotsky sugere que a ideia de contexto poderia ser amplificada, sugerindo assim que o grande conjunto textual

⁶⁷ WERTSCH, James. La mediación semiótica de la vida mental: L. S. Vigotsky y M. M. Bajtín. In: SCHNEUWLY, Bernard; BRONCKART, Jean-Paul. (Coordinadores). **Vigotsky hoy**. Trad. Miguel Sautié. Madrid. Editorial, S.A., 2008

constituidora da estrutura de uma cultura poderia constituir o contexto geral de um enunciado, contribuindo para a determinação de seu sentido. Conforme Wertsch

Lo que sugiere que el gran conjunto de textos que constituye la estructura simbólica de una cultura puede constituir el contexto más general de un enunciado y contribuir así a determinar el sentido de éste. Aunque los comentarios de Vigotsky parecen reflejar una comprensión implícita de este punto, no abordó nunca esta cuestión en profundidad⁶⁸ (Wertsch, 2008, p.128-129).

Na complexa interlocução entre psicologia e linguística, Bakhtin e Vygotsky desenvolveram perspectivas complementares e instigantes sobre a construção de sentido. Enquanto Vygotsky concentrou-se mais profundamente nos mecanismos psicológicos internos, Bakhtin mergulhou nas dimensões socioculturais e interacionais da linguagem, especialmente no contexto do romance.

Wertsch (2008) destaca essa complementaridade: Vygotsky explorou minuciosamente os processos psicológicos, mas dedicou menor atenção às inter-relações textuais no âmbito sociocultural. Em contrapartida, Bakhtin expandiu amplamente a compreensão das interações textuais, sem, contudo, pormenorizar os mecanismos psicológicos precisos.

No que concerne ao conceito de sentido, suas teorias convergem para uma distinção fundamental: Vygotsky diferencia "significado" e "sentido", enquanto Bakhtin diferencia o "significado neutro" - objeto de estudo da linguística tradicional - e o "significado real", domínio da metalinguística, que investiga a linguagem em sua totalidade viva e contextualizada. Ao fim do seu estudo, Wertsch afirma que a análise bakhtiniana permite acessar melhor as propriedades semânticas da linguagem interior.

Así el análisis de Bajtín nos permite precisar mejor las propiedades «Semánticas» del lenguaje en particular la manera en que el sentido predomina sobre el significado. Sus ideas sobre la heteroglosia y los lenguajes sociales permiten ampliar el concepto vigotskiano de sentido acogiendo dentro de éste el contexto de las perspectivas ideológicas⁶⁹. (WERTSCH, 2008, p.133).

⁶⁸ Tradução do autor: "Isto sugere que a grande combinação de textos que constituem a estrutura simbólica de uma cultura pode constituir o contexto mais geral de um enunciado e, assim, contribuir para determinar o sentimento dele. Embora os comentários de Vygotsky pareçam refletir uma compreensão implícita deste ponto, ele nunca abordou esta questão em profundidade".

⁶⁹ Tradução do autor: "Assim, a análise de Bakhtin permite-nos especificar melhor as propriedades "semânticas" da linguagem, em particular a forma como o sentimento predomina sobre o significado. Suas ideias sobre a heteroglosia e as linguagens sociais nos permitem ampliar o conceito vygotkiano de sentimento levando em conta esse contexto de perspectivas ideológicas".

Na obra “Marxismo e filosofia da linguagem”, Bakhtin e Volóchinov (2006) dialogam sobre a questão de que sendo o signo e a enunciação naturalmente sociais, em que medida a linguagem pode determinar a consciência, influenciando a atividade mental? Em que medida a ideologia pode determinar a linguagem? Ao desenvolverem essas questões, o Círculo de Bakhtin explica concluindo que “a consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo da interação verbal” (Bakhtin, 2006, p.32).

Nesse entendimento do Círculo, a consciência individual é demonstrada como um fato social e ideológico que toma forma e existência a partir dos signos criados ou desenvolvidos por um grupo em atuação em suas relações sociais. Os signos são o alimento básico da consciência individual, sendo o cerne e a matéria de seu desenvolvimento. Dessa maneira, a lógica da consciência é a base principal da comunicação ideológica e da interação de um grupo social por meio de sua compreensão semiótica.

Para o desenvolvimento da segunda questão, mais especificamente em que medida a ideologia pode determinar a linguagem? Bakhtin nos induz à reflexão sobre o conceito de língua. O autor nos explica que a língua é um fato social cuja existência está profundamente embasada nas necessidades básicas da comunicação humana. Assim, a abordagem da língua ocorre por meio da fala, da enunciação. A fala é indissociavelmente relacionada às condições comunicativas que, intrinsecamente, está intimamente relacionada com as estruturas sociais.

Aprofundando a questão das estruturas sociais, Costa (2000) explica em seu estudo sobre “Marxismo e filosofia da linguagem” que a teoria marxista se apresenta como uma abordagem totalizante, buscando compreender de forma integrada e dinâmica todas as dimensões das relações humanas. Em contraposição radical ao pensamento metafísico, que fragmenta a realidade em categorias estanques e isoladas, o marxismo concebe o mundo como uma totalidade concreta e interconectada. Enquanto a perspectiva metafísica tradicionalmente compartimentaliza o conhecimento - dividindo campos como Direito, Política, Moral, Economia e Linguagem em domínios separados e autônomos - a teoria materialista propõe uma visão sistêmica, onde a estrutura econômica configura e determina o complexo social em sua totalidade.

No âmbito específico da linguagem, Marx e Engels (1982) formulam uma tese fundamental: ela não é um fenômeno secundário ou acidental, mas essencialmente um produto social, intrinsecamente conectado às condições materiais de existência. A linguagem, portanto, não pode ser compreendida como um sistema abstrato, mas como uma prática social viva, atravessada por relações de poder, contradições históricas e transformações econômicas.

Desse mergulho de aprofundar nas teorias da língua na obra de Bakhtin, segundo os estudos que empreendemos nesta tese, o autor russo afirma que “a palavra é a arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema” (Bakhtin, 2006, p. 15). Nesse entendimento, a variação é algo basilar da língua porque esta é o reflexo das mudanças e variações sociais. E, considerando a “ideologia um reflexo das estruturas sociais” (idem, p.15), toda mudança promovida pela ideologia necessariamente desencadeia uma mudança na língua.

Na perspectiva bakhtiniana, a linguagem transcende a dimensão abstrata e sistemática, configurando-se como um fenômeno socioideológico profundamente enraizado na palavra viva. Bakhtin amplia o conceito de ideologia para além das manifestações culturais, compreendendo-o como um espaço de confronto de valores e interesses sociais.

Para o pensador russo, todo signo linguístico é inerentemente ideológico, submetido a critérios de valoração que emergem dos conflitos sociais. A consciência individual não é um elemento autônomo, mas um produto socioideológico que se constitui através dos signos gerados nas interações sociais.

Bakhtin e o Círculo desafiam as concepções idealistas e psicologistas ao argumentar que os signos são o elemento constitutivo da consciência, alimentando seu desenvolvimento e refletindo a lógica da comunicação ideológica. Nesse sentido, a consciência individual espelha a dinâmica de interação semiótica de seu grupo social, evidenciando o caráter fundamentalmente dialógico e contextual da linguagem. Por isso, Bakhtin afirma que “Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social” (Bakhtin, 2006, p. 34).

Com o que apresentamos até o momento, cabe explicar com mais

especificidade como se dão as implicações metodológicas para o entendimento da língua tanto em Bakhtin quanto em Vygotsky, considerando seus princípios básicos. Quando se parte para o encontro de subsídios teóricos para o desenvolvimento da fala, leitura ou escrita, devemos ter uma concepção de língua que seja de entendimento claro. Com o Círculo de Bakhtin compreendemos que a interação verbal é a verdadeira realidade fundamental da língua.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (Bakhtin, 2006, p.125).

Quando trabalhamos a questão educacional e de ensino essa concepção, percebe-se a forte implicação metodológica. A interação verbal, seja na modalidade falada ou na escrita, passa a ter ênfase e destaque. Essa ideia pode ter seu complemento nas situações de aprendizagem com o que Bakhtin explanou quando afirma que

Na verdade, a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar (Bakhtin, 2006, p.115).

Concomitante a esta questão, a palavra transcende sua neutralidade lexical, configurando-se como um espaço dialógico de interação e significação. Sua existência pressupõe permanente diálogo: ser ouvida, respondida e apreciada. A palavra habita três dimensões simultâneas: sua neutralidade lingüística, os ecos de enunciados alheios e a singularidade do sujeito que a enuncia. Na comunicação viva, os significados extrapolam definições dicionarizadas, assumindo contornos individuais e contextuais.

O caráter dialógico decorre da própria natureza lingüística, onde cada enunciação carrega vestígios de vozes anteriores e potencialidades de respostas futuras. A palavra não é um elemento estático, mas um território de negociação de sentidos, atravessado por múltiplas vozes sociais e perspectivas individuais. Nessa concepção, compreender implica reconhecer a palavra como um evento complexo, prenhe de história, subjetividade e potencial comunicativo. Entretanto, precisamos de

compreensão com as ideias de Clark e Holquist⁷⁰ quanto estes afirmam que

O ponto de vista bakhtiniano é que eu posso significar o que eu digo, mas só indiretamente, num segundo passo, em palavras que tomo da comunidade e lhe devolvo conforme os protocolos que ela observa. Minha voz pode significar, mas somente com outros – às vezes em coro, porém o mais das vezes em diálogo. (Clark; Holquist, 1998, p.39).

Faraco⁷¹ (2003) é enfático em afirmar que quando temos dois enunciados colocados em um plano de sentido, sempre ocorrerão relações dialógicas que podem ser convergentes ou divergentes dentro de uma escala axiológica que constitui parte inerente de todo o enunciado. A presença dessas relações dialógicas tem por explicação o fato de que a enunciação é uma tomada de posição social de avaliação, sendo posição tomada frente a outras posições de valor a serem escolhidas. É uma resposta.

A responsividade é o termo utilizado pelo Círculo de Bakhtin para a implicação da compreensão do enunciado. Não é um processo passivo, como se fosse uma simples decodificação. Compreender um enunciado ultrapassa a simples decodificação mecânica; representa um processo ativo de construção de sentidos. A interpretação é sempre uma resposta encarnada, uma réplica que se constrói mediante outros signos e contextos. Não basta reconhecer a estrutura linguística, mas desvendar sua significação no momento específico de sua enunciação, especialmente no contexto das práticas escolares de leitura. Presente em Bakhtin (2006, p.94), se compreende que “o essencial na tarefa de descodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular”. Quando pensamos educacionalmente em uma atividade escolar, por exemplo, ideias como a do Círculo de Bakhtin ganham importância extra.

A abordagem pedagógica da linguagem exige uma transformação radical: abandonar a perspectiva fragmentada que isola palavras e orações, para abraçar uma visão dialógica onde cada expressão linguística se constitui pela sua relação intrínseca com um destinatário. Os enunciados ganham sentido pela sua natureza

⁷⁰ CLARK, Katarina; HOLQUIST Michael. **Mikhail Bakhtin**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998.

⁷¹ FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.

interativa, pelo diálogo permanente entre sujeitos. Bakhtin (2003) afirma em “Estética da Criação Verbal” que reconhecer essa dinâmica significa compreender a língua não como sistema abstrato, mas como prática social viva, tecida nas malhas das interações humanas. A ideia de gênero do discurso permeia essas relações dialógicas e enriquece os estudos do Círculo voltados para a práxis educacional. É preciso ter a compreensão voltada para o conceito de língua estar relacionado às práticas sociais e íntima relação de interação entre os sujeitos.

No decorrer das análises e estudos do Círculo de Bakhtin, esclarece-se que um gênero do discurso é um tipo claro e evidenciado de enunciado, que é a unidade básica de se manter viva a língua. Conforme explicou Bakhtin

Achamos que em qualquer corrente especial de estudo faz-se necessária uma noção precisa da natureza do enunciado em geral e das particularidades dos diversos tipos de enunciados (primários e secundários), isto é, dos diversos gêneros do discurso. O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação indiferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida (Bakhtin, 2016, p.16).

A partir desse entendimento, reforçando o intento dialógico desta tese em identificar as convergências e explicar as divergências entre os dois pensadores russos, buscaremos agora expor a visão de Vygotsky acerca da linguagem e seu papel nessa seara de estudos. Na perspectiva do psicólogo russo, o desenvolvimento cognitivo humano não ocorre de forma isolada, mas emerge das interações sociais mediadas pela linguagem. As capacidades mentais superiores - como o pensamento estruturado, a atenção consciente, o raciocínio lógico e a memória - são construídas através das experiências práticas e das relações interpessoais. O teórico enfatiza que o repertório social, transmitido por meio de ferramentas culturais, símbolos e sistemas de signos, não apenas enriquece a vivência individual, mas atua como catalisador fundamental da aprendizagem, tanto em contextos educacionais formais quanto em ambientes não institucionalizados de desenvolvimento.

Na linguagem interior, ao contrário, o predomínio do sentido sobre o significado - que observamos na linguagem falada em casos isolados como uma tendência mais ou menos fracamente expressa - é levado ao seu limite matemático e representado em forma absoluta. Aqui o predomínio do sentido sobre o significado, da frase sobre a palavra, de todo o contexto sobre a frase não é exceção (sic) mas regra constante (Vygotsky, 2001, p.467).

Para que ocorra o aprendizado de uma língua, Vygotsky explica que é preciso que as atividades educacionais sejam pertinentes às condições históricas, sociais e culturais daquele que aprende, demonstrando-se significativas e que as interações entre os sujeitos indiquem significado e sentido para que a aprendizagem se desenvolva. Na concepção de Vygotsky (2007), compreender o desenvolvimento mental infantil requer a análise de duas dimensões desenvolvimentais distintas. O teórico defende que a aprendizagem possui uma natureza intrinsecamente social, onde as crianças gradualmente se integram ao universo intelectual de seu círculo social. Nesse processo, a linguagem emerge inicialmente como uma ponte comunicativa entre a criança e seu entorno social. Um ponto crucial da teoria vygotskyana é a distinção entre os ritmos de desenvolvimento e aprendizagem - enquanto o aprendizado avança em um compasso mais acelerado, o desenvolvimento o segue em uma cadência mais gradual, estabelecendo uma dinâmica não-sincronizada entre esses dois processos fundamentais. Conforme o autor russo, “a linguagem surge inicialmente como um meio de comunicação entre a criança e as pessoas em seu ambiente” (Vygotsky, 2007, p.102).

A transformação das experiências interpessoais em conhecimento internalizado ocorre através de diversos mediadores simbólicos, conforme proposto por Vygotsky. Este processo de mediação se materializa através de múltiplos canais: desde a comunicação verbal e representações gráficas até expressões artísticas como música, teatro e artes visuais. O desenvolvimento psicológico segue um caminho que parte das interações sociais concretas, onde as funções mentais primeiro se manifestam no plano coletivo, para então serem incorporadas ao domínio individual. Na visão vygotskiana, as interações são caracterizadas por uma dinâmica de mútua influência, onde o conhecimento já consolidado pelo indivíduo serve de base para novas apropriações através do contato com o outro. É neste espaço de trocas que o potencial latente do desenvolvimento pode se concretizar em capacidades efetivas.

Crianças, adolescentes ou adultos em situações de aprendizagem e de alteridade interacional recebem dados e informações que objetivamente favorecem apropriação e domínio manipulado de uma atividade, tarefa, conceito ou princípio. O desenvolvimento da capacidade de se solucionar um desafio e avançar em situações, utilizando-se da alteridade para esse fim, é denominada por Vygotsky como zona de

desenvolvimento potencial. Refere-se à habilidade infantil de realizar atividades com o suporte e direcionamento apropriado de indivíduos mais experientes, sejam eles adultos ou crianças em estágios mais avançados de desenvolvimento. Esta assistência guiada permite que a criança execute tarefas que ainda não conseguiria completar de forma independente. Dessa maneira, o trabalho de cooperação incentiva avanços para que os indivíduos ampliem suas experiências de aprendizagem e adquiram novos saberes de modo pertinente. Vygotsky (2007) propõe que o ensino seja o motor contínuo do desenvolvimento de zonas de desenvolvimento potencial. A saber, essa interação com o outro está intimamente relacionada a Bakhtin (2016⁷²), que enfatiza na obra “O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas” que em uma situação de troca e diálogo, um enunciado

“nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado (...) sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular (...) algo dado (a linguagem, o fenômeno observado na realidade, o próprio sujeito falante, o acabado em sua visão de mundo)” (Bakhtin, 2016, p.95).

Aperfeiçoando o intento histórico de nossa tese para uma perspectiva de aproximação com nossa realidade social mais imediata, a escola, como espaço de transformação social e cognitiva, tem uma missão fundamental: catalisar a construção coletiva do conhecimento. Esta construção floresce especialmente nos momentos de desafio, quando os limites individuais encontram sua expansão no trabalho colaborativo. O ambiente escolar torna-se, assim, um laboratório vivo onde as funções psicológicas superiores são estimuladas e desenvolvidas através da interação significativa entre os sujeitos.

Este processo de aprendizagem não se contenta com verdades absolutas ou conhecimentos cristalizados. Ao contrário, nutre-se do questionamento constante, da dúvida produtiva que impulsiona novas descobertas. Na rica tapeçaria da diversidade cultural presente em sala de aula, o encontro entre diferentes saberes - desde os conceitos espontâneos nascidos da experiência cotidiana até os conhecimentos científicos sistematizados - cria um terreno fértil para a expansão do horizonte cognitivo de todos os envolvidos. Neste intercâmbio dinâmico, o saber científico

⁷² BAKHTIN, Mikhail. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas (1959-1961). In: BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 71-107.

enriquece a compreensão do cotidiano, enquanto a experiência vivida dá corpo e significado aos conceitos mais abstratos.

Na prática pedagógica, é fundamental incorporar diferentes elementos culturais como ferramentas de ensino - desde a linguagem verbal até manifestações artísticas como teatro, música e artes visuais. Esses recursos permitem uma dupla função: possibilitam que o estudante estabeleça conexões com suas vivências cotidianas e, ao mesmo tempo, desenvolvam um pensamento mais abstrato e reflexivo sobre essas experiências. Quando essas atividades são realizadas de forma colaborativa, aproveitando os diversos instrumentos mediadores mencionados, ocorre um processo triplo de transformação, conforme proposto por Wells⁷³ (2001, p.297).

A primeira transformação ocorre no plano cognitivo, potencializando o desenvolvimento intelectual e a capacidade de participação efetiva nas atividades propostas. A segunda transformação se manifesta na própria dinâmica da situação, que se modifica conforme as interações e ações dos participantes. Por fim, acontece uma transformação nos próprios instrumentos e práticas pedagógicas, que são adaptados criativamente para atender a novos contextos. Wells (2001, p. 330) observa que, embora Vygotsky tenha enfatizado a importância da instrução na zona de desenvolvimento potencial, ele não se aprofundou nas discussões sobre o papel docente e as práticas de ensino. O autor sugere que, mais relevante do que fragmentar e metodizar o currículo, é proporcionar ao estudante experiências significativas e contextualizadas em situações reais de aprendizagem.

A atuação docente se caracteriza por uma interação dinâmica com os estudantes, na qual o professor assume múltiplos papéis: questiona, compartilha informações, promove revisões e estimula o diálogo entre os alunos. Nesse processo, incentiva a argumentação e a expressão de diferentes perspectivas, sempre considerando o contexto histórico-cultural de cada participante. Essa abordagem pedagógica naturalmente desperta a motivação intrínseca dos alunos, que surge de suas próprias necessidades e interesses, sendo fundamental para estabelecer conexões significativas com seu universo cultural. O conceito de zona de desenvolvimento proximal pode ser aplicado de maneira universal, atravessando diferentes contextos e áreas do conhecimento.

⁷³ WELLS, Gordon. **Indagación dialógica**: hacia una teoría y una práctica socioculturales de la educación. Barcelona: Paidós, 2001.

Vygotsky discute que a aprendizagem ocorre na zona de desenvolvimento imediato, onde a colaboração com um professor ou mediador permite que a criança acesse conhecimentos e habilidades que ainda não consegue dominar sozinha. O psicólogo russo enfatiza que a intervenção pedagógica, por meio da imitação e da orientação do professor, é fundamental para que a criança possa transitar do que já sabe para o que ainda não sabe. Essa zona representa um momento determinante na relação entre aprendizagem e desenvolvimento, indicando que as experiências educacionais devem ser adaptadas para apoiar a criança nesse processo de crescimento.

A imitação, se concebida em sentido amplo, é a forma principal em que se realiza a influência da aprendizagem sobre o desenvolvimento. A aprendizagem da fala, a aprendizagem na escola se organiza amplamente com base na imitação. Porque na escola a criança não aprende o que sabe fazer sozinha mas o que ainda não sabe e lhe vem a ser acessível em colaboração com o professor e sob sua orientação. O fundamental na aprendizagem é justamente o fato de que a criança aprende o novo. Por isso a zona de desenvolvimento imediato, que determina esse campo das transições acessíveis à criança, é a que representa o momento mais determinante na relação da aprendizagem com o desenvolvimento (Vygotsky, 2001, p.331).

É importante ressaltar que o potencial da interação no processo de aprendizagem não se limita a características individuais específicas. Durante o desenvolvimento de atividades ou a construção de conceitos, todos os membros do grupo estão simultaneamente envolvidos no processo de dominar uma prática ou compreender um tema. A interação social, portanto, proporciona experiências autênticas, nas quais os indivíduos vivenciam situações reais dentro de seu contexto cultural específico. Vygotsky argumenta que o desenvolvimento dos conceitos na infância está intimamente ligado à colaboração entre a criança e o adulto, onde a interação social não apenas facilita o aprendizado, mas também transforma o desenvolvimento cognitivo da criança.

O psicólogo russo afirma que a capacidade da criança de internalizar e utilizar conceitos é significativamente ampliada por meio da interação social, evidenciando que o aprendizado ocorre em um contexto social e cultural, e que a colaboração com o adulto é essencial para que a criança alcance um nível mais avançado de compreensão e habilidades. Já Bakhtin discute como a formação de significados verbais resulta da interação entre os indivíduos em um contexto social, enfatizando a

importância das respostas motoras e auditivas no processo de convívio social. A interação entre diferentes organismos e a comunicação são consideradas essenciais para a formação de contatos e significados, destacando o aspecto sociológico desse aprendizado. Sobre isso, Vygotsky e Bakhtin, dessa maneira, explicam que

Em colaboração, a criança se revela mais forte e mais inteligente que trabalhando sozinha, projeta-se ao nível das dificuldades intelectuais que ela resolve, mas sempre existe uma distância rigorosamente determinada por lei, que condiciona a divergência entre a sua inteligência ocupada no trabalho que ela realiza sozinha e a sua inteligência no trabalho em colaboração (Vygotsky, 2001, p.329).

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (Bakhtin, 2006, p.125).

De acordo com as teorias histórico-culturais, a prática docente se fundamenta no entendimento de que o processo de aprendizagem vai além da simples aquisição de conhecimentos. Ele envolve a capacidade de avaliar criticamente esses saberes, utilizando a linguagem como ferramenta fundamental para sua exploração e internalização. Este processo só se completa efetivamente quando o indivíduo desenvolve a capacidade de articular e expressar os significados e sentidos que elaborou. A característica distintiva da aprendizagem humana, em comparação com outros seres vivos, reside justamente na nossa capacidade de construir significados através de um processo semiótico mediado pela linguagem. De fato, podemos traçar um paralelo entre o surgimento da linguagem e o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem humana, pois ambos estão intrinsecamente conectados.

Na perspectiva vygotskyana, a linguagem é compreendida como um instrumento semiótico, estabelecendo um paralelo com o papel mediador que as ferramentas materiais desempenham nas atividades humanas. Vygotsky (2001) argumenta que todos os instrumentos possuem uma natureza dual como artefatos, sendo simultaneamente materiais e ideais, exigindo assim dos seus usuários tanto engajamento físico quanto intelectual.

No contexto do ensino da leitura e escrita, diversos instrumentos de mediação

semiótica podem ser empregados, sendo seu uso limitado apenas pela capacidade dos sujeitos de estabelecer conexões entre signos e atribuir-lhes significados, considerando sua zona de desenvolvimento potencial. O valor de um texto se manifesta quando o significado proposto pelo autor não apenas é reconstruído pelo leitor, mas também serve como catalisador para reflexões sobre a cultura, considerando as particularidades significativas de cada indivíduo.

Todo aquele que aprende possui uma zona de desenvolvimento próximo, um potencial de aprendizagem que pode ser amplificado através da orientação adequada de alguém mais experiente. A utilização da linguagem científica, tanto verbal quanto escrita, em contextos de aprendizagem colaborativa, permite sua posterior aplicação em diferentes situações.

As atividades colaborativas de aprendizagem, envolvendo a interação entre alunos e professores, podem se estruturar através de um dinâmico processo de perguntas, respostas e diversos tipos de orientações. As dúvidas manifestadas pelos estudantes, seja através de questionamentos ou respostas, fornecem indicadores valiosos para que os docentes desenvolvam novas abordagens e direcionamentos. Este processo transcende a unidirecionalidade tradicional, promovendo uma transformação fundamental na forma como novos conceitos e princípios são aprendidos.

Dessa forma, como explicitou Wells (2001, p.313), uma sala de aula se transforma em uma consonância de ideias bakhtinianas e vygotkianas, em nossa concepção para esta tese, pois ela se torna uma “comunidade de indagações” na qual o saber é construído e desenvolvido de forma colaborativa entre os sujeitos participantes.

No processo educativo, diversas estruturas de atividades como debates, exposições e trabalhos coletivos são fundamentais na construção do conhecimento, constituindo-se como fenômenos sociais contextualizados. Este processo social envolve tanto alunos quanto professores, seguindo determinados padrões de interação e comunicação. Na perspectiva interacionista, é essencial que o planejamento pedagógico contemple múltiplas oportunidades de participação entre docentes e estudantes.

À guisa de conclusão deste capítulo, a intersecção entre as teorias de Vygotsky e Bakhtin revela um terreno fértil para compreender como a subjetividade humana se

constitui através das interações verbais e sociais. Ambos os pensadores russos, embora com focos distintos, convergem ao considerar o sujeito como um ser essencialmente dialógico, cuja consciência emerge das relações estabelecidas com outros sujeitos através da linguagem.

Para Vygotsky, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores está intrinsecamente ligado às interações sociais mediadas pela linguagem. O sujeito se constitui através da internalização dos signos culturais, num processo que vai do social para o individual. Esta perspectiva encontra ressonância no pensamento bakhtiniano, que concebe o sujeito como um ser fundamentalmente dialógico, constituído através das múltiplas vozes sociais que o atravessam.

A prática docente, quando iluminada por estas concepções, assume um carácter essencialmente dialógico e interativo. O professor deixa de ser um mero transmissor de conhecimentos para se tornar um mediador que promove encontros significativos entre os alunos e os diferentes discursos que circulam no ambiente educacional. A sala de aula se transforma em um espaço de construção coletiva de sentidos, onde as subjetividades dos alunos se desenvolvem através do diálogo com outras vozes e perspectivas.

Na perspectiva vygotskyana, a aprendizagem é um processo que antecede e impulsiona o desenvolvimento, sempre mediado pela linguagem e pelas interações sociais. Este conceito se enriquece quando articulado com a noção bakhtiniana de que todo enunciado é sempre uma resposta a enunciados anteriores e antecipa possíveis respostas futuras. Assim, a aprendizagem pode ser compreendida como um processo dialógico de construção de sentidos, onde cada novo conhecimento se articula com vozes e saberes prévios.

A língua, neste contexto, não é apenas um sistema abstrato de signos, mas um fenómeno social vivo, que se realiza através das interações verbais concretas. Buscamos apresentar nesse capítulo que tanto Vygotsky quanto Bakhtin enfatizam o carácter social e ideológico da linguagem, compreendendo-a como um instrumento fundamental na constituição da consciência e da subjetividade humana. Este entrelaçamento teórico aponta para uma compreensão mais profunda dos processos de constituição do sujeito no ambiente educacional. A subjetividade se desenvolve através das múltiplas interações verbais e sociais, num processo contínuo de apropriação e ressignificação de vozes sociais. O sujeito, nesta perspectiva, é sempre

um ser em construção, que se constitui na e pela linguagem, através do diálogo com outros sujeitos e com a cultura.

A continuidade desta discussão em próximos capítulos objetiva explorar como as diferentes dimensões da subjetividade - cognitiva, afetiva, social e cultural - se articulam no processo de desenvolvimento humano. Será pertinente investigar como as concepções de sujeito em Vygotsky e Bakhtin podem contribuir para uma prática pedagógica que valorize tanto a dimensão social quanto a singularidade de cada indivíduo.

Este novo horizonte teórico permitirá aprofundar a compreensão sobre como os processos de significação e ressignificação, fundamentais na constituição da subjetividade, se desenvolvem no contexto educacional. Além disso, possibilitará explicitar como as diferentes vozes sociais que circulam no ambiente escolar contribuem para a formação de sujeitos críticos, reflexivos e conscientes de seu papel na construção coletiva do conhecimento.

Basicamente, o desenvolvimento da linguagem interior depende de fatores externos: o desenvolvimento da lógica na criança, (...) é uma função direta de sua linguagem socializada. O desenvolvimento do pensamento da criança depende de seu domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem (Vygotsky, 2001, p.149).

A enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trata-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um "horizonte social". Há sempre um interlocutor, ao menos potencial. O locutor pensa e se exprime para um auditório social bem definido (Bakhtin, 2006, p.17).

A linguagem vai muito além de um simples meio de comunicação: ela é a base da nossa consciência, da nossa identidade e das relações que tecemos com o mundo. Ao mergulhar nas ideias de Bakhtin e Vygotsky, percebemos que o ser humano é, acima de tudo, um ser em diálogo — com os outros, com o mundo ao seu redor e consigo mesmo. Esse diálogo é atravessado por signos carregados de história, cultura e ideologia. Neste capítulo, procurei mostrar como a linguagem interior, o signo ideológico e a mediação simbólica são peças-chave para entender como aprendemos e nos desenvolvemos. Mais do que apenas convergir ou divergir, as vozes desses dois pensadores russos se complementam, enxergando a linguagem como uma força viva, pulsante e transformadora. Compreender essa força é também reconhecer a escola como um espaço de escuta, transformação e criação de sentidos — um lugar

onde o humano se constrói por meio das palavras.

Quadro 3. Comparativo das ideias de Bakhtin e Vygotsky sobre linguagem, consciência e aprendizagem

Aspectos	Bakhtin / Círculo de Bakhtin	Vygotsky
Linguagem e consciência	A linguagem molda a consciência; a palavra, carregada de ideologia, é o cerne da experiência consciente, sempre entrelaçada com signos sociais.	A linguagem é a ponte entre pensamento e mundo; a consciência surge da internalização de signos compartilhados na interação social.
Natureza do signo	O signo é profundamente ideológico, impregnado de valores e enraizado nas tensões e disputas da vida social.	O signo é uma ferramenta simbólica que transforma o pensamento, conectando o indivíduo à cultura e mediando sua relação com o mundo.
Discurso interior	A linguagem interior é um diálogo interno, permeado por vozes sociais que formam a essência da subjetividade.	A linguagem interior nasce da fala egocêntrica e se torna um instrumento essencial para a autorregulação e o pensamento consciente.
Ideologia e linguagem	Toda palavra carrega um contexto ideológico, refletindo conflitos sociais e valores em constante embate.	A linguagem está imersa nas condições históricas e culturais, carregando significados culturais, embora a ideologia seja menos central.
Processo de aprendizagem	A aprendizagem acontece no diálogo vivo entre pessoas, em práticas sociais dinâmicas e responsivas ao contexto.	A aprendizagem começa no social e se internaliza no individual; a linguagem é a chave para o desenvolvimento psicológico.
Zona de desenvolvimento	O desenvolvimento ocorre no diálogo com o outro, onde interações verbais significativas constroem o sujeito.	A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é o espaço entre o que a criança faz sozinha e com apoio; a linguagem guia esse progresso.
Relação sujeito e linguagem	O sujeito é um ser em construção, sempre em diálogo, moldado por interações verbais em contextos ideológicos vivos.	O sujeito é produto de sua história e cultura, formado pela interação simbólica com outros e com o meio.
Aplicações educacionais	A sala de aula é um espaço de diálogo vivo, onde a linguagem, a partir de enunciados reais, fomenta a construção coletiva de sentidos.	O ensino deve estimular o desenvolvimento por meio de atividades colaborativas, significativas e voltadas ao potencial futuro do aluno.
Significado e sentido	Diferencia o “significado neutro” (fixo) do “significado real” (situado e ideológico), destacando o contexto.	Separa “significado” (estável) de “sentido” (fluido), valorizando o contexto e a transformação dos sentidos ao longo do tempo.

Fonte: Elaboração própria, com base nas obras de Bakhtin (2003; 2006), Volóchinov (2013), Vygotsky (2001; 2005; 2007) e Wertsch (2008).

6. CAPÍTULO 6 – SENTIDOS EM CONFLITO, SUBJETIVIDADES EM DIÁLOGO: APROXIMAÇÕES ENTRE BAKHTIN E VYGOTSKY

“A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial... não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais.” Bakhtin, 2006, p. 96

“O sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. [...] O significado é apenas uma das zonas do sentido. O sentido é uma formação dinâmica, fluida e complexa.” Vygotsky, 2001, p. 465

Dando andamento aos esforços de tese, produzimos agora uma busca pelo entendimento acerca da subjetividade percebida nas obras de Bakhtin e Vygotsky. Os pensadores russos desenvolveram muitas reflexões que culminaram em mudanças sensíveis nas formas de entendimento da condição humana percebida no início do século XX. Assim, buscaremos neste capítulo um princípio de ideias que relacione essas aproximações das abordagens teóricas entre ambos, permeadas com diálogos de pensadores brasileiros que se debruçaram sobre o tema.

Vygotsky e Bakhtin compartilharam uma base teórica fundamental: ambos fundamentaram seus estudos no materialismo histórico-dialético. Esta abordagem os levou a posicionar as interações sociais e culturais no centro de suas análises sobre a consciência humana. Embora tenham se dedicado a campos distintos – Vygotsky à Psicologia e Bakhtin aos estudos linguísticos, filosóficos e literários - os dois pesquisadores desenvolveram críticas consistentes tanto às visões puramente objetivistas quanto às subjetivistas em suas respectivas áreas, conforme já apresentamos anteriormente. A originalidade de suas contribuições reside justamente nessa capacidade de superar as limitações das perspectivas predominantes em seus campos de estudo.

Vygotsky⁷⁴ (1995), analisando a questão da psicologia nas décadas de 1920 e 1930 expunha que as correntes de pensamento existentes estavam divididas em duas direções opostas, sendo que a primeira enfocava estudos de maneira causal e explicativa, a partir do qual “el estudio de la psique y de la conducta sólo podía

⁷⁴ VYGOTSKY, Lev. S. **Obras Escogidas**, Tomo III [1931]. Madrid: Visor, 1995.

plantearse desde el punto de vista natural, como um proceso de la naturaleza⁷⁵". (Vygotsky, 1995, p.55). A outra corrente de pensamento trabalhava um enfoque idealista, com a pressuposição de que haveria "uma diferença radical entre a natureza física e a existência psíquica". (Vygotsky⁷⁶, 2004, p.377). Isso implicava considerar que os processos propriamente humanos não tinham como ser analisados ou estudados objetivamente. Dessa forma, essa psicologia da época evocava um método mentalista que "não tende à explicação, mas à descrição e compreensão do comportamento" (Vygostky, 1995, p.339).

Vygotsky (1999) identificou uma profunda divisão na Psicologia de sua época, que ele denominou "Crise da Psicologia". Esta crise manifestava-se na polarização entre duas abordagens: a naturalista e a idealista. Para ele, nenhuma das duas conseguia oferecer uma explicação satisfatória para os processos mentais complexos que caracterizam exclusivamente os seres humanos - as chamadas Funções Psicológicas Superiores. Estas funções incluem capacidades como memória elaborada, controle consciente da atenção, imaginação criativa, pensamento abstrato e capacidade de planejamento intencional. O dualismo entre as perspectivas naturalista e idealista representava, assim, um obstáculo significativo para a compreensão desses processos psicológicos distintamente humanos.

Em suas investigações sobre as respostas da Filosofia e da Linguística no início do século XX aos processos relacionados à linguagem, Bakhtin (2006) criticou as duas principais correntes filosófico-linguísticas que identificou: o objetivismo abstrato e o subjetivismo idealista. Para Bakhtin, conforme já apresentado nesta tese, o objetivismo abstrato partia da premissa de uma objetividade da língua, dissociando-a de seu contexto real e priorizando sua decodificação. Nessa perspectiva, a linguagem era entendida como um sistema de formas abstratas e autônomas. Por outro lado, o subjetivismo idealista via o fenômeno linguístico como uma criação puramente individual, reduzindo a linguagem a um processo monológico e desvinculado das interações sociais, conforme Freitas⁷⁷ (1996).

Ao problematizar essas visões, tanto Vygotsky quanto Bakhtin destacaram-se em seus campos ao situar as relações sociais como fundamentais para a

⁷⁵ "o estudo da Psique e da conduta só podia estabelecer-se desde o ponto de vista natural, como um processo da natureza" (tradução nossa).

⁷⁶ VYGOTSKY, L. S. O significado histórico da crise da psicologia. In: VYGOTSKY, L. S. **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

⁷⁷ FREITAS, M.T.A. **Vygotsky e Bakhtin**. Psicologia e Educação: um intertexto. São Paulo: Ática, 1996.

compreensão do funcionamento humano. Para eles, o psiquismo e a linguagem são constituídos a partir das interações sociais, o que se tornou um dos pilares centrais da Perspectiva Histórico-Cultural do psiquismo. Essa abordagem enfatiza que o desenvolvimento humano não pode ser dissociado do contexto social, que atua como princípio explicativo para a formação das funções psicológicas superiores.

Sirgado (2000, p.61) explica que “Vigotski desloca definitivamente o foco da análise psicológica do campo biológico para o campo da cultura, ao mesmo tempo que abre o caminho para uma discussão do que constitui a essência do social enquanto produção humana”. O que podemos apreender é que Vygotsky nos ensina que há a existência de uma linha de desenvolvimento cultural no acontecimento e constituição da raça humana, e, particularmente, ressalta a relevância desse mesmo desenvolvimento cultural na formação individual de cada ser humano. Sobre isso, Vygotsky⁷⁸ (2007, p.20) explica-nos que “essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social”.

Sobre a relevância crucial das relações sociais na constituição do humano, Bakhtin, em seus estudos sobre a linguagem, centrou seus esforços na questão da enunciação e na interação verbal. Segundo Freitas, em seu estudo sobre Bakhtin, a enunciação e um ato de fala “não podem ser explicados somente a partir das condições do sujeito falante, mas também não podem dele prescindir. Tendo a enunciação uma natureza social, para compreendê-la seria necessário entender que ela se dá sempre numa interação” (Freitas, 1996, p. 134).

Assim, neste capítulo da tese, esperamos explorar os intrincados diálogos teóricos entre Vygotsky e Bakhtin visando compreender dois processos fundamentais: a mediação semiótica e a constituição de sentidos. Duas questões centrais norteiam nossa investigação: De que maneira as perspectivas vygotskyana e bakhtiniana podem nos ajudar a desvendar os mecanismos de produção e transformação de sentidos? Como essas aproximações teóricas podem contribuir para uma compreensão mais profunda da subjetividade, tema tão relevante para a psicologia contemporânea? Nosso objetivo é estabelecer pontes conceituais que permitam uma leitura integrada e inovadora desses processos complexos de significação e

⁷⁸ VIGOTSKY, Lev Semenovich, **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7.a ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

constituição do sujeito e permanecer dentro do espírito dialógico que permeia esta tese.

Nas suas teorias, Vygotsky⁷⁹ (1999) frequentemente enfatizava a natureza mediada das funções psicológicas humanas. Sob um ponto de vista epistemológico, sua abordagem se baseava em dois pilares principais: a análise da consciência como foco da investigação psicológica, considerando as relações sociais como princípio explicativo, e a adoção de um método genético de investigação que valoriza a historicidade dos processos psicológicos, fundamentado na dialética. Em diversas pesquisas a partir do final dos anos 1920, Vygotsky (1995, 1996, 2007) apresentaram dois tipos de mediadores que foram inseridos no diálogo acerca da psicologia. Um deles, os instrumentos, que eram condutores e potencializadores da ação e influência humana sobre os objetos e o outro eram os signos, considerados meios auxiliares para a ocorrência de operações mentais que proporcionava ao sujeito um controle da própria conduta e das condutas dos outros, conforme Vygotsky e Luria⁸⁰ (1996).

Vygotsky e Luria (1996, 2007) produziram dois dos trabalhos mais relevantes para a questão da mediação à luz da perspectiva histórico cultural, produzidos nos anos 1920. Os autores destacaram que a mediação semiótica é crucial para a complexificação das funções psicológicas humanas e a análise de aspectos como memória, pensamento e atenção, considerando tanto a perspectiva filogenética quanto a ontogenética. Epistemologicamente, de acordo com Pino⁸¹ (1991), o conceito de mediação semiótica é um ponto de convergência entre os trabalhos de Vygotsky e outros autores da abordagem histórico-cultural do psiquismo. Esse conceito atua como elemento articulador dos diversos componentes de sua perspectiva teórico-metodológica, proporcionando unidade e coerência lógica, além de avançar a ideia de que as funções psicológicas humanas surgem e se desenvolvem nas interações sociais.

A diferença da mediação simbólica pode ser entendida se se retornar às críticas desenvolvidas por Vygotsky e Luria (idem) em relação às explanações do problema da inteligência prática que estavam em vigência no início do século XX. Essas explanações são exemplos de como a questão da dinâmica biológica ocupava, em

⁷⁹ VYGOTSKY, Lev S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

⁸⁰ VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A.R. **Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

⁸¹ PINO, A. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. **Cadernos CEDES**, Campinas, n.24, v.1, p. 32-43, 1991.

muitas pesquisas psicológicas da época, um status de princípio de explicação das funções psicológicas humanas. No trabalho de Vygotsky e Luria (2007), os autores explicam que as teorizações de pensadores como Kohler, Buhle, entre outros citados, apesar de terem diferenças entre si, convergiam por não darem conta das possíveis peculiaridades entre as inteligências da criança e de animais. Ao pressupor a independência entre instrumento e signo do desenvolvimento da criança, as teorizações realizadas, ainda que versassem sobre a fala, não consideravam a sua pertinência na deflagração de conflitos que implicavam não somente a inteligência prática ampliada, como também acontecimento de reconfiguração na estrutura, nos modos operacionais e nas relações de funções psicológicas como memória, pensamento, atenção e percepção.

Buscando evidenciar os traços especificamente humanos no comportamento infantil e entender como esses traços se formavam, Vygotsky e Luria (2007) argumentaram que a relação entre instrumento e signo é um dos principais aspectos que caracterizam o comportamento humano. Essa integração permite o desenvolvimento da inteligência prática das crianças, à medida que surge progressivamente a atividade simbólica. Conforme os autores russos, “desde o momento em que, com a ajuda da linguagem, começa a criança a dominar seu próprio comportamento e em seguida apropriar-se da situação, surge uma nova forma de comportamento e novas formas de relação com o entorno” (Vygotsky; Luria, 2007, pp.22). Os pesquisadores russos dão realce à palavra como “signo por excelência” e, dessa forma, definem como “o mais importante esquema de mediação do comportamento humano” (Freitas, 1996, p.99). Essa ênfase dada sugere a importância da linguagem no desenvolvimento do ser humano e no escopo teórico histórico-cultural.

Avançando nesse sentido, encontramos mais questionamentos, a saber, que perspectiva sobre a linguagem permeia as sistematizações de Vygotsky? A esse respeito, Vygotsky tratou a linguagem não como um estado ou um sistema linguístico abstrato. Interessado na formação das funções psicológicas humanas, ele considerava a linguagem em seu aspecto funcional, como um elemento formador do sujeito. Dessa forma, na visão de Vygotsky, a linguagem se apresenta como constitutiva do ser humano, desempenhando papel organizador e planejador do pensamento e da conduta, além de ter uma função comunicativa. Por essa razão,

principalmente na década de 1930, seus estudos se voltaram, por exemplo, para a elucidação da relação dialética entre pensamento e linguagem.

Vygotsky (2001) abordou essa relação em, em seu entendimento, era valiosa para o estudo da consciência, pois tornava o papel constitutivo da linguagem factível. Na última frase de seu último escrito, de “A construção do pensamento e da linguagem”, Vygotsky poeticamente e categoricamente afirma que “a palavra está para a consciência como o pequeno mundo está para o grande mundo, como a célula viva está para o organismo, como o átomo para o cosmo. Ela é o pequeno mundo da consciência. **A palavra consciente é o microcosmo da consciência humana**”. (Vygotsky, 2001, p.486, negrito nosso). No mesmo texto, anteriormente, o psicólogo russo explicita que “o pensamento não se exprime na palavra, mas nela se realiza” (Vygotsky, 2001, p.409). Esse entendimento permite respaldar a ideia de que a linguagem “não é um simples reflexo especular da estrutura do pensamento” (Vygotsky, 2001, p.412).

O intento desta tese, então, permite-nos considerar que semelhantemente às ideias propostas por Vygotsky, Bakhtin trouxe uma visão inovadora sobre a linguagem, enxergando-a não apenas como um conjunto de regras formais ou uma simples manifestação do pensamento, mas como um fenômeno dinâmico e vivo, caracterizado pela interação. Na perspectiva do Círculo de Bakhtin, era essencial analisar a comunicação verbal levando em conta seu contexto de uso real, ou seja, as circunstâncias concretas em que ocorre. Assim, Bakhtin argumentava que focar somente nos aspectos linguísticos do processo comunicativo seria uma abordagem limitada e inadequada para entender a verdadeira essência da linguagem.

Na abordagem bakhtiniana, o papel do contexto emerge como elemento fundamental para a compreensão da linguagem, tendo o enunciado como unidade central de análise. Como aponta Freitas (1996, p. 135), na visão de Bakhtin, cada enunciado apresenta uma dualidade: “todo enunciado tem, pois, dois aspectos: o linguístico, que é reiterativo e se refere a um objeto pré-existente, e o contexto, que é único, tendo como referência nova enunciada”. Esta perspectiva dialoga diretamente com o pensamento vygotskyano, especialmente no que tange à natureza social dos signos e seu papel fundamental na formação da consciência.

Para Bakhtin, a própria consciência é produto da interação social mediada pelos signos, constituindo-se como um “fato sócio-ideológico” (Bakhtin, 2006, p.35). A

mediação semiótica, conceito central em sua teoria, ganha pleno significado quando analisada sob a ótica do dialogismo, categoria essencial na concepção bakhtiniana de linguagem. Esta abordagem dialógica permitiu ao teórico russo desenvolver análises abrangentes que contemplaram desde os processos internos do discurso e as interações cotidianas até os diversos gêneros discursivos e manifestações culturais (Freitas, 1996).

A concepção dialógica bakhtiniana transcende o entendimento superficial da comunicação direta entre indivíduos. Como destaca Freitas (1996, p. 135), "todo enunciado é um diálogo, desde a comunicação de viva voz entre duas pessoas, até as interações mais amplas entre enunciados". Esta complexidade dialógica se manifesta na multiplicidade de vozes sociais que permeiam qualquer ato comunicativo, indo muito além dos interlocutores imediatos (Bakhtin⁸², 2003). Esta perspectiva exige uma análise da linguagem que contemple não apenas o enunciado isolado, mas todo seu contexto histórico e ideológico. Esta dimensão ideológica da linguagem é enfatizada por Bakhtin (2006, p. 96) quando afirma que "não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial".

As convergências entre o pensamento histórico-cultural e a abordagem dialógica do Círculo de Bakhtin se evidenciam na compreensão do signo como elemento transformador. Como explicam Smolka e Laplane⁸³ (2005, p. 80), o signo "atua como elemento mediador (funciona entre, remete a), operador (faz com que seja), conversor (transforma) das relações sociais em funções mentais". Esta visão compartilhada sobre a linguagem como força transformadora levou estudiosos de ambas as correntes a identificarem em Vygotsky e Bakhtin uma concepção da linguagem

O "ar de família" que é capaz de ligar Vigotski tanto a Humboldt quanto a Bakhtin ou às teorias enunciativas (ou seja, aquelas que se preocupam com as relações do sujeito com diferentes instâncias de uso da linguagem) torna-se possível quando levamos em conta que todos se recusam a conceber a linguagem como simplesmente signo. Saussure a concebia como um signo.

⁸² BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

⁸³ SMOLKA, A. L. B; LAPLANE, A.L.F. Processos de Cultura e Internalização. **Revista Viver-mente e cérebro**. (Coleção Memória da pedagogia –VYGOTSKY). São Paulo, Duetto Editora, n.2, p. 77---83, 2005.

Eles a concebem como “trabalho”, como “atividade”, como “processo”, como “ação” sobre o pensamento e sobre a cultura (Morato, 2000, P.151)

Esta perspectiva se materializa tanto na visão vygotskyana da palavra como comando quanto na dissolução bakhtiniana da separação entre linguagem e prática social. A centralidade dos processos de significação na experiência humana e nas interações sociais emerge como um ponto fundamental nas discussões apresentadas. A significação, definida por Vygotsky (1995) como a atividade mais fundamental do ser humano, é caracterizada pela criação e uso de signos. Expandindo esta perspectiva, Smolka⁸⁴ (2004) amplia o conceito para abranger não apenas a criação e utilização de signos, mas também a construção e o desenvolvimento de "sentidos".

Na tessitura psicológica contemporânea, a produção de significados transcende a mera descrição fenomenológica e se configura como um território fértil para a compreensão da complexidade humana. Ao entrelaçar os horizontes dialógicos de Bakhtin e a teoria semiótica de Vygotsky, desvela-se um campo epistemológico profundamente rico para interpretar a construção de "sentidos". Rey⁸⁵ (2003), Góes e Cruz⁸⁶ (2006) e Smolka (2004) têm convergido em suas análises para um ponto nevrálgico: o conceito de "sentido" como elemento fundamental na perspectiva histórico-cultural. Este construto não emerge como um dado isolado, mas como uma elaboração complexa que radica na historicidade dos processos psicológicos humanos.

Vygotsky (2001), ao cunhar essa proposição, buscava desvendar a singularidade da experiência humana, evidenciando como os processos semióticos mediam e transformam nossa compreensão da realidade. Sua contribuição teórica ultrapassa a simples descrição psicológica, convidando-nos a uma reflexão ontológica sobre a constituição dos sujeitos. Paradoxalmente, apesar de sua potência explicativa, o conceito permanece subvalorizado nos debates acadêmicos contemporâneos, aguardando uma exploração mais sistemática e profunda de suas múltiplas

⁸⁴ SMOLKA, A. L. B. Sobre significação e sentido: uma contribuição à proposta de rede de significações. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S.; SILVA, A. P. S.; CARVALHO, A. M. A. (Orgs.). **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004. p. 35-49.

⁸⁵ REY, F. L. G. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Thomson, 2003.

⁸⁶ GOÉS, M. C. R.; CRUZ, M. N. Sentido, significado e conceito: notas sobre as contribuições de Lev Vygotsky. **Pro-Posições**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 31-45, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pp/a/BJ7DJG9DJYHTJBJ8Q9DH9QJ8/?lang=pt>>. Acesso em: 04 jan. 2025

dimensões interpretativas.

Na derradeira obra de Vygotsky (2001) encontra-se uma discursão sobre a produção de sentido. Vygotsky, em “A construção do pensamento e da linguagem”, explica o significado da palavra como unidade básica da relação analítica entre pensamento e linguagem. O psicólogo russo explica-nos que o significado da palavra se encontra na junção entre pensamento e linguagem, a saber que

Encontramos no significado da palavra essa unidade que reflete de forma mais simples a unidade do pensamento e da linguagem. O significado da palavra, como tentamos elucidar anteriormente, é uma unidade indecomponível de ambos os processos e não podemos dizer que ele seja um fenômeno da linguagem ou um fenômeno do pensamento. A palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio. Logo, o significado é um traço constitutivo indispensável da palavra. É a própria palavra vista no seu aspecto interior. Deste modo, parece que temos todo o fundamento para considerá-la como um fenômeno de discurso. Mas, como nos convencemos reiteradas vezes, ao longo de toda nossa investigação, do ponto de vista psicológico, o significado da palavra não é senão uma generalização ou conceito. Generalização e significado da palavra são sinônimos. Toda generalização, toda formação de conceitos é o ato mais específico, mais autêntico e mais indiscutível de pensamento. Consequentemente, estamos autorizados a considerar o significado da palavra como um fenômeno de pensamento (Vygotsky, 2001, p.398).

Na mesma obra, Vygotsky insere a questão do “sentido” para especificar as particularidades da linguagem interior em relação à exterior, demonstrando, assim, que na linguagem interior há ampla predominância dos sentidos sobre a significação da palavra. Sobre essa relação entre sentido e significado, o psicólogo russo nos explica que

O sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata. Como se sabe, em contextos diferentes a palavra muda facilmente de sentido. O significado, ao contrário, é um ponto imóvel e imutável que permanece estável em todas as mudanças de sentido da palavra em diferentes contextos (Vygotsky, 2001, p.465).

Entendemos aqui que no intrincado universo da linguagem, existe um território nebuloso e fascinante onde palavras transcendem suas definições cristalizadas. É nesse espaço que Vygotsky nos insere em uma viagem pela complexidade dos sentidos e significados, desvendando as sutis camadas que compõem nossa experiência comunicativa. O sentido não é um objeto estático, mas um organismo que

se mantém vivo através das experiências humanas. Cada palavra carrega consigo um universo particular, tecido pelas vivências individuais e coletivas. Como um rio em constante movimento, o sentido se transforma, adapta-se e redesenha seus contornos a cada nova interação.

Para isso, podemos conceber o sentido como uma aquarela em que seus pigmentos se misturam, transbordam limites, criam nuances imprevisíveis. Não é uma fotografia, mas um quadro em permanente construção. Diferentes zonas de estabilidade coexistem, algumas mais fluidas, outras mais densas, revelando a complexidade psicológica que habita cada expressão linguística. Em contraponto à fluidez do sentido, o significado emerge como uma estrutura mais sólida. Este é o esqueleto que sustenta a arquitetura linguística, um ponto de referência que resiste às variações contextuais. Um território demarcado, onde as fronteiras permanecem relativamente estáveis mesmo quando as marés das experiências individuais se movimentam.

Isso tudo se aprende com Vygotsky (2001) e Bakhtin (2006) porque a linguagem não se reduz a verbetes dicionarizados. É um território existencial onde significados e sentidos travam um diálogo permanente. Cada palavra é um universo, cada contexto uma constelação de possibilidades interpretativas. Nas tramas das interações sociais, as crianças não apenas aprendem palavras, mas constroem mundos. Cada som, cada gesto, cada contexto são pinceladas que compõem a complexa tela do desenvolvimento linguístico e cognitivo. Analisando a última obra do psicólogo russo, Vygotsky (idem) nos convida a olhar além das superfícies, a compreender a linguagem como um organismo vivo, mutável, profundamente conectado com nossa experiência social e individual. Sentidos e significados não são estruturas fixas, mas territórios em permanente negociação. A linguagem, assim, revela-se não como um sistema, mas como um processo: dinâmico, imprevisível e infinitamente rico.

Bakhtin, em “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, desenvolve sua explanação sobre as diferenças entre significado e sentido, expondo mais uma vez a convergência entre o pensador e o psicólogo russos, em especial nessa questão do sentido que ora apresentamos nesta tese. Freitas (1996, p.136, *itálico da autora*) explica que o sentido “é o significado contextual que aparece no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* como tema”. Assim compreendido, cada enunciado vai se distinguir não somente pelo

seu conteúdo, mas também por cada sentido que carrega.

Na linguística do século XX, Bakhtin emergiu como um pensador que redesenha os territórios do sentido, desafiando tanto o objetivismo abstrato quanto o subjetivismo idealista. Esses campos teóricos tradicionalmente concebiam a linguagem como um território ora normativo e fixo, ora exclusivamente individual, reduzindo a complexidade dos processos comunicativos. O objetivismo abstrato compreende a linguagem como um sistema de códigos inalteráveis, onde os sentidos seriam produtos de uma engenharia linguística pré-estabelecida. Em contraposição, o subjetivismo idealista localiza a produção de sentidos no universo intrapsíquico, como se cada sujeito fosse uma ilha linguística autocontida.

Bakhtin (2006) propõe uma linha de pensamento completamente distinta. Para ele, os sentidos não habitam nem nos códigos normativos, nem na interioridade individual, mas nos territórios fronteiros das interações. Como sugere Freitas (1996, p.136), o "sentido" transcende o significado dicionarizado, configurando-se como um "significado contextual" em permanente movimento. Cada enunciado, portanto, não se define apenas por seu conteúdo semântico, mas pela complexa rede de interações que o constitui. Os sentidos são construídos nas fricções entre o verbal e o extraverbal, nas zonas de contato entre diferentes consciências, nas negociações dialógicas que atravessam os sujeitos. A proposição bakhtiniana nos convida a compreender a linguagem não como um sistema, mas como um organismo vivo, cujos sentidos são tecidos nos interstícios das relações humanas, em um movimento permanente de ressignificação.

Na verdade, a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva. A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro. É como uma faísca elétrica que só se produz quando há contato dos dois pólos opostos (Bakhtin, 2006, p.135).

Compreendendo esta passagem do Círculo de Bakhtin, a significação é descrita como um "traço de união" entre os interlocutores, indicando que as palavras servem como um meio de conexão e entendimento mútuo entre quem fala (locutor) e quem ouve (interlocutor). A significação só se concretiza no processo de compreensão ativa e responsiva, sugerindo que o entendimento é um ato dinâmico. Tanto o locutor quanto o interlocutor devem estar engajados nesse processo para que a comunicação

ocorra de forma eficaz; as palavras precisam ser interpretadas e acomodadas segundo o contexto e as intenções de ambos. Dessa maneira, Bakhtin refuta a ideia de que a significação esteja isolada na palavra em si ou nas intenções do falante. Isso reforça a perspectiva de que o significado é mais complexo e contextual do que simplesmente ligado a um termo.

Assim, avançando no escopo de nossa tese que iniciamos há muitas páginas atrás e complementando cada vez mais, buscar a compreensão da produção de “sentidos” dentro da aproximação teórica entre Bakhtin e Vygotsky nos serve de recurso para vencer as divisões e os dualismos entre o interno e o externo, a questão do social e do individual, emoção e cognição, a mente e o corpo, bem como buscar a afirmação de que o ser humano é proveniente de uma formação social, evidentemente calcada em procedimentos criativos e por variadas e constantes mutações qualitativas. Quando buscamos o entendimento da produção de “sentidos” na obra dos dois pensadores russos, nas perspectivas que ora apresentamos neste capítulo, é preciso compreender as diversas intempéries que surgem sobre a constituição subjetiva. Conforme aprendemos com Góes e Cruz

A proposição da gênese nas relações sociais torna-se mais complexa, pois o estudo das determinações da formação cultural do indivíduo deve admitir o jogo de forças unificadoras e dispersadoras dos processos coletivos de significação. (...) Também nas teses sobre a internalização e a mediação social, é possível considerar que nem os outros dos encontros face a face nem os outros das inúmeras formas de vivência no grupo social são sujeitos “monossêmicos” e, portanto, a conversão de experiências intersubjetivas não consiste na transformação de algo semioticamente “estável” (Góes; Cruz, 2006, p.43).

A compreensão da formação das subjetividades humanas requer uma análise aprofundada das contribuições teóricas de Vygotsky (2001) e Bakhtin (2001 e 2006). Enquanto o primeiro nos oferece uma perspectiva histórico-cultural, conforme estamos desenvolvendo neste capítulo, o segundo nos apresenta sua teoria da enunciação e interação social. Ambas as abordagens são fundamentais para entendermos os processos de mediação semiótica e a produção de sentidos que caracterizam o ser humano como entidade social.

O estudo da subjetividade apresenta-se como um campo complexo e multifacetado. Esta complexidade deriva da diversidade de perspectivas teóricas que, embora originadas na filosofia, encontraram terreno fértil no campo da psicologia, que

Vygotsky bem estudou e desenvolveu. A variedade de abordagens reflete a riqueza e a profundidade do tema, mas também torna sua análise particularmente desafiadora.

O conceito de subjetividade, assim como a própria noção de sujeito, emerge durante a Modernidade, período que coincide com o estabelecimento da psicologia como ciência, conforme aponta Figueiredo⁸⁷ (1991). Este momento histórico foi marcado por transformações profundas nas esferas social, política e econômica, intimamente ligadas ao desenvolvimento do sistema capitalista. Tais mudanças revolucionaram a compreensão do ser humano, que passou a ocupar posição central no pensamento da época.

Com o advento do paradigma antropocêntrico e a consolidação do capitalismo, surge uma nova concepção do ser humano. Este passa a ser visto primordialmente como agente econômico - simultaneamente produtor e consumidor - e como indivíduo autônomo capaz de determinar seu próprio destino, como ressalta Figueiredo (1991). É neste contexto que se desenvolve a noção de sujeito como entidade independente da história, embora sua construção teórica tenha sido inevitavelmente influenciada por fatores econômicos e culturais.

O pensamento cartesiano, particularmente através do conceito do cogito, estabeleceu as bases filosóficas para a compreensão moderna do sujeito. Esta perspectiva consolidou uma visão da subjetividade como experiência essencialmente individual, privada e universal, associada a um sujeito considerado soberano e teoricamente imune às influências sociais do cotidiano. Como observa Gonçalves⁸⁸ (2001), o século XIX marca o ápice desta concepção de subjetividade interiorizada, estabelecendo um paradigma que influenciaria profundamente o pensamento ocidental.

O final do século XIX trouxe ventos de mudança que sacudiram as certezas sobre quem somos. Se por um lado a modernidade nos havia feito acreditar no poder absoluto da razão e na soberania do indivíduo, três pensadores revolucionários viriam questionar essas verdades aparentemente inabaláveis. Chauí⁸⁹ (1997) relacionou Freud, Nietzsche e Marx como exemplos desse tempo. Freud mergulhou nas profundezas da mente humana e revelou que somos muito mais do que nossa

⁸⁷ FIGUEIREDO, L. C. M. **Matrizes do conhecimento psicológico**. Petrópolis: Vozes, 1991.

⁸⁸ GONÇALVES, M. G. M. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In: BOCK, A. M. B. (org.) **Psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 37-52.

⁸⁹ CHAUI, Marilena. **Um convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1997.

consciência pode alcançar - há um vasto oceano chamado inconsciente que influencia nossas ações sem que percebamos. Nietzsche, com sua coragem intelectual característica, ousou questionar os próprios alicerces do pensamento ocidental, desafiando séculos de tradição filosófica. Marx, por sua vez, nos mostrou que não somos ilhas - nossa consciência e nossa identidade são profundamente moldadas pela sociedade e pelo momento histórico em que vivemos. Cada um desses pensadores, à sua maneira, ajudou a desconstruir a imagem do ser humano como senhor absoluto de si mesmo, revelando as múltiplas forças que nos atravessam e nos constituem.

A complexidade da existência humana se revela na multiplicidade de vozes e perspectivas que nos atravessam cotidianamente. Cada encontro, cada diálogo, cada troca de olhares nos convida a mergulhar em um universo de significados onde a subjetividade se apresenta não como um território estático, mas como um campo de batalha permanente de sentidos e interpretações. Nessa arena dinâmica, os signos não são meros instrumentos de comunicação, mas verdadeiros organismos vivos que pulsam, transformam-se e negociam sentidos - como magistralmente apontou Bakhtin (2006) ao definir os signos como espaços onde diferentes vozes se encontram, se confrontam e se ressignificam continuamente.

Diante dessa paisagem discursiva tão rica e multifacetada, emergem indagações que desafiam nosso pensamento e nos impelem a deslocar os marcos tradicionais de compreensão: de que maneiras podemos redesenhar nossa compreensão sobre o sujeito e as subjetividades para além dos modelos hegemônicos da Modernidade? Como os legados intelectuais de Vygotsky e Bakhtin podem nos oferecer lentes mais sensíveis para decifrar os complexos processos de constituição das subjetividades?

Os estudos de Delari Junior⁹⁰ (2000), Molon⁹¹ (2003) e Rey⁹² (2003) já sinalizavam essa sutileza: Vygotsky não abordou diretamente a subjetividade em sua obra, mas deixou pistas preciosas ao compreender a condição humana em sua dimensão radicalmente social. Sua revolução epistemológica na psicologia das

⁹⁰ DELARI JUNIOR, A. **Consciência e Linguagem em Vygotsky**: Aproximações ao Debate sobre a Subjetividade. 2000. 201f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000

⁹¹ MOLON, S. I. **Subjetividade e Constituição do Sujeito em Vygotsky**. Petrópolis: Vozes, 2003.

⁹² REY, F. L. G. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson, 2003.

primeiras décadas do século XX consistiu precisamente em deslocar o olhar investigativo do indivíduo isolado para a teia de relações socioculturais que nos constitui. Ao fazer isso, Vygotsky⁹³ (2000) não apenas ampliou os horizontes da compreensão psicológica, mas nos convidou a pensar o sujeito como um processo permanente de construção, sempre tecido no encontro entre o individual e o coletivo, entre a singularidade e o contexto histórico. Isso fica evidente neste pensamento de seus escritos produzidos em 1929:

Antes era pressuposto: a função existe no indivíduo em forma pronta, semi-pronta ou embrionária – no coletivo ela exercita-se, desenvolve-se, torna-se mais complexa, eleva-se, enriquece-se, freia-se, oprime-se, etc. Agora: função primeira constrói-se no coletivo em forma de relação (Vygotsky, 2000, p.29)

Podemos conceber o ser humano não como uma ilha isolada, mas como um tecido complexo onde cada fio representa uma relação, uma história, um encontro. Foi precisamente essa compreensão revolucionária que Vygotsky (2000, p. 33) nos presenteou ao definir o ser humano como o "conjunto de relações sociais, encarnado no indivíduo." Sua perspectiva desafia frontalmente a ideia de um sujeito autônomo e desconectado, revelando-nos como seres essencialmente relacionais, cujas raízes mais profundas mergulham no terreno fértil da alteridade.

Essa tessitura relacional ganha contornos ainda mais fascinantes para nosso intento neste capítulo de tese quando Vygotsky (2000, p. 24-25) nos convida a uma experiência quase poética: "a relação entre as funções psicológicas superiores foi outrora relação real entre pessoas. Eu me relaciono comigo tal como as pessoas se relacionam comigo." A expressão "Homo Duplex", cunhada em 1929 em "A Psicologia Concreta do Homem" (Vygotsky, 2000), torna-se uma metáfora potente para compreendermos nossa natureza plural: somos múltiplos, somos diálogo, somos o resultado de uma intrincada dança entre nosso mundo interior e as vozes externas que nos constituem.

Ao desafiar a concepção moderna de "indivíduo", Vygotsky (2000) nos apresenta o conceito transformador de "pessoa social". Molon (2003, p. 69) radicaliza essa compreensão ao destacar que não estamos tratando de uma entidade abstrata,

⁹³ VYGOTSKY, L. S. Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, São Paulo, v. 71, n. 21, p. 23-44, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/hgR8T8mmTkKsNq7TsTK3kfC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 16 de janeiro de 2024.

mas de um sujeito profundamente enraizado em sua historicidade. Como apontam Sirgado (2000) e Molon (2003), estamos diante de uma concepção que privilegia a multiplicidade sobre a unidade, deslocando o sujeito psicológico tradicional para um território muito mais rico e dinâmico de existência.

Semelhantemente à visão histórico-cultural, no ideário de Bakhtin e o Círculo, os sujeitos se constroem em tramas relacionais, pois conforme nos explica Brait⁹⁴ (2005), os conceitos bakhtinianos acerca dos sujeitos estão relacionados de maneira íntima com o fato de que Bakhtin e seus colegas de Círculo consideraram a linguagem uma prática dialógica e explicitamente social. Por isso

Essa noção de sujeito [relacional e ativo] implica, nesses termos, pensar o contexto complexo em que se age, implica considerar tanto o princípio dialógico – que segue a direção do interdiscurso, constitutivo do discurso, mas não se esgota aí –, como os elementos sociais, históricos, etc. que formam o contexto mais amplo do agir, sempre interativo (que segue a direção da polifonia, isto é, da presença de várias 'vozes', vários pontos de vista no discurso, que naturalmente podem ser escamoteados, embora não deixem de estar presentes)" (Brait, 2005, p. 23).

No escopo do desenvolvimento das ideias deste capítulo acerca das relações humanas, Vygotsky e Bakhtin trazem uma visão revolucionária sobre a formação da subjetividade. Na propositura das relações dialógicas convergentes entre ambos, explorando os conceitos apresentados em "Psicologia Concreta do Homem" (Vygotsky, 2000), as reflexões de Bakhtin sobre a dialogia nos fazem repensar os limites entre o "interior" e o "exterior." A enunciação, mais do que um simples ato comunicativo, se transforma em um campo dinâmico onde as fronteiras entre o subjetivo e o objetivo se dissolvem e se reconstroem continuamente.

Bakhtin nos oferece uma expressão escrita de beleza poética desse processo: "em todo ato de fala, a atividade mental subjetiva se dissolve no fato objetivo da enunciação realizada, enquanto que a palavra enunciada se subjetiva no ato de descodificação que deve, cedo ou tarde, provocar uma codificação em forma de réplica" (Bakhtin, 2006, p. 66). Cada palavra proferida carrega uma complexa possibilidade de significados, onde o individual e o coletivo estão em constante negociação. Sob essa perspectiva, a pessoa pode ser vista como uma forma singular de sociabilidade, um organismo vivo, tecido nas tramas das relações, vozes e encontros.

⁹⁴ BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

Se o conteúdo do psiquismo individual é tão social quanto a ideologia, por outro lado, as manifestações ideológicas são tão individuais (no sentido ideológico deste termo) quanto psíquicas. Todo produto da ideologia leva consigo o selo de individualidade do seu ou dos seus criadores, mas este próprio selo é tão social quanto todas as outras particularidades e signos distintivos das manifestações ideológicas. Assim, todo signo, inclusive o da individualidade, é social (Bakhtin, 2006, p.58).

Desvelar a complexidade da relação entre o individual e o social é como, poeticamente buscando embelezar esta tese, adentrar um labirinto de múltiplos espelhos, onde cada reflexo revela uma camada mais profunda de nossa existência. Vygotsky (1999) e Bakhtin (2006), com seus estudos profundos e altamente qualificados, nos guiam para transcender visões simplistas que aprisionam o humano em dicotomias estreitas, propondo uma compreensão do "social" que transborda os limites do meramente coletivo ou objetivamente determinável.

Vygotsky ergue-se como um pensador revolucionário ao desferir uma das críticas mais contundentes contra as correntes psicológicas de seu tempo. Em "Psicologia da Arte", ele revoluciona sua época ao sugerir que o "social" não se restringe ao universo das interações grupais ou dos processos interpessoais. Sua proposta ousada ampliaria os horizontes: o social habita também nossa paisagem íntima, atravessa as fronteiras do intrapessoal, revelando-se como uma força viva que nos constitui em cada gesto, pensamento e afeto. Nessa perspectiva, somos muito mais do que indivíduos isolados ou meros produtos de um coletivo homogêneo - somos organismos dinâmicos, tecidos nas tramas invisíveis que conectam o singular e o plural, o pessoal e o histórico. É o que a próxima citação explicita com clareza:

A psicologia social não marxista entende o social de modo grosseiramente empírico, necessariamente como multidão, coletivo, relação com outros indivíduos. A sociedade é aí entendida como reunião de pessoas e condição suplementar da atividade de um indivíduo. Esses psicólogos não admitem a ideia de que, no movimento mais íntimo e pessoal do pensamento, do sentimento, etc., o psiquismo de um indivíduo particular seja efetivamente social e socialmente condicionado (Vygotsky, 1999, p.14).

Na perspectiva inovadora de Vygotsky e Bakhtin, o "social" transcende a simples interação entre indivíduos. Ele representa tanto a trama histórica que tece nossa humanidade quanto o modo singular como operamos nela através dos signos, especialmente a linguagem. Esta visão nos apresenta uma verdade desconcertante: não somos entidades isoladas e autocentradas, mas sim manifestações vivas das

relações sociais que nos constituem. A genialidade dessa concepção revela-se na compreensão de que os signos atuam como pontes transformadoras. Como Sirgado (2000) destaca, é através deles que o social se converte em pessoal, que o externo se torna interno. Nesse processo alquímico, nossa relação conosco mesmos não se isola, mas permanece como mais uma forma de sociabilidade, agora interiorizada e ressignificada.

O olhar aguçado da teoria da enunciação e da perspectiva histórico-cultural dissolve a antiga dicotomia entre objetivo e subjetivo. Os signos emergem como produtos sociais extraordinários: são simultaneamente âncoras na realidade objetiva, construções subjetivas compartilhadas pela coletividade e elaborações individuais únicas. Como Sirgado (2000) aponta, esse processo ocorre através da apropriação das significações presentes nas práticas sociais, transformando o compartilhado em pessoal, o coletivo em singular.

Pensando em uma forma de concluir este capítulo de tese, podemos considerar que as reflexões de Vygotsky e Bakhtin sobre a natureza social do ser humano trazem contribuições vitais para a Psicologia contemporânea, especialmente no que tange à formação da subjetividade. Esta é compreendida como "drama" (VYGOTSKY, 2000), uma relação contínua entre o eu e o outro, onde tensões e transformações moldam nossa existência singular.

Nossa análise teórica sustenta que a subjetividade transcende os limites do "indivíduo", habitando o espaço dinâmico entre processos inter e intrapsicológicos. As perspectivas de Vygotsky e Bakhtin nos permitem navegar além da dicotomia social-individual, revelando um terreno mais nuançado. As contribuições destes pensadores iluminam duas verdades fundamentais: primeiro, que "social" e "individual" são dimensões permeáveis, não muros intransponíveis. Como Vygotsky (1999, p. 14) astutamente observou, até nossos pensamentos e sentimentos mais íntimos são "efetivamente social e socialmente condicionados".

Segundo, nossa constituição social não é mera transposição mecânica do externo para o interno. Vygotsky (1999, p. 17-18) esclarece: "tudo em nós é social, mas isso não quer dizer, de modo algum, que as propriedades do psiquismo do indivíduo particular sejam, em sua totalidade absoluta, inerentes a todos os demais integrantes de dado grupo".

Nesta perspectiva, a alteridade emerge como elemento crucial da constituição

subjetiva, criando um cenário rico em conflitos, reciprocidades e transformações contínuas (Sirgado, 2000; Molon, 2003). A subjetividade revela-se como uma tapeçaria social tecida entre convergências e divergências, semelhanças e diferenças em relação ao outro. Delari Junior (2000) apresenta a subjetividade como um mosaico de condições que permite o surgimento de territórios existenciais autoreferenciados, sempre em relação com uma alteridade também subjetiva.

Como sintetiza Molon (2003, p. 119), "a subjetividade não pode ser confundida nem com os processos intrapsicológicos nem com os processos interpsicológicos, mas é através dela e nela que se processa a dialética da relação interpsicológica e intrapsicológica". Assim, a subjetividade habita um "entre lugar", uma fronteira fluida entre público e privado, onde a linguagem atua como ponte integradora.

Nesta perspectiva teórica, a subjetividade emerge como um espaço dinâmico de encontro entre pessoa e contexto. Como observa Bakhtin

Por natureza, o psiquismo subjetivo localiza-se no limite do organismo e do mundo exterior, vamos dizer, *na fronteira* dessas duas esferas da realidade. É nessa região limítrofe que se dá o encontro entre o organismo e o mundo exterior, mas este encontro não é físico: *o organismo e o mundo encontram-se no signo*. A atividade psíquica constitui a expressão semiótica do contato entre o organismo e o meio exterior. Eis porque *o psiquismo interior não deve ser analisado como uma coisa; ele não pode ser compreendido e analisado senão como um signo* (Bakhtin, 2006, p.48, itálicos do autor).

As contribuições de Vygotsky e Bakhtin iluminam a compreensão da subjetividade como processo contínuo de produção. Delari Junior (2000, p. 46) a descreve como uma "'usina' de interpretação e produção de sentidos", enquanto Rey (2005, p. 33) a define como "um sistema de produção e de organização de sentidos". Rey (idem, p. 35) aprofunda essa visão ao propor que a subjetividade "teria como unidade central as configurações de sentido que integram o atual e o histórico em cada momento da ação do sujeito nas diversas áreas de sua vida". O diálogo entre Bakhtin e Vygotsky evidencia que a subjetividade se constitui através de processos mediados e dialógicos. Como uma sinfonia de múltiplas vozes, a subjetividade revela-se polissêmica e polifônica, tecendo-se entre tensões que equilibram estabilidade e mudança. Eis a beleza da convergência dos pensadores russos em nossa busca pelo entendimento de ambos a respeito da subjetividade.

Quadro 4. Comparativo das ideias de Vygotsky e Bakhtin sobre linguagem, sentidos e subjetividade

Aspectos	Vygotsky	Bakhtin / Círculo de Bakhtin
Subjetividade	A subjetividade é um processo dinâmico, forjado nas relações e práticas culturais, como um diálogo constante entre o eu e o outro, quase um "drama" social.	A subjetividade é construída no diálogo, um espaço de vozes múltiplas, conflitos e alteridade, onde o sujeito se forma na interação verbal e social.
Linguagem e consciência	A linguagem dá forma à consciência, organizando pensamentos e ações. Cada palavra é como um pequeno universo da mente consciente.	A consciência é entretecida por uma linguagem carregada de significados sociais. O pensamento só ganha vida na palavra, sempre situada em um contexto.
Mediação semiótica	Os signos, sobretudo a linguagem, são ferramentas que moldam o desenvolvimento psicológico. A linguagem interior guia ações e constrói o sujeito.	O signo é social e ideológico, um campo de batalha de sentidos e valores. A palavra media o encontro entre o eu e o outro, carregada de tensões.
Sentido e significado	O sentido é vivo, pessoal e mutável; o significado é mais fixo. Na linguagem interior, o sentido ganha força, moldando a experiência subjetiva.	O sentido é o significado em ação, vivo no contexto do enunciado. Não existe sentido fixo fora do diálogo, e todo sentido carrega história e ideologia.
Concepção de linguagem	A linguagem é uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento social e psicológico, um meio de agir, regular e criar sentidos.	A linguagem é uma prática viva, feita de trocas entre sujeitos. Cada palavra ecoa vozes sociais e carrega valores que se cruzam no diálogo.
Constituição do sujeito	O sujeito é essencialmente social, moldado por relações mediadas. As funções psicológicas nascem no coletivo e se transformam em algo interno.	O sujeito é um ser em relação, que se constrói no diálogo e na interação verbal, sempre em resposta ao outro e ao mundo ao seu redor.
Relação entre interno e externo	O interno nasce do externo. As relações sociais, ao serem internalizadas, formam as funções psicológicas mais complexas.	O interno e o externo se encontram no signo. O psiquismo surge na interação com o mundo, no processo vivo de dar sentido às coisas.
Crítica ao dualismo moderno	Rejeita a separação entre indivíduo e sociedade, emoção e razão, mente e corpo, propondo uma visão integrada, centrada na mediação.	Desafia tanto o objetivismo abstrato quanto o subjetivismo idealista, defendendo uma perspectiva dialógica e relacional do sujeito e da linguagem.

Fonte: Elaboração própria com base em Vygotsky (1995; 1999; 2000; 2001), Bakhtin (2002; 2006), Freitas (1996), Sirgado (2000), Smolka (2004), Rey (2005), Góes e Cruz (2006), entre outros.

7. CAPÍTULO 7 – ENTRE REFLEXOS E PROXIMIDADES: VYGOTSKY, BAKHTIN E A TRAMA SOCIOINTERACIONISTA DO HUMANO

"A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. [...] Cada pensamento e cada vida se fundem no diálogo inconclusível." - Bakhtin, 2003, p. 348

"Tenho consciência de mim mesmo somente na medida em que para mim sou outro." - Vygotsky, 2004, p. 18

Em busca da finalização do nosso objeto de tese, que iniciamos buscando a comprovação das convergências entre Vygotsky e Bakhtin, apresentando também suas divergências, este capítulo se propõe a tecer um diálogo entre as perspectivas de Vygotsky e Bakhtin, desvendando como nossas relações sociais moldam intrinsecamente nosso comportamento e desenvolvimento humano. Mergulhamos nos meandros das interações sociais, buscando compreender não apenas como nos constituímos enquanto sujeitos, mas também as sutilezas que permeiam nossa construção identitária.

Conceber o ser humano como essencialmente social representa um passo crucial para desvendar os fenômenos sociointeracionais. Ao rastreamos as origens de nossos comportamentos e possíveis desajustes, abrimos caminhos para intervenções mais sensíveis e contextualizadas, superando abordagens simplistas e reducionistas.

Como estamos demonstrando há mais de 100 páginas, nossa tese aproxima dois gigantes do pensamento social - Bakhtin e Vygotsky – por meio de conceitos fundamentais como reflexo-refração e Zona Proximal de Desenvolvimento. Estabelecemos um diálogo dialético que revela as intrincadas conexões entre indivíduo, linguagem e contexto social, desvelando as complexidades de nossa existência compartilhada.

A tessitura de nossas relações sociais não é um processo linear, mas um movimento dinâmico onde comportamentos, significados e interações se entrelaçam continuamente. Cada evento sociointeracional carrega em si uma multiplicidade de sentidos, construído nas fronteiras sempre movediças entre o eu e o outro. Inspirados no pensamento do Círculo de Bakhtin, reconhecemos a complexidade dos processos

de desenvolvimento humano - sua natureza flexível, dialógica e em constante transformação. Compreender essa dinâmica relacional não é apenas um exercício intelectual, mas um convite para reposicionar nosso lugar na trama social, enquanto seres permanentemente inacabados e em construção.

Explorar a natureza humana é desvendar uma complexa teia de relações que vão além da materialidade imediata. Adentramos um universo repleto de significados, onde cada interação carrega múltiplas camadas de sentidos que se transformam constantemente na dinâmica social. Os fenômenos sociointeracionais se apresentam como um tecido intrincado em que pensamento, consciência, linguagem e ação se entrelaçam de maneira inseparável. Nesse contexto, compreender não é um processo linear, mas um movimento dialético de constante ressignificação.

No centro dessas interações, conforme Faraco⁹⁵ (2006), o outro social emerge como elemento fundamental – não apenas um interlocutor, mas um agente que nos questiona, nos dá posicionamento e nos convida a uma contínua negociação de significados. Cada encontro se configura como um espaço de construção e transformação mútua. Os campos interativos assumem um papel central na perspectiva sociointeracionista, sendo vistos como elementos essenciais do desenvolvimento humano. Mais do que espaços de comunicação, são verdadeiros laboratórios de construção existencial.

Nossa investigação nesse capítulo da tese se desenvolve em um movimento dialógico, unindo os pensamentos de Bakhtin e Vygotsky, tal como fazemos desde a primeira página de teoria deste estudo. Primeiro, exploraremos o conceito de reflexo-refração de Bakhtin. Em seguida, nos aprofundaremos na Zona Proximal de Desenvolvimento de Vygotsky. Finalmente, buscaremos estabelecer um diálogo entre ambos, revelando como o indivíduo é simultaneamente produto e produtor das relações sociais – um ser que se constitui no outro e pelo outro, em um movimento recursivo e infinito de construção intersubjetiva.

Enquanto professor e pesquisador, afirmamos que ao mergulharmos no fascinante universo da educação e da cultura, encontramos em Vygotsky e Bakhtin pensadores que, mesmo não sendo tradicionalmente categorizados como teóricos centrais dessas áreas, nos oferecem perspectivas extraordinariamente valiosas sobre

⁹⁵ FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

como os seres humanos aprendem e absorvem traços culturais. Conforme vimos demonstrando ao longo dessa tese, seus estudos nos oferecem uma análise profundamente filosófica e discursiva sobre a intrincada relação entre educação, sociedade e cultura, onde a linguagem emerge como um instrumento fundamental por meio do qual nos conectamos com o mundo, o conhecimento e nossa própria herança cultural.

Um exercício que podemos realizar é o de imaginar nossa jornada pela vida: desde nossos primeiros momentos até nosso último suspiro estamos imersos em um rico tecido cultural que molda quem somos. É neste palco dinâmico que nos transformamos, evoluímos e nos reinventamos constantemente, por meio de infinitas interações sociais que nos permitem aprender, criar e recriar nossa forma de existir no mundo.

Entre as diversas lentes teóricas que a Psicologia do Desenvolvimento nos oferece para compreender este fenômeno, destaca-se a perspectiva sociointeracionista, inovadoramente desenvolvida por Vygotsky⁹⁶ (2007). Em sua visão, "o desenvolvimento humano se dá na relação entre parceiros sociais, através de processos de interação e mediação" (FREITAS⁹⁷, 1996, p. 61).

Vygotsky revolucionou a psicologia moderna ao ser o pioneiro em estabelecer uma conexão direta entre as funções psicológicas e a atividade cerebral, propondo que a cultura se incorpora à nossa própria natureza por meio de mecanismos cerebrais específicos. Em seus trabalhos, Vygotsky (2001) iluminou o papel crucial do processo histórico-social e da linguagem no desenvolvimento humano. Seus estudos revelaram que nos desenvolvemos através de um processo interativo constante, por meio de trocas tanto internas quanto interpessoais, um fenômeno que ele conceituou como mediação.

O pensamento não é só externamente mediado por signos, mas também internamente mediado por significados. Acontece que a comunicação imediata entre consciências não é impossível só fisicamente, mas também psicologicamente. Isto só pode ser atingido por via indireta, por via mediata. Essa via é uma mediação interna do pensamento, primeiro pelos significados e depois pelas palavras. Por isso, o pensamento nunca é igual ao significado direto das palavras. O significado media o pensamento em sua caminhada rumo à expressão verbal, isto é, o caminho entre o pensamento e a palavra é um caminho indireto, internamente mediatizado (Vygotsky, 2001, p.479).

⁹⁶ VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente**. 6.ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007

⁹⁷ FREITAS, M. T. de A. **Vygotsky e Bakhtin – Psicologia e educação**: Um intertexto. São Paulo: Ática, 1996.

Na perspectiva vygotskiana (2001), o desenvolvimento humano é fruto de um aprendizado fundamentalmente interacional, mediado por ferramentas intelectuais, sendo a linguagem uma das mais poderosas. Em sua obra seminal "A formação social da mente", Vygotsky (2004) apresenta a fascinante sincronia entre desenvolvimento e aprendizagem, da qual emerge seu conceito revolucionário da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Vygotsky construiu uma teoria que integra harmoniosamente as dimensões biológica, social e histórica do ser humano. Sua abordagem lança luz sobre os complexos processos de desenvolvimento humano, enfatizando tanto nossa dimensão sócio-histórica quanto a vital importância de nossas interações sociais (Vygotsky, 2001).

O trabalho pioneiro de Vygotsky tinha um propósito claro e profundo. Ele buscava os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como as características humanas se formam ao longo da história do indivíduo. Ao examinarmos o legado intelectual de Vygotsky (2007), encontramos suas mais valiosas contribuições nas análises sobre como o ser humano se desenvolve e aprende através das interações sociais. O psicólogo russo cria que as características individuais e até as atitudes pessoais são profundamente influenciadas pelas interações com o coletivo, sendo essa uma observação profunda que nos revela como nossa individualidade emerge, paradoxalmente, de nossas conexões com os outros.

Com essa compreensão, Vygotsky desenvolveu seu revolucionário conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Wertsch⁹⁸ (1988) esclarece que Vygotsky elaborou a ZDP "en un intento de resolver los problemas prácticos de la psicología de la educación: la evaluación de las capacidades intelectuales de los niños y la evaluación de las prácticas de instrucción⁹⁹" (Wertsch, 1988, p.83). Esta formulação nasceu da percepção de que aprendiz, instrutor ou professor e conteúdo interagem dinamicamente na busca por soluções.

Em sua revolucionária obra de 1934, Vygotsky (2001) apresentou uma perspectiva transformadora sobre as interações sociais no desenvolvimento humano ao introduzir o conceito da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), conforme apresentamos acima brevemente. Esta contribuição notável ofereceu aos educadores e psicólogos uma lente única para compreender as nuances do desenvolvimento

⁹⁸ WERTSCH, James V. **Vygotsky y la formación social de la mente**. Buenos Aires; Paidós; 1988.

⁹⁹ Tradução nossa: "em uma tentativa de resolver os problemas práticos da psicologia da educação: a avaliação das capacidades intelectuais das crianças e a avaliação das práticas de instrução"

cognitivo. Por meio da ZDP, tornou-se possível não apenas observar, mas também mapear o caminho do desenvolvimento individual, distinguindo claramente as habilidades já consolidadas daquelas em processo de amadurecimento. Como destaca Vygotsky (2001), esta funcionalidade permite vislumbrar o potencial imediato de desenvolvimento do indivíduo, capturando a natureza dinâmica deste processo.

Vygotsky (2007) define a ZDP como o espaço entre dois níveis de desenvolvimento: o real, onde o indivíduo consegue resolver problemas independentemente, e o proximal, onde necessita do auxílio de alguém mais experiente ou de um mediador para encontrar soluções. Essa abordagem nos possibilita avaliar tanto o desenvolvimento ocorrido até agora quanto os processos de maturação que já se completaram. Além disso, ela nos permite identificar os processos que ainda estão em andamento, aqueles que estão apenas começando a amadurecer e a se desenvolver. Ao focarmos na área de desenvolvimento potencial, conseguimos vislumbrar o futuro da criança, seus próximos passos e a dinâmica do seu crescimento.

A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas estão no processo de amadurecimento, funções que amadurecerão amanhã, mas que estão correntemente em um estágio embrionário. Tais funções podem ser chamadas de “botões” ou flores do desenvolvimento, em vez de serem chamadas de “frutos” do desenvolvimento (Vygotsky, 2004, p.98).

Esta perspectiva ilumina o papel crucial dos indivíduos mais experientes – sejam eles pais, professores ou colegas mais velhos – como mediadores entre o aprendiz e o mundo, catalisando assim seu aprendizado e desenvolvimento. Vygotsky (2001) identificou dois processos fundamentais que regulam essas trocas entre pares. Um deles é a autorregulação, que emerge após uma fase inicial de regulação externa. É por isso que o aprendizado de habilidades e conhecimentos acontece primordialmente em contextos sociais, onde indivíduos mais capacitados orientam aqueles em processo de desenvolvimento (Wertsch, 1988).

A Zona de Desenvolvimento Proximal revolucionou nossa compreensão sobre como os seres humanos aprendem e se desenvolvem. Vygotsky defendia que cada tipo de aprendizagem possui seu momento oportuno no desenvolvimento. A riqueza da ZDP se manifesta em suas múltiplas aplicações, desde o desenvolvimento da linguagem até a compreensão dos processos mentais, estabelecendo-se como um

pilar fundamental na psicologia do desenvolvimento.

Para entendermos de forma prática, podemos visualizar a Zona de Desenvolvimento Proximal como o espaço entre duas fronteiras: de um lado, aquilo que uma pessoa consegue realizar sozinha e, de outro, o que ela pode alcançar quando conta com o suporte de alguém mais experiente - seja um educador, um familiar ou um colega com maior domínio sobre determinado assunto. Este espaço representa o terreno fértil onde o aprendizado efetivo acontece.

O escopo desta tese é a relação dialógica de Vygotsky e Bakhtin e ao ler estes dois pensadores, seus conceitos como o da ZDP descrito acima se aproxima de ideias que o Círculo de Bakhtin trabalhara. Mikhail Bakhtin, embora não tenha desenvolvido especificamente uma teoria sobre o desenvolvimento humano, dedicou-se aos estudos linguísticos de forma que suas contribuições têm sido cada vez mais incorporadas por campos como a Educação e a Psicologia, conforme demonstrado em Freitas (1996), principalmente devido à sua compreensão do indivíduo como ser social. A perspectiva bakhtiniana considera o ser humano como produto de suas interações sociais. Novamente, Freitas explica que o "instrumento para compreender o desenvolvimento humano em contextos diversos, bem como para a própria construção de um referencial teórico-metodológico na Psicologia do Desenvolvimento." (Freitas¹⁰⁰, 2005, p. 308).

O pensamento do Círculo de Bakhtin, conforme já expomos anteriormente nesta tese e ora reiteramos, tem como conceito fundamental o dialogismo ou relações dialógicas, entendido como elemento constitutivo da linguagem. Na concepção do autor, o dialogismo representa a participação interativa dos sujeitos no ambiente social, evidenciando suas características individuais e sua natureza responsiva. Como aponta Severo, "o dialogismo é a forma em que se delineia a consciência, como também a forma em que o sujeito aparece no espaço social, plural e nas suas vozes." (Severo¹⁰¹, 2007, p. 60).

Para ilustrar esta concepção, Bakhtin apresenta sua visão dialógica da existência

A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar

¹⁰⁰ FREITAS, M. T. D. A. **O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil**. Papirus, 2005.

¹⁰¹ SEVERO, C. G. Por uma aproximação entre Bakhtin e Hannah Arendt. **Revista de Ciências Humanas**, v.41, n. 1 - 2, p. 59-8, 2007. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/revista_cfh/article/view/15622 Acesso em: 10 jan. 2025.

do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal. As imagens reificadas (coisificadas, objetificadas) para a vida e para a palavra são profundamente inadequadas. O modelo reificado de mundo é substituído pelo modelo dialógico. Cada pensamento e cada vida se fundem no diálogo inconclusível (Bakhtin, 2003, p. 348, *itálicos do autor*).

Na visão de Bakhtin (1988), o ato comunicativo nunca é solitário, pois carrega consigo toda a construção social coletiva. Como ele próprio afirma, "a consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis" (Bakhtin, 2006, p. 34).

Na filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, o conceito de signo ocupa posição central. Para o teórico, o signo não se origina na consciência individual nem em uma entidade fundamental, mas emerge da interação verbal, necessariamente envolvendo o outro. Bakhtin enfatiza que "a existência do signo nada mais é do que a materialização dessa comunicação. (...) *A palavra é o fenômeno ideológico por excelência*" (Bakhtin, 2006, p. 36, *itálico do autor*).

Na perspectiva do Círculo de Bakhtin, os enunciados dos falantes são intrinsecamente interligados com as palavras alheias, de tal forma que a construção discursiva de um indivíduo incorpora também o discurso do outro, num processo que pode ser comparado ao reflexo especular. Bakhtin (1988) argumenta que todo elemento significativo perpassa o discurso e a verbalização. Para o autor russo, os signos atuam como veículos ideológicos, sendo refratados pelos seus usuários e refletindo as condições práticas do cotidiano. Sobre o fenômeno da refração, apreendemos com Faraco¹⁰² que

[...] 'refratar' significa, aqui, que com nossos signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos – na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos – diversas interpretações (refrações) desse mundo. [...]. Em outras palavras, a refração é o modo como se inscrevem nos signos a diversidade e as contradições das experiências históricas dos grupos humanos. Sendo essas experiências múltiplas e heterogêneas, os signos não podem ser unívocos (monossêmicos). A plurivocidade (o caráter multissêmico) é a condição de funcionamento dos signos nas sociedades humanas (Faraco, 2003, p. 50-51).

Bakhtin reafirma essa ideia ao afirmar que

¹⁰² FARACO, Carlos. Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

Toda refração ideológica do ser em processo de formação, seja qual for a natureza de seu material significante, é acompanhado de uma refração ideológica verbal, como fenômeno obrigatoriamente concomitante. A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação (Bakhtin, 2006, p.36).

A significação, na teoria do Círculo de Bakhtin, está intrinsecamente ligada ao signo e este, por sua vez, ao ideológico. Todo elemento ideológico carrega um significado e faz referência a algo além de si próprio. Como afirma o autor russo, "tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia." (Bakhtin, 2006, p. 29). Na concepção bakhtiniana, qualquer elemento ideológico possui valor semiótico representacional, manifestando-se tanto através de signos verbais (palavras) quanto não verbais (imagens). Contudo, o Círculo de Bakhtin ressalta que o signo ideológico não deve ser interpretado apenas como reflexo da realidade, mas como parte material dela, pois "o signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica" (Bakhtin, 2006, p. 35).

Ainda em uma explanação mais detalhada desse conceito, como bem explica Bakhtin, "o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico*" (Bakhtin, 2006, p. 30, itálico do autor). Existe, portanto, uma correspondência mútua entre estes domínios, onde todo elemento ideológico possui valor semiótico representacional, seja através de signos verbais ou não verbais. Cada signo ideológico, além de refletir a realidade, constitui-se como fragmento material dela. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico manifesta-se materialmente, seja através de sons, massa física, cores ou outras formas materiais.

Nesta perspectiva teórica, o signo ideológico simultaneamente reflete e refrata a realidade de cada esfera ideológica, podendo alterá-la, confirmá-la ou percebê-la sob uma ótica particular. Como postula Bakhtin (2006), o signo é indissociável de sua função ideológica específica. O Círculo de Bakhtin propõe que os signos executam duas operações simultâneas: reflexão e refração do mundo. A refração é considerada uma propriedade essencial do signo, sendo impossível significar sem refratar. Isso ocorre porque os significados não são inerentes ao signo, mas construídos historicamente e influenciados pelas diversas experiências dos sujeitos, seus valores,

contradições e interesses sociais. O processo histórico faz com que cada grupo, em diferentes épocas, atribua múltiplos significados ao mundo, através de diferentes vozes sociais que participam dos processos de significação, resultando em diversas interpretações semânticas, verdades e perspectivas através das quais atribuímos sentido à realidade (Bakhtin, 2006).

O conceito de signo ideológico, conforme proposto por Bakhtin e seu Círculo, possui uma natureza dual: ele simultaneamente reflete e refrata a realidade social que representa. Esta característica permite não só capturar a realidade como ela se apresenta, mas também transformá-la. Como o próprio autor argumenta,

Assim, os temas e as formas da criação ideológica crescem juntos e constituem no fundo as duas facetas de uma só e mesma coisa. Este processo de integração da realidade na ideologia, o nascimento dos temas e das formas, se tornam mais facilmente observáveis no plano da palavra. (...) O que é que determina esta refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja: a luta de classes (Bakhtin, 2006, p.45).

A partir desses fundamentos teóricos, é possível entender que a concepção bakhtiniana de dialogismo busca explicar as interações humanas em suas dimensões externa e interna. Em sua teoria, Bakhtin estabelece que os indivíduos não apenas se comunicam com seu ambiente social e seus interlocutores, mas também mantêm um diálogo interno através de sua própria consciência.

Nesta perspectiva, o Círculo de Bakhtin demonstra que, no processo de elaboração de um enunciado, o indivíduo necessariamente realiza um percurso complexo: confronta diferentes conteúdos e signos ideológicos, recorre a experiências passadas, reconstrói memórias, antecipa possibilidades futuras e estabelece um diálogo interno que precede sua interação com o mundo exterior. Este processo complexo constitui o que o autor russo caracterizou como "reflexo e refração", criando uma metáfora para as funções de locutor e interlocutor e introduzindo a ideia produzida pelo Círculo de que "tudo que é ideológico é um signo, sem signo não existe ideologia" (Bakhtin, 2006, p.31).

Conseqüentemente, qualquer abordagem teórica que desconsidere a natureza concreta da comunicação e da interação verbal acaba por desenvolver conceitos abstratos ou construir uma noção de subjetividade desvinculada das relações interpessoais, relegando sua origem a um tempo e espaço indefinidos.

Ao nos aproximarmos de mais e mais conceitos dos dois pensadores russos

que convergem e nos comprovam sua ampla proximidade teórica e ideológica em muitos campos, precisamos expor que Bakhtin e Vygotsky desenvolveram suas teorias semelhantemente, ainda que tivessem seu foco de dedicação em diferentes áreas de pesquisa científica. Como está demonstrado ao longo dessa tese, Bakhtin se destacara nos estudos literários e da filosofia da linguagem enquanto Vygotsky focou amplamente seus esforços no campo da psicologia do desenvolvimento e do aprendizado.

Diversos pesquisadores, conforme já apresentamos e comprovamos anteriormente nesta tese, apontam possibilidades de aproximação teórica entre esses dois pensadores, especialmente quanto à análise dos fenômenos sociais e dos estudos linguísticos. Para Bakhtin e Vygotsky, a linguagem representa um elemento essencial na compreensão do mundo, sendo que a formação dos indivíduos acontece por meio das relações sociais.

Como destaca Ponzio (2008), em obra que o autor desta tese é orgulhosamente um dos membros do grupo tradutor, os dois teóricos "se opõem a reduzir a reação verbal a um fenômeno de caráter unicamente filosófico, do qual se exclui o elemento sociológico (Ponzio, 2008, p.73)". O autor e pesquisador italiano ainda evidencia que, na perspectiva desses autores, signo e linguagem transcendem a noção de simples instrumentos de transmissão de significados, atuando também como mecanismos de significação e expressão social do organismo.

Na análise de Freitas¹⁰³ (1997), ambos desenvolveram uma abordagem dialética entre o objetivo e o subjetivo, intermediada pelo fenômeno linguístico. A autora ressalta que

[...] por isso a linguagem é uma questão central em seus sistemas. Destacaram aí o valor da palavra e da interação com o outro. Consciência e pensamento são tecidos com palavras e ideias que se formam na interação, tendo o outro um papel significativo. [...] Buscaram explicar e compreender, a partir de uma perspectiva social, os fenômenos intrapsíquicos e linguísticos (Freitas, 1997, p. 158-159).

Nessa perspectiva, enquanto Vygotsky afirma que:

O pensamento não se exprime na palavra, mas nela se realiza. Por isto, seria possível falar de formação (unidade do ser e do não-ser) do pensamento na

¹⁰³ FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Nos textos de Bakhtin e Vygotsky: um encontro possível. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: dialogismo e construção do sentido. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p.311-330.

palavra. Todo pensamento procura unificar alguma coisa, estabelecer uma relação entre coisas (Vygotsky, 2001, p.409)

Bakhtin enfatiza que "a língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida" (Bakhtin, 2006, p.97) e que "um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra." (Bakhtin, 2006, p. 30). Na concepção dos pensadores russos que ousamos colocar em diálogo nessa tese, é por meio da experiência interacional que se estabelece o fundamento dialógico, uma vez que tanto a visão bakhtiniana quanto a vygotskiana sustentam que o desenvolvimento linguístico não se explica pelo aspecto biológico, mas sim pelas influências sócio-históricas.

Uma convergência adicional significativa entre os pensadores relaciona-se ao conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, elaborado por Vygotsky. As contribuições teóricas de Bakhtin são fundamentais para entendermos como a linguagem estrutura as relações dialógicas e dialéticas entre as esferas social e individual no movimento dialógico e dialético da ZDP. Dessa forma, os dois teóricos concordam que as particularidades dos fenômenos psíquicos humanos se fundamentam na mediação e são geradas, reproduzidas e implementadas em contextos sociais específicos.

Ao examinar a perspectiva do Círculo de Bakhtin, encontramos uma profunda reflexão sobre o papel da palavra como veículo ideológico, onde "a palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa". (Bakhtin, 2006, p. 35). Este processo se materializa por de maneira dialógica, isso porque transformar as palavras de outra pessoa em algo próprio é um processo que acontece coletivamente, onde a construção de significados é compartilhada e evolui com a contribuição de todos os envolvidos.

Essa visão nos revela que, na concepção de Bakhtin (2006), a cultura se manifesta como um contínuo processo de interlocução, intrinsicamente ligado à transição da análise dos significados para a compreensão das dinâmicas de interação social. Neste contexto, Faraco enriquece a discussão ao destacar que a natureza social da linguagem e sua indissociabilidade da experiência humana constituem uma "síntese dialógica dos contrários, marca o cenário de produção de significados e

demarca a compreensão do sujeito historicamente localizado” (Faraco¹⁰⁴, 1993, p. 197).

Esses fundamentos teóricos nos conduzem a uma compreensão mais profunda do sujeito nas perspectivas de Bakhtin e Vygotsky. Em suas visões, o indivíduo, embora detentor de sua consciência e responsável por seus pensamentos, emerge como uma síntese cultural manifestada como superestrutura. Para ambos os pensadores, a atividade mental funciona como um elemento mediador do mundo social, fundamentalmente ancorada no universo dos signos construídos coletivamente, conforme já apresentamos ao longo desta tese, em especial nos trabalhos do Círculo de Bakhtin (2006) e Vygotsky (2001).

Diante deste panorama, surgem questionamentos cruciais: como podemos compreender os limites entre a individualidade e as influências externas? Existe uma individualidade genuinamente pura? Não seríamos todos produtos das nossas interações sociais? Como se dá a dinâmica de influências mútuas entre nossa consciência individual e as consciências que nos cercam?

Bakhtin (2006) e Vygotsky¹⁰⁵ (2010) desenvolveram uma compreensão profunda da coexistência dos sujeitos no diálogo, enfatizando como a significação emerge e molda tanto a produção da linguagem nas relações humanas quanto os próprios participantes dessas interações. Na visão destes teóricos, tanto o sujeito quanto os sentidos são construções que emergem discursivamente nas interações interpessoais. A confluência do pensamento destes autores se estende também à questão da consciência. Na perspectiva bakhtiniana, consciência e linguagem são indissociáveis, sendo a primeira fundamentalmente constituída através dos signos linguísticos. Como afirma o autor russo, “a consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais (...) a lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social.” (Bakhtin, 2006, p. 34).

De forma complementar, Vygotsky (2001) apresenta a consciência como um fenômeno de origem social, onde os signos desempenham papel fundamental na

¹⁰⁴ FARACO, C. A. Bakhtin: a aventura dialógica. IN: PAZ, F. M. et al. (Org). **As aventuras do pensamento**. Curitiba: Ed. UFPR, 1993. p. 189-202.

¹⁰⁵ VYGOTSKY, Lev. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Penha Villalobos. 2. ed. São Paulo: Ícone, 2010.

regulação das interações sociais. Em seu escrito final, ele afirma que

[...] a palavra é um signo. Esse signo pode ser usado e aplicado de diferentes maneiras. Pode servir como meio para diferentes operações intelectuais, e são precisamente essas operações, realizadas por intermédio da palavra, que le vram à distinção fundamental entre complexo e conceito.” (Vygotsky, 2001, p. 227).

Vygotsky aprofunda esta reflexão explicando que

Temos consciência de nós mesmos porque a temos dos demais e pelo mesmo procedimento através do qual conhecemos os demais, porque nós mesmos em a nós mesmos somos o mesmo que os demais em relação a nós. Tenho consciência de mim mesmo somente na medida em que para mim sou outro, ou seja, porque posso perceber outra vez os reflexos próprios como novos excitantes. Entre o fato de que eu possa em voz alta a palavra dita em silêncio e o fato de que possa repetir a palavra dita por outro não existe nenhuma diferença, como tampouco em princípio, nos mecanismos: ambos são um reflexo reversível - um excitante (Vygotsky¹⁰⁶, 2004, p. 18).

A passagem aborda a interligação entre a autoconsciência e o reconhecimento do outro, sugerindo que nossa habilidade de sermos autoconscientes está profundamente conectada à maneira como percebemos e nos relacionamos com os outros. Vygotsky (2004) defende que temos consciência de nós mesmos porque temos consciência dos outros. Isso significa que nossa identidade e autoconceito são construídos através das relações sociais e da forma como nos enxergamos em relação aos outros. A ideia de que somos "outros" para nós mesmos sugere que temos a capacidade de observar e refletir sobre nossas próprias ações e pensamentos da mesma forma que fazemos com os outros. Podemos analisar, avaliar e entender nossas ações como se fôssemos observadores externos.

Vygotsky compara o mecanismo da autoconsciência com a capacidade de repetir em voz alta uma pronúncia previamente ouvida. O ato de repetir mentalmente ou verbalmente não difere em sua estrutura; em ambos os casos, é uma sequência de reflexos onde um impulso provoca uma resposta, seja em relação a nós mesmos ou aos outros. A relação social, especialmente com um adulto ou um mentor, é fundamental para o desenvolvimento da consciência. O contato social permite que a pessoa em aprendizado desenvolva seu sistema de reflexos verbais, que então serve como base para a construção do conhecimento e da consciência. A presença de um

¹⁰⁶ Vygotsky, Lev S. **Teoria e método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

interlocutor genuíno e as condições adequadas são essenciais para que esse processo se desenvolva plenamente.

Dessa forma, Vygotsky (idem) sugere que a autoconsciência não é apenas um fenômeno individual, mas algo que se forma e se desenvolve nas interações sociais, onde observamos e refletimos sobre nós mesmos da mesma forma que fazemos com os outros. Essas interações enriquecem nossa capacidade de autoconhecimento e moldam a estrutura de nossa consciência.

Pensando em concluir este capítulo de mais uma sessão de aproximações, convergências e ideais conjuntos existentes entre Vygotsky e Bakhtin, tentamos apresentar e demonstrar como a compreensão da natureza humana é inseparável de sua dimensão social, tornando impossível dissociar o indivíduo do contexto histórico-social e das interações que o moldam, utilizando os saberes dos dois pensadores russos. Esta visão nos faz reconhecer que o desenvolvimento humano sempre acontece dentro de ambientes culturais específicos, regulados por normas e práticas sociais.

Um estudo aprofundado das teorias de Mikhail Bakhtin e Lev Vygotsky, conforme intentamos ao longo desta tese, busca revelar um princípio essencial: o caráter fundamentalmente relacional do desenvolvimento humano. O indivíduo não só existe em relação, mas é constituído através das interações com outros e com o mundo ao seu redor. Paradoxalmente, é nesse espaço de interação que sua singularidade se manifesta. Ao estabelecer um diálogo entre as perspectivas teóricas de Bakhtin e Vygotsky (vide bibliografia utilizada), surge uma nova compreensão sobre o papel do outro em nossa existência. Este exercício dialógico destaca aspectos cruciais da interação humana na visão destes pensadores, revelando convergências surpreendentes em seus fundamentos teóricos.

As similaridades entre os pensamentos de Bakhtin e Vygotsky são mais profundas do que se poderia supor à primeira vista. Desde a introdução desta tese, onde já apresentamos esse conhecimento mútuo e semelhanças evidentes. Uma característica notável é a compreensão compartilhada de que a internalização da atividade humana não acontece de forma mecânica, mas sim como um processo significativo, mediado semioticamente e fundamentado no social.

Vygotsky transformou a análise psicológica ao introduzir a dimensão semiótica, estabelecendo a linguagem e os signos como elementos centrais dos fenômenos

psicológicos. Esta abordagem trouxe contribuições fundamentais para o debate sobre a alteridade e seu papel na formação da subjetividade. Paralelamente, demonstramos que o Círculo de Bakhtin desenvolveu uma concepção dialógica da linguagem e comunicação que ressignifica a consciência como mediada por signos, apresentando o sujeito não como uma entidade isolada, mas como um agente ativo em constante interação - um ser essencialmente responsivo e responsável.

As contribuições teóricas desses pensadores permanecem extremamente relevantes para os campos da Psicologia, Linguística e Educação, especialmente nas discussões contemporâneas sobre subjetividade, interação e linguagem, conforme viemos apresentando ao longo dos capítulos anteriores. A análise comparativa de suas obras revela notáveis semelhanças em suas concepções sobre signos e consciência. Para Vygotsky, a consciência é o objeto central da psicologia, superando a dicotomia tradicional entre cognição e afetividade. Em sua visão, a consciência é uma dimensão semiótica que estrutura os sistemas psicológicos, existindo em uma tensão dinâmica entre construções históricas universais e particularidades individuais. Como ele afirma, já anteriormente citado, "tenho consciência de mim mesmo somente na medida em que para mim sou outro" (Vygotsky, 2004, p.18).

Ao explorar os fundamentos teóricos do Círculo de Bakhtin sobre a consciência, encontramos uma perspectiva profundamente social e semiótica. Para o pensador russo, a consciência não existe no vácuo - ela emerge e se materializa através dos signos que são gerados coletivamente nas interações sociais. Como ele próprio enfatiza em sua obra fundamental: "os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social." (Bakhtin, 2006, p.34).

Quando analisamos as contribuições de Bakhtin e Vygotsky sobre linguagem, percebemos como ambos a concebem como elemento crucial na formação da identidade. Na visão de Vygotsky (2004), existe uma relação dialética: o indivíduo é simultaneamente produto e produtor de significados culturais. Os signos atuam como pontes nas relações sociais, permitindo a comunicação através do processo de significação, que engloba tanto significados quanto sentidos. É no terreno comum das significações culturais que a linguagem reflete realidades sociais específicas, carrega a evolução histórica da consciência e possibilita a criação de novos sentidos.

No pensamento do Círculo de Bakhtin (2006), a linguagem transcende sua função básica, manifestando-se como dialogismo - um conceito que abrange as complexas relações discursivas entre ser humano e mundo, natureza, e conhecimento. Este dialogismo se materializa na interação entre diferentes discursos, gerando significados. O discurso escrito participa ativamente de um amplo debate ideológico, respondendo, refutando, confirmando e antecipando outras vozes. Os discursos, produzidos em contextos específicos de enunciação, estabelecem formas de intercâmbio social que não apenas conectam o eu aos outros, mas também veiculam perspectivas ideológicas.

Para verdadeiramente compreender as teorias de Bakhtin e Vygotsky como intentamos e estamos apresentando há tantas páginas nesta tese, precisamos reconhecer profundamente a centralidade do outro em nossa existência. Isso vai além de um simples reconhecimento superficial, já que se trata de entender o outro como parte intrínseca de nós mesmos. É uma presença que nos completa e ressoa em nossa própria existência. Nossa consciência do mundo está inevitavelmente entrelaçada com nossa consciência do outro, numa relação de complementaridade que, paradoxalmente, permanece sempre em construção, refletindo a natureza histórica e dinâmica do ser humano. É isso que ambos os pensadores russos compreenderam, analisaram, pesquisaram e trouxeram até nos, inspirando outros pesquisadores e ampliando horizontes de pesquisa.

Quadro 5. Comparativo das ideias de Vygotsky e Bakhtin sobre linguagem, subjetividade e interação social

Aspectos	Vygotsky	Bakhtin / Círculo de Bakhtin
Subjetividade	A subjetividade é moldada pelo convívio social, nascendo das relações e dos signos que o sujeito absorve ao longo de sua trajetória.	O sujeito é um ser em diálogo, construído na troca com o outro e com o mundo, sempre plural, responsivo e em aberto.
Consciência	A consciência surge nas interações sociais e se forma por meio de signos, especialmente a linguagem, que conecta o sujeito ao outro.	A consciência é tecida pela linguagem social, nascendo no diálogo. Não existe isolada, mas entrelaçada com ideologias e vozes coletivas.
Linguagem	A linguagem é uma ferramenta poderosa que organiza o pensamento e impulsiona o desenvolvimento humano, sendo essencial para a aprendizagem.	A linguagem é uma prática viva, carregada de vozes e valores, nunca neutra, mas repleta de ideologia e posicionamentos sociais.

Signo e ideologia	Os signos, como palavras e objetos simbólicos, guiam o funcionamento da mente. A ideologia está presente, mas aparece mais nas entrelinhas da cultura.	Todo signo é carregado de ideologia, refletindo as vivências e disputas sociais. A palavra é o palco onde essas tensões se manifestam.
Mediação e desenvolvimento	O desenvolvimento acontece por meio da linguagem e outras formas de mediação. A ZDP é o espaço onde o sujeito cresce com a ajuda do outro.	O desenvolvimento surge no diálogo com o outro. A linguagem transforma a experiência ao refratar a realidade em interações compartilhadas.
Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)	A ZDP é a distância entre o que o sujeito já sabe e o que pode aprender com apoio. O outro mais experiente é essencial nesse processo.	Sem usar o termo ZDP, o dialogismo destaca o outro como peça-chave na construção do sujeito, catalisando sentidos e ações no diálogo.
Relação entre sujeito e outro	O outro é um guia para o conhecimento, e a internalização das relações sociais dá forma à mente e à consciência.	O outro é essencial para o eu. A subjetividade nasce na troca, na resposta mútua, e cada palavra é sempre dita para alguém.
Reflexo e refração	A linguagem conecta o mundo externo ao interno, refletindo percepções e respostas intelectuais de forma mais direta.	A linguagem não só reflete, mas refrata a realidade, criando visões de mundo diversas, carregadas de ideologia e contradições.
Formação da consciência de si (autoconsciência)	A autoconsciência surge como um reflexo das relações com os outros. Só me vejo porque enxergo o outro.	A consciência de si nasce no diálogo com o outro, atravessada por vozes sociais que tensionam e moldam o eu.
Educação e aprendizagem	Aprender é um processo de troca. O professor media o encontro do aluno com o conhecimento, e a linguagem transforma esse caminho.	A educação é um espaço de diálogo onde sentidos e saberes são construídos juntos, valorizando cada voz que ecoa na sala de aula.

Fonte: Elaboração própria com base em Vygotsky (2001; 2004), Bakhtin (2006; 2003), Faraco (2006; 2009), Freitas (1996; 1997), Severo (2007), Wertsch (1988), Ponzio (2008).

8. CONCLUSÃO: ETERNO DEVIR DA COMPREENSÃO HUMANA EM VYGOTSKY E BAKHTIN

Imagine dois personagens de Michelangelo Antonioni, cineasta italiano do meio do século XX. Eram seres melancólicos que povoam seus filmes, cercados de conforto material, mas vazios de conexão humana. Eles se movem pelos mesmos espaços, respiram o mesmo ar, mas vivem em mundos paralelos, entretanto suas palavras se perdem no vazio, seus olhares se cruzam sem se encontrar. É a incomunicabilidade feita arte.

Antonioni sabia disso como poucos. Seus filmes nos mostram personagens que, apesar de socialmente ativos e sem problemas financeiros, carregam uma miséria interior devastadora. Eles falam, mas não se comunicam. Tocam-se, mas não se conectam. Vivem juntos, mas permanecem sozinhos.

O mestre italiano tinha um talento peculiar para capturar esse vazio existencial. Suas câmeras se demoram em paisagens desertas, rostos apáticos, objetos que parecem ter mais vida que as pessoas. Os diálogos se esvaem em silêncios pesados. Os finais ficam suspensos no ar, como perguntas sem resposta, forçando-nos a preencher os vazios com nossa própria angústia.

Curiosamente, essa mesma incomunicabilidade que Antonioni retratava nas telas estava acontecendo no mundo acadêmico entre dois gigantes do pensamento: Bakhtin e Vygotsky. Por décadas, eles pareciam personagens de um filme do cineasta italiano — próximos no tempo e no espaço, compartilhando inquietações similares sobre linguagem e consciência, mas aparentemente incapazes de se comunicar.

Era como se estivessem em lados opostos de uma parede de vidro, cada um desenvolvendo ideias que dialogavam perfeitamente com as do outro, sem que houvesse evidência de que se conheciam. Vygotsky morreu jovem, em 1934, deixando sua obra inacabada. Bakhtin viveu décadas a mais, mas suas ideias sobre dialogismo e responsividade pareciam ecoar no vazio, sem encontrar eco nas teorias vygotskianas.

Durante anos, estudiosos se perguntaram: será que eles se conheciam? Será que suas teorias nasceram de um diálogo real ou apenas de coincidências intelectuais? Era o tipo de mistério que deixaria Antonioni fascinado — dois pensadores unidos pela mesma paixão pela linguagem, mas separados por um silêncio histórico.

Mas então algo mudou. Como em um filme de Antonioni onde a verdade surge nos últimos minutos, descobrimos que a incomunicabilidade era apenas aparente. As pesquisas que empreendemos revelam que Vygotsky havia lido Volóchinov — aquele membro enigmático do Círculo de Bakhtin cuja autoria se confunde com a do próprio Bakhtin. Não era mais um caso de dois gênios trabalhando isoladamente. Era a história de um diálogo secreto, de influências sutis, de uma comunicação que existia, mas que levou décadas para ser reconhecida pelos pesquisadores.

Vygotsky conhecia as ideias que circulavam no Círculo. Talvez tenha lido o próprio Bakhtin, talvez tenha absorvido suas ideias através de Volóchinov ou outros membros do grupo. O importante é que o diálogo existia — não como uma conversa face a face, mas como aquele tipo de comunicação profunda que acontece quando uma mente encontra outra através do tempo e do espaço.

Diferentemente dos personagens de Antonioni, condenados ao isolamento eterno, Bakhtin e Vygotsky finalmente se encontraram — não na vida, mas na história das ideias. Suas teorias revelaram-se complementares, suas visões sobre linguagem e consciência mostraram-se profundamente conectadas. Era como se, depois de décadas assistindo a um filme mudo, finalmente tivéssemos descoberto a trilha sonora. O diálogo sempre esteve lá, esperando para ser ouvido. A comunicação existia, precisava apenas ser reconhecida.

Esta descoberta transforma nossa compreensão não apenas destes dois pensadores, mas do próprio processo de construção do conhecimento. Mostra que as ideias viajam por caminhos misteriosos, que o diálogo intelectual transcende os encontros físicos, que a verdadeira comunicação pode acontecer mesmo quando não há evidências óbvias de contato direto.

Antonioni ficaria orgulhoso: às vezes, o que parece incomunicabilidade é apenas comunicação esperando para ser decifrada. São as jornadas que as pessoas vivem em suas vidas, sendo que algumas se tornam personagens da história. Modestamente, gostaríamos de nos inscrever na história desses dois grandes pensadores. Com esta tese.

Esta jornada começou com uma pergunta que, de certa forma, não esperava ser completamente respondida: é possível fazer Vygotsky e Bakhtin conversarem? O que descobrimos ao longo desta pesquisa foi algo mais profundo que uma simples resposta afirmativa. Aferimos que eles já estavam conversando - através do tempo,

através de inquietações compartilhadas, por meio de leituras um do outro e de obras afins, através da própria natureza dialógica do pensamento humano.

Quando nos debruçamos sobre os escritos de ambos, algo começou a se desenhar: duas mentes brilhantes, moldadas pelo mesmo contexto histórico turbulento da Rússia soviética, chegando a conclusões surpreendentemente convergentes sobre o que nos torna humanos. Para Vygotsky, éramos seres histórico-culturais cuja consciência se forjava na relação com o outro. Para Bakhtin, éramos vozes em diálogo permanente, incapazes de existir fora da palavra compartilhada.

Não se tratava apenas de teorias complementares - era como se estivessem olhando para a mesma paisagem de ângulos diferentes, cada um revelando aspectos que o outro intuía, mas não conseguia capturar completamente. A linguagem interior de Vygotsky ecoava no dialogismo interno de Bakhtin. A zona de desenvolvimento proximal encontrava seu par na responsividade do enunciado. O signo ideológico bailava com as funções psicológicas superiores numa dança teórica que nenhum dos dois chegou a coreografar conscientemente.

Talvez a maior revelação desta pesquisa tenha sido perceber que o diálogo entre esses autores não precisava ser inventado: ele precisava ser *reconhecido*. Era como encontrar uma conversa já em andamento e finalmente conseguir ouvir suas vozes com clareza. Ambos estavam dizendo, cada um à sua maneira, que somos feitos de palavras alheias que se tornam nossas, que a consciência não é um território privado, mas um espaço público onde as vozes se encontram e se transformam.

Quando entramos em uma pesquisa, algo fascinante acontece: deixamos de ser meros observadores para nos tornarmos parte de um diálogo vivo. Bakhtin (2003) chamou isso de "excedente de visão" - uma forma especial de enxergar que vai muito além do que nossos olhos captam. É como se, de repente, pudéssemos ouvir as vozes que ecoam nos documentos, nas práticas, em tudo aquilo que investigamos. Vygotsky (2001) já nos mostrava que aprendemos sempre em relação com outros: nunca sozinhos. Essa descoberta revolucionária se aplica também à pesquisa: nosso conhecimento nasce do encontro com as múltiplas vozes que habitam nosso objeto de estudo. É um processo de mediação constante, onde a palavra do outro nos transforma e nos ajuda a compreender melhor o mundo.

Aqui está o ponto crucial que Bakhtin (2006) nos revela: aqueles documentos oficiais que parecem tão neutros e imparciais? Eles estão repletos de vozes, de

posicionamentos, de escolhas ideológicas que precisam ser desveladas. É como tirar uma máscara e descobrir que por trás dela há muito mais do que imaginávamos.

Nas pesquisas em educação, trabalhamos com algo extraordinariamente vivo: nossos objetos de estudo falam conosco. Eles não são mudos, como observa Bakhtin (2003). Carregam histórias, significados, intenções que se manifestam através da linguagem. Vygotsky (2001) complementa essa visão mostrando como os fenômenos humanos são sempre carregados de símbolos e signos que contam a história de uma época inteira.

Por isso, só conseguimos realmente compreender esses objetos quando abraçamos o diálogo genuíno com eles. E aqui vem uma verdade libertadora: nossa compreensão nunca estará completa - e isso não é um problema, é uma característica. Tanto nós quanto aquilo que estudamos estamos sempre em movimento, sempre nos transformando. Como Bakhtin (2006) nos ensina, somos seres inacabados, e isso se reflete em tudo o que investigamos no campo das Ciências Humanas.

Esta compreensão mudou a forma como enxergamos não apenas a educação, mas a própria condição humana. Se Vygotsky nos ensinou que aprendemos na relação, Bakhtin nos mostrou que essa relação é sempre um evento único, irrepetível, carregado de valores e significados que se constroem no próprio ato de dizer.

Esta tese nasceu da curiosidade intelectual, mas cresceu com a certeza de que suas implicações ultrapassam os muros da universidade. Quando compreendemos que a linguagem é constitutiva do humano — não apenas sua ferramenta, mas sua própria essência —, repensamos a educação, as relações sociais, os processos de formação. Cada aula se torna um evento dialógico, cada encontro pedagógico uma possibilidade de transformação mútua.

As vozes de Vygotsky e Bakhtin nos convidam a resistir à tentação da palavra final, do conhecimento empacotado, da verdade absoluta. Elas nos chamam para a incompletude produtiva, para o diálogo que não busca consenso, mas compreensão; não busca encerramento, mas abertura. Seria uma contradição fundamental encerrar esta tese com conclusões definitivas. Bakhtin nos ensinou que toda palavra autêntica espera uma resposta e Vygotsky nos apresentou que o desenvolvimento humano nunca se completa, sempre pode ser potencializado pela mediação adequada. Assim, estas páginas não são um ponto final, mas uma vírgula numa conversa que esperamos que continue.

As limitações desta pesquisa são, paradoxalmente, suas maiores virtudes. Não abordamos todos os aspectos possíveis bem como não esgotamos todas as articulações; não respondemos a todas as possibilidades que um ideal desta envergadura exige. E isso é proposital. Cada lacuna é um convite para outros pesquisadores, outras vozes, outras perguntas que ainda não foram feitas.

Terminamos este trabalho com a mesma inquietação com que começamos, mas agora ela é mais madura, mais consciente de suas possibilidades. Se conseguimos fazer Vygotsky e Bakhtin dialogarem nestas páginas, nosso próximo desejo é que outros se juntem a esta conversa. Que professores encontrem aqui inspiração para práticas mais dialógicas. Que pesquisadores vejam possibilidades de articulação que nós não observamos. Que estudantes sintam-se convidados a questionar, a discordar, a complementar.

A palavra, como nos lembra Bakhtin, nunca é nossa por inteiro, já que ela vem carregada de outros usos, outros contextos, outras intenções. Mas quando a pronunciamos de forma autêntica, ela se renova, ganha novas possibilidades de sentido. É isso que esperamos ter feito com as palavras de Vygotsky e Bakhtin: não as tornamos nossas, mas as renovamos no encontro; fizemo-las ressoar de formas talvez inéditas.

Esta tese é, antes de tudo, um ato de fé na potência do diálogo. Fé de que o encontro genuíno entre ideias pode gerar novos sentidos, novas possibilidades, novos caminhos. Fé de que a linguagem, quando autêntica e responsiva, tem o poder de transformar não apenas quem fala, mas quem escuta.

E agora, caro leitor, a palavra é sua. Que respostas essas ideias despertam em você? Que novos diálogos se tornam possíveis a partir daqui? O que você faria diferente se levasse a sério a premissa de que somos todos, fundamentalmente, seres de linguagem?

A conversa continua. E isso, talvez, seja a mais bela conclusão a que podemos chegar: ainda que esta seja um conclusão, são apenas novos começos disfarçados de finais que acontecem através do grande tempo. "A mediação semiótica transforma nossa relação com o tempo, permitindo que transcendamos o presente imediato através da linguagem e dos signos"¹⁰⁷ e "A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo.(...) Cada pensamento e cada vida se fundem no diálogo

¹⁰⁷VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 101

inconclusível¹⁰⁸ — palavras de Vygotsky e Bakhtin que escolhemos como companhia neste momento de aparente encerramento que é, na verdade, uma abertura para todos os diálogos que ainda estão por vir.

¹⁰⁸ BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 p.348

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M.M; DUVAKIN, V. **Mikhail Bakhtin em diálogo** – Conversas de 1973 com Viktor Duvakin. São Carlos: Pedro & Joao Editores, 2008.
- BAKHTIN, M. **O freudismo**: um esboço crítico. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoievski**. Tradução direta do russo, notas e prefácio Paulo Bezerra. 4. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Forense, 2010.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. Prefácio Roman Jakobson. Apresentação Marina Yaguello. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, M. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas (1959-1961). In: BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 71-107.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes. 2003.
- BAKHTIN, M. **O freudismo**: um esboço crítico. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BAKHTIN, M. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas** (1ª ed., pp. 21-56). São Paulo: Editora 34, 2017.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**. Trad. A. F. Fernadini et al. 1. ed. São Paulo: UNESP/Hucitec, 1988.
- BEZERRA, P. Prólogo do tradutor. In: VIGOTSKY, Lev. **A construção do Pensamento e da Linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BOVO, A.C.L.; KUNZLER, A.P.; TOASSA, G. Da “Escola” ao “Círculo” de Vigotski: uma perspectiva historiográfica crítica. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 36, p. 1–23, 2019. DOI: 10.35699/1676-1669.2019.6842. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6842>. Acesso em: 21 maio. 2025.
- BRAIT, B. **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRANDIST, C. O dilema de Voloshinov: sobre raízes filosóficas da teoria dialógica do enunciado. In: CAMPOS, M. I. B.; SCHETTINI, R. (orgs.). **Repensando o Círculo**

de Bakhtin: novas perspectivas na história intelectual. São Paulo: Contexto, 2012, 181 p.

CARVALHO, A. M. A. (Org.). **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2004. p. 35-49.

COSTA, N. B. Contribuições do marxismo para uma teoria da linguagem. **D.E.L.T.A.** v. 16, n. 1, 2000, p. 27 – 54.

CHAUÍ, M. **Um convite à filosofia.** São Paulo: Ática, 1997.

CLARK, K; HOLQUIST, M. **Mikhail Bakhtin.** Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DANIELS, H. **Uma Introdução a Vygotsky.** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

DELARI JUNIOR, A. **Consciência e Linguagem em Vygotsky: Aproximações ao Debate sobre a Subjetividade.** 2000. 201f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

FARACO, C. A. Bakhtin: a aventura dialógica. IN: PAZ, F. M. *et al.* (orgs). **As aventuras do pensamento.** Curitiba: Ed. UFPR, 1993. p. 189-202.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo:** as ideias linguísticas de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FARACO, C. A. A ideologia no/do Círculo de Bakhtin. IN: PAULA, L.; STAFUZZA, G. (orgs.). **Círculo de Bakhtin:** pensamento interacional. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. p.167-182.

FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin:** conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

FICHTNER, B. **Introdução na abordagem histórico-cultural de Vygotsky e seus Colaboradores.** Apostila para curso ministrado para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. 2010. 102 p.

FIGUEIREDO, L. C. M. **Matrizes do conhecimento psicológico.** Petrópolis: Vozes, 1991.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das ciências humanas / Michel Foucault; tradução Salma Tannus Muchail. — 8ª ed. — São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREITAS, M. T. A. **Vygotsky e Bakhtin –** Psicologia e educação: Um intertexto. São Paulo, Ática, 1996.

FREITAS, M. T. D. A. **O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil.** Papirus, 2005.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Nos textos de Bakhtin e Vygotsky: um encontro possível. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p.311-330.

GERALDI, J.W. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In: FREITAS, M.T. *et al.* (orgs.). **Ciências humanas e pesquisas: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003.

GONÇALVES, M. G. M. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In: BOCK, A. M. B. (org.) **Psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 37-52.

GOÉS, M. C. R.; CRUZ, M. N. Sentido, significado e conceito: notas sobre as contribuições de Lev Vygotsky. **Pro-Posições**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 31-45, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pp/a/BJ7DJG9DJYHTJBJ8Q9DH9QJ8/?lang=pt>>. Acesso em: 04 jan. 2025.

IVIC, I. **Lev Semionovich Vygotsky**. Ivan Ivic; Edgar Pereira Coelho (org.) – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

KELLOG, D. **‘Classic Book’ Review**. International Journal of Applied Linguistics, v. 19, n. 1, 2009. Disponível em: https://lchc.ucsd.edu/mca/Mail/xmcamail.2009_03.dir/pdfECNR4Oa1nF.pdf Acesso em 10/11/2024.

LORDELO, L. R.; TENÓRIO, R. M. A consciência na obra de L. S. Vygotsky: análise do conceito e implicações para a Psicologia e a Educação. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v.14, n.1, p. 79-86, 2010.

LUCCI, M. A. (2006). Proposta de Vygotsky: psicologia sócio-histórica. Profesorado. **Revista de currículum y formación del profesorado**, v.10, n. 2, p. 1 – 11, 2006). Disponível em: <https://www.ugr.es/~recfpro/rev102COL2port.pdf> Acesso em 07 ago. 2024.

MARQUES, P. N. Apresentação à edição brasileira. In: Orgs: RIEBER, R.W.; ROBINSON, D.K. (orgs.). tradução de Priscila Nascimento Marques e Caesar Souza Vygotsky, Lev. S. **O essencial de Vygotsky**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

MARX, K.; ENGELS, F. **Obras Escolhidas**. Vol. I. Lisboa: Avante!; Moscou: Progresso, 1982. A Versão do texto utilizada foi disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1922/03/12-1.htm> Acesso em 28 ago. 2024.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012. 269 p.

MIOTELLO, V.; DI CAMARGO JUNIOR, I. Bakhtin e Vygotsky: relações dialógicas em torno da educação. **Caderno de Ensino, Linguagens e suas Tecnologias**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 135-154, jul./dez. 2023. In: <https://revistascientificas.ifrj.edu.br/index.php/celte/article/view/2366> , acesso em 21 de fev. 2025.

MIOTELLO, V. **Bakhtin e o lugar da linguagem na psicologia**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. 95p.

MOLON, S. I. **Subjetividade e Constituição do Sujeito em Vygotsky**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORATO, E. M. Vigotski e a perspectiva enunciativa da relação entre linguagem, cognição e mundo social. **Educação & Sociedade**, v.21, p. 149 – 165, 2000.

NEWMAN, F.; HOLZMAN, L. **Vygotsky: cientista revolucionário**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

ORNELLAS, C. A. **A presença de Mikhail Bakhtin em dissertações de mestrado e teses de doutorado, em Letras, da USP e PUC/SP, no período de 1972 a 1996**. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

PINO, A. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. **Cadernos CEDES**, Campinas, n.24, v.1, p. 32-43, 1991.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. Trad. Coordenada por Vladimir Miotello. São Paulo: Contexto, 2008.

RADZIKHOVSKI, L.A. Komentarii [Comentaries]. In: L.S. Vygotskii, Sobranie sochinenii torn 2. **Problemy obshchei psilologii** [The Collected Works os L. S. Vygotsky, v.2: Probloemas in General Psychology]. Moscow: Pedagogika, 1982, pp.480-491.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

REY, F. L. G. Reflexões sobre o desenvolvimento da psicologia soviética: focando algumas omissões da interpretação ocidental. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 263-271, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000200003>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000200003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 05 jul. 2024.

REY, F. L. G. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Thomson, 2003.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

STALIN, Jo. **Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico**. Rio de Janeiro: Edições Horizonte, 1945. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/stalin/1938/09/mat-dia-hist.htm> Acesso em 29 ago.2024

SEVERO, C. G. Por uma aproximação entre Bakhtin e Hannah Arendt. **Revista de Ciências Humanas**, 2007, n.41, v. 1 – 2, p. 59-81, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacf/article/view/15622> Acesso em: 10 jan. 2025.

SIRGADO, A. P. O social e o cultural na obra de Vigotski. **Educação & Sociedade**, v.21, p. 45 – 78, 2000.

SMOLKA, A. L. B; LAPLANE, A.L.F. Processos de Cultura e Internalização. **Revista Viver-mente e cérebro**. (Coleção Memória da pedagogia –VYGOTSKY). São Paulo: Duetto Editora, n.2, p. 77-83, 2005.

TEZZA, C. **Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

TOASSA, G. Nem tudo que reluz é Marx: Críticas stalinistas a Vigotski no âmbito da ciência soviética. **Psicologia USP**, v.27, n.3, p. 553-563, 2016. <https://doi.org/10.1590/0103-656420140138>

TCHOUGOUNNIKOV, S. O Dialogismo e a Paleontologia da Linguagem: o Círculo de Bakhtin na episteme soviética. **Revista Conexão Letras**, v. 1, n. 1, p. 1 – 25, 2015. DOI: 10.22456/2594-8962.55657. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55657>. Acesso em: 29 ago. 2024.

VAN DER VEER, R; VALSINER, P. **Understandig Vygotsky: A Quest for Synthesis**. Oxford: Blackwell, 1991.

VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. **Vygotsky: Uma síntese**. São Paulo: Loyola, 1996.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução de: José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **O essencial de Vigotski**. Orgs: Robert W. Rieber, David K. Robinson; tradução de Priscila Nascimento Marques e Caesar Souza. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

VYGOTSKY, L.S. **Teoria e método em psicologia**. tradução Claudia Berliner. -3u ed. -São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VYGOTSKY, L.S. **Psicologia Pedagógica**. Trad. Claudia Schilling - Porto Alegre: Artmed, 2003.

VYGOTSKY, Lev. S. **Obras Escogidas**, Tomo III [1931]. Madrid: Visor, 1995.

VIGOTSKI, Lev S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

VIGOTSKI, L.S. **História do desenvolvimento das funções mentais superiores**. São Paulo: Martins, 2021.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes,

2008, p. 101.

VYGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKY, L.S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. (orgs.). **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Penha Villalobos. 2. ed. São Paulo: Ícone, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **Teoria e método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VYGOTSKY, L. S. (1979) Consciousness as a problem in the psychology of behavior, tradução de M. Cole, Soviet Psychology, nº 4, p.3-35. *Apud* FREITAS, M. T. de A. **Vygotsky e Bakhtin – Psicologia e educação: Um intertexto**. São Paulo, Ática, 1996.

VYGOTSKY, L. S. O significado histórico da crise da psicologia. In: VYGOTSKY, L. S. **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VYGOTSKI, L. S. (1930) La psique, la conciencia, el inconsciente. En: L. S. Vigotsky. **Obras Escogidas**, Tomo I, 95-110. Madrid: Aprendizaje Visor y Ministerio de Educación y Ciencia, 1991. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4283975/mod_folder/content/0/Obras_escogidas_TOMO__1.pdf?forcedownload=1 Acesso em 08 nov. 2024.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKY, L. S.; LEONTIEV, A.; LURIA, A. R. *et al.* **Psicologia e Pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. Trad. Rubens Eduardo frias. São Paulo: Centauro, 2005b.

VYGOTSKY, L. S. Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, São Paulo, v. 71, n. 21, p. 23-44, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/hgR8T8mmTkKsNq7TsTK3kfC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 16 de janeiro de 2024.

VOLOCHINOV, V.N. A construção da enunciação (1930). In: **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013, p. 157-188.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem** Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, Notas e Glossário Sheila Grillo; Ekaterina V. Américo. Ensaio introdutório Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

WELLS, G. **Indagación dialógica: hacia una teoría y una práctica socioculturales de la educación**. Barcelona: Paidós, 2001.

WERTSCH, J. V. **Vygotsky y la formación social de la mente**. Buenos Aires; Paidós; 1988. 264 p.

WERTSCH, J. La mediación semiótica de la vida mental: L. S. Vigotsky y M. M. Bajtín. In: SCHNEUWLY, B; BRONCKART, J-P. (Coordinadores). **Vigotsky hoy**. Trad. Miguel Sautié. Madrid. Editorial, S.A., 2008

ZANDWAIS, A. Bakhtin. Voloshinov: condições de produção de Marxismo e filosofia da linguagem. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 97-116.